

ANA CARINA BARON ENGERROFF

DO PE OR NOD DO PE
— o macarrônico alemão de *A Manha* —

Florianópolis - SC, 2007.

ANA CARINA BARON ENGERROFF

DO PE OR NOD DO PE

— o macarrônico alemão de *A Manha* —

Dissertação apresentada à UFSC como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Teoria Literária.

Orientador: Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela

Florianópolis - SC, 2007.

À minha mãe, que fez da biblioteca um lugar importante da casa, que me deixava abrir com curiosidade e alegria os pacotes do Círculo do Livro.

AGRADECIMENTOS

Ao Capela, por todos esses anos de tranqüila e dedicada orientação;

Ao CNPq e à CAPES, pelo financiamento de meus anos de pesquisa;

À Coordenação e aos demais responsáveis pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, pelo apoio e pela paciência;

Aos queridos Fábio, Januário, Keli e Ieda, com quem dividi os deliciosos anos de graduação e agora divido taças de vinho, idéias e leituras;

Ao Jean, amigo e amor;

À minha família, que está ao meu lado, sempre, e que muitas vezes riu comigo dos textos em macarrônico, lembrando dos parentes “alemães”.

RESUMO

Durante a primeira metade do século XX, no Brasil, periódicos humorísticos veicularam textos cuja autoria suposta era atribuída a não-nacionais. A linguagem procurava representar o modo peculiar de falar desses grupos, caracterizando um gênero que chamamos de **macarrônico**.

Seguindo a tradição da revista paulistana *O Pirralho* (1911-1914) que publicava a página “O Biralha”, no jornal carioca *A Manhã* (1926-1952), produzido por Aparício Torelly (o Barão de Itararé), destacou-se o “Zubblemend to Alle... manho” que também trazia artigos variados em **macarrônico do alemão**. Construía-se a representação dos personagens através de alguns traços estereotípicos como o germanismo, a postura intelectualizada e a paixão pelo chope.

Essa intensa e extensa produção apresentou transformações com o decorrer do tempo, o que permitiu sua divisão em três fases distintas: do surgimento da página até outubro de 1930, de novembro de 1930 a 1937 e de 1945 a 1947.

Durante a segunda fase, a abordagem do tema do nazismo colocou em xeque o nacionalismo germânico e problematizou a representação do alemão. Mas foi a divulgação de um posicionamento político esquerdista, na última fase, que comprometeu de fato a sustentação da página.

O período de 1931 a 1933 apresentou os textos que melhor exploraram o hibridismo cultural, deslocando os estereótipos estabelecidos, confrontando a cultura popular e erudita, questionando e entrecruzando as identidades nacionais e não-nacionais.

Através de um complexo arranjo textual, brasileiros se travestiram de alemães, pretensamente incorporando um modo de olhar marcado pela alteridade, e projetaram julgamentos sobre si e sobre o outro. Esse jogo garante ao até hoje ao macarrônico do alemão seu vigor.

Palavras-chave: Literatura macarrônica. Representação de não-nacionais. Macarrônico do alemão.

ABSTRACT

In the first half of the 20th century in Brazil, a few newspapers published humoristic texts whose assumed authors were non-nationalists. The languages and expressions used in these texts portrayed the unusual way certain ethnic groups communicated in Brazil. These texts characterized a literary genre called “macarrônico”.

Following in the footsteps of the São Paulo magazine *O Pirralho* (1911 – 1914), which published the column “O Biralha” in the Rio de Janeiro newspaper *A Manhã* (1926 – 1952), produced by Aparício Torelly (known as *O Barão de Itararé*), “Zubblemend to Alle...manho” distinguished itself from the lot and also had many articles in German “macarrônico”. The characters’ profiles were constructed from a few stereotyped German features such as Germanism, intellectualized posture and a passion for beer.

This intense and broad practice changed as time went by. Eventually three different phases of “macarrônico” came to be: from the very beginning up until October 1930, 1930 to 1937 and 1945 to 1947.

During the second phase, the way Nazism was portrayed put into question the representation of German nationalism in these articles and also questioned the pertinence of depicting Brazilians of German descent altogether. It was the recurrent publishing of a left-leaning ideology in the last phase, however, which put a stop to this article.

It was between 1931 and 1933 when the texts best explored cultural hybridism. It changed the established stereotypes and confronted the popular and the erudite culture, thus questioning and intertwining the national and non-national identities.

With the publishing of various and complex articles, Brazilians were able to embody a German point of view characterized by an authoritative and judgmental attitude of others as much of themselves. This interaction assures the vigor of the German “macarrônico” up until the present day.

Key-words: Macarronic Literature. Non-national’s representation. German macarronic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 MACARRÔNICO DO ALEMÃO: TRAÇOS DE UMA TRADIÇÃO	14
1.1 Sprechen Sie Portugiese?	32
CAPÍTULO 2 TRAJETÓRIA MACARRÔNICA	40
2.1 O primeiro <i>xornal allemong</i>	43
2.2 “Zubblemend to Alle... manho”	49
2.2.1 <i>Uma produção em fases</i>	51
CAPÍTULO 3 ALTERIDADE EM CRISE	79
3.1 O nazismo	80
3.2 Temática política e engajamento	87
CAPÍTULO 4 SER OU NÃO SER	98
4.1 A voz dos macarrônicos	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	128

*“Nois deng gue figá firmes. Gueng esdá allemong, esdá allemong: gueng nong esdá
allemong, nong esdá!”*

“DO PE OR NOD DO PE” tice ung veis Richard Wagner. Alles uma Vaterland!!!”

“Deuschtum”, “Zubblemend to Alle... manho”, A Manhã, 11/09/1931.

“O que os olhos são para o amante [...] a língua é para o patriota.”

Benedict Anderson, Nação e consciência nacional, 1989.

“Estranhamente, o estrangeiro habita em nós.”

Julia Kristeva, Tocata e fuga para o estrangeiro, 1994.

INTRODUÇÃO

Heimatsgruss..

(SAUTADES TO MEU DÉRA...)
Inédito.

O! gue sautades gue eu deng
Te meu “Vaterland” guerrido,
Gwande eu bengsa no meu dera
Eu figa muide a poreside!..

Gwande eu estava griangse,
Eu e odres rabais
Nois pringava te becá,
Eu goría e elles adrais...

A chende chogava garêra,...
— Ganha gueng jêga brimerra —
Eu sembre estava no frende!
Era sembre a “tianderra”!

Acóra ...e! bucha tiabo!!!
O! gue sautades gue eu deng
To meu infangsie guerrido
Gue nunga mais nong veng!...

A dempo bassa licherra,
As annes vong te kalopp!
— Bucha tiabo! gue sautades!
Vomes pebê mais ung chopp...

CHICO BUECKEN.

Supomos que esse texto chegasse hoje às nossas mãos. Familiar na medida em que logo se pode identificá-lo como um poema, em um segundo momento, porém, fatalmente nos confrontaríamos com uma linguagem, no mínimo, estranha. A começar pelo título, somente decodificado por aqueles com algum conhecimento de língua alemã, o que se segue, como se verifica em um rápido olhar, são palavras aparentemente desconhecidas, em particular por sua combinação de letras, sua morfologia diferenciada. É muito provável que pensemos se tratar de outra língua que não o português, a despeito da presença da palavra “Inédito”, que pouco esclarece a respeito de que linguagem se trata.

Devido a essa aparente estranheira, há quem ache, à primeira vista, impraticável a tarefa de ler esse texto. Superada a resistência, porém, ao iniciar a leitura torna-se possível aos

poucos desvendar elementos que definem a natureza do poema. Mais do que simplesmente a decifração de um código de estranho aspecto, para compreendê-lo o texto demanda uma solução para várias questões por ele suscitadas, dentre as quais a inquietação em busca de identificar “quem fala” seja talvez a primeira que deva ser respondida. Entretanto, ainda que o leitor não encontre de imediato as respostas, já uma leitura em voz alta e atenta pode levar, mais cedo ou mais tarde, a uma primeira constatação: há no texto, ao contrário do que aparenta, algo sim de língua portuguesa, o que permite que seja lido por um brasileiro. A sonoridade das palavras carrega um quê de estranho e, ao mesmo tempo, familiar. É possível, então, reconhecer um “sotaque”, um diferente modo de falar português que, para aqueles que possuem tal referência cultural, é identificado como próprio de alemães ou de seus descendentes.

Assim, decodificadas as palavras e buscando a compreensão do conteúdo, logo nas primeiras linhas se percebe a referência a um texto conhecido, no caso o poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu, clássico da literatura romântica brasileira. A informação de que se trata de um “Inédito”, portanto, é relativizada, reforçando a faceta paródica do poema. Sem seguir à risca a poesia original, “Heimatsgruss..” parte da mesma inspiração temática que desencadeia um discurso nostálgico, de saudades da infância, e evoca logo de início outra dimensão, mais ampla, que é a da orfandade pátria, apresentada de forma mais sutil no primeiro. O tom também é outro, menos sentimental e lírico, graças à inserção de palavras e expressões evidentemente mais coloquiais como “tianderra” e “bucha tiabo”. Além disso, tal informalidade é coroada ao final quando se alude ao cenário onde o poeta se encontra — possivelmente uma mesa de bar.¹

Essa referência ao consumo do chope, próprio ao estereótipo mais usual atribuído aos alemães, assim como o uso de palavras como “Heimatsgruss” e “Vaterland” são, ainda,

¹ Em termos de ritmo e musicalidade, o poema em macarrônico alemão se aproxima muito mais da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, dados o mesmo esquema de rimas, os versos heptassílabos e a estrutura em quartetos.

recursos que no decorrer da leitura podem servir de pista para a identificação da origem do suposto autor do texto, uma vez que, há que se considerar, o reconhecimento da voz autoral como sendo de um suposto alemão não necessariamente se dá de modo imediato. Combina-se, então, uma série de elementos discursivos que nos permitem compor essa representação incomum do “eu-lírico”, chave para que se compreenda o poema.

Não bastasse o texto se constituir de uma linguagem não comumente representada na escrita e, em geral, razão de estranhamento (o sotaque do *outro*, enquanto se mantém como diferença, não passa despercebido), encontram-se ali termos que, dada sua coloquialidade, subvertem o espaço poético, ou melhor, destoam do teor sentimental que a alusão a “Meus oito anos” deveria introduzir. Essa forte marca da oralidade torna-se um dos fatores responsáveis pelo efeito cômico do texto e é justamente a principal propriedade que o distingue. Mais ainda, sua peculiaridade consiste em caracterizar-se como a representação escrita de uma linguagem exclusivamente oral, não-oficial e transitória. Trata-se, como se vê, de um *híbrido*, um texto que mescla linguagens e referências culturais, colocando em xeque as fronteiras entre oralidade/escrita, coloquial/literário, formal/informal, alemão/brasileiro, essa última questionada também através do nome do poeta — “Chico Buecken”.

Se, de um lado, pode-se esperar que pelo menos parte dessas relações seja operada pelo leitor ao confrontar-se com esse texto, é muito provável também que para alguns ele não se desvele da mesma maneira, arriscando tornar-se estéril por sua opacidade. O compartilhamento de referenciais como o suposto “sotaque” alemão e o poema de Casimiro de Abreu nesse caso é fundamental, mas cada vez mais problemático hoje. Daí que a criação de um texto como esse parece depender de um contexto em que certas condições estivessem garantidas.

“Heimatsgruss..” tem sim seu lugar específico — foi publicado no semanário humorístico *A Manha* em 11 de setembro de 1931, no Rio de Janeiro. Integrava o

“Zubblemend to Alle... manho”, página exclusiva para textos escritos assim, em, como chamamos, **macarrônico do alemão**. Em torno do poema, faziam-lhe companhia outros artigos e notas: “Gom os griangsinhes”, “Deutschtum”, “Graf Zeppelling”,..., todos com essa mesma linguagem, criando um espaço de dissonância no jornal, de modo a instituir ali uma página supostamente germânica. Da mesma forma, além dos textos escritos normalmente em português, o periódico contava com outros suplementos dedicados a grupos não-nacionais — particularmente portugueses e italianos—, o que tornava possível então que diferentes vozes convivessem lado a lado, como que formando pequenos jornais dentro de um mesmo jornal.

Embora essas seções fossem nomeadas como lugares próprios desses grupos, não se dirigiam a eles e sim a brasileiros, algo facultado pela utilização da língua portuguesa como substrato na criação dos textos. Tratava-se, portanto, quase sempre da tentativa de representação da linguagem utilizada por “estrangeiros” pertencentes a nacionalidades de destaque no movimento imigratório do Brasil quando estes procuravam se expressar na língua local. Por isso essas falas aludiam a “sotaques” conhecidos que permitiam a identificação dos personagens como supostos alemães, italianos, portugueses ou “turcos”, para citar os principais grupos que eram contemplados em *A Manhã*.

Esses macarrônicos não eram um tipo de produção textual exclusivo desse jornal, ao contrário, tinham como precedentes outros já publicados no periódico carioca *Careta* (1908-1960), nos paulistanos *O Pirralho* (1911-1917), *O Queixoso* (1915-1916), *A Vespa* (1916) e, posteriormente o *Diario do Abax’o Piques* (1933). A seu modo, passavam a compor também o que podemos chamar de **tradição macarrônica brasileira**, uma produção marcada pela natureza jornalística e baseada nos mesmos artifícios gerais de composição textual: atribuição da autoria dos textos a personagens de origem quase sempre não-nacional, linguagem híbrida como principal modo de representação dos autores supostos dos textos, abordagem de temas cotidianos e recriação de textos da tradição cultural brasileira e ocidental. Por trás dessa

galeria cômica encontravam-se jornalistas como Leal de Souza, Bastos Tigre, Oswald de Andrade, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, Horácio Campos e Aparício Torelly, ou melhor, Barão de Itararé, como era conhecido, dono, editor e principal redator de *A Manhã*.

A irreverência, a criatividade, o talento e a perspicácia de Aporelly talvez possam explicar a grande popularidade e os doze² anos de circulação de *A Manhã*.³ Durante a maior parte desse período, três das oito páginas do jornal eram dedicadas a textos em macarrônico, o que é um dado significativo e instigante. O que ali que podia interessar tanto aos leitores? Em se tratando do “Zubblemend to Alle... manho”, quais razões permitiram que tivesse publicação tão longínqua no Rio de Janeiro, cidade não caracterizada pela presença massiva de alemães e, portanto, aparentemente mais distante de possíveis relações e trocas culturais com esse grupo?

A leitura de “Heimatsgruss..” suscita várias questões, desde as mais básicas, referentes ao próprio contato direto com o texto e à tentativa de decifrá-lo, até outras como indagações sobre a instância autoral, o contexto de produção, os modos de operação textual, os efeitos prováveis e possíveis e a relevância de lê-lo tantos anos depois, perguntas que se projetam para toda a produção macarrônica do alemão em *A Manhã*.

Se é possível ler assim, hoje, um texto como esse e, de outra forma nos anos 30, as reflexões aqui propostas não só querem cruzar esses olhares, essas diferentes leituras, mas carregá-los ainda mais de sentidos outros, alicerçados, por exemplo, em pensares teóricos do presente que mais do que nunca voltam seu olhar para a representação da alteridade. Longe de “explicar a piada”, de comprometer os efeitos cômicos desmontando os textos! O que se quer

² Número aproximado, calculado a partir das cópias de *A Manhã* situadas na Biblioteca Nacional. Grosso modo, afirma-se que o jornal circulou de 1926 a 1937 e de 1945 a 1952, mas devido às várias interrupções ocorridas, doze anos representa um dado mais preciso.

³ Fruto desses atributos é inclusive a apropriação de si como personagem, a criação do Duque de Itararé, que logo, por uma questão de modéstia, desceria ao título de Barão. Sua afinação com os fatos contemporâneos lhe permitiu aproveitar criativamente a esperada e frustrada batalha de Itararé, não ocorrida em 1930. Sua competência justifica-se, além disso, no fato de ter escrito o jornal quase inteiro durante os primeiros anos de circulação (FIGUEIREDO, Claudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.16).

é ler novamente, de *outro* modo (algo que não é possível precisar), encontrando talvez novas razões para rir, mas com certeza potencializando dizeres diversos, permitindo-se jogar o jogo (que já não é o mesmo) proposto por esses textos. Essas são piadas “que não gastam”, pelo menos por enquanto. Além disso, tal leitura quer trazer à luz esses textos, esquecidos em arquivos de museu, e repensar sua importância — não são, desse ponto de vista, meros textos cômicos.

CAPÍTULO 1 – MACARRÔNICO DO ALEMÃO: TRAÇOS DE UMA TRADIÇÃO

Falar em manifestações de uma “literatura macarrônica” no Brasil pode parecer uma novidade. Talvez lembremos do popular personagem Juó Bananére, mas reconhecer que de fato houve uma **tradição macarrônica brasileira** causa surpresas.

O que possibilita estabelecer o conceito de “tradição”, nesse caso, é a quantidade nada desprezível de textos e a recorrência de seu aparecimento, mesmo que em periódicos diversos, na primeira metade do século XX. O vasto tempo de publicação, a profusão de textos, a abrangência — ao circular tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro—, ao lado da continuidade gerada pelos diversos escritores que dela se ocuparam, autorizam a pensar no estabelecimento de uma tradição. As características estilísticas e formais dos textos, suas principais propriedades definidoras, cruzadas com esses fatores levantados, permitem-nos considerar ainda o macarrônico um **gênero textual** específico⁴.

É Otto Maria Carpeaux, em seu ensaio “Uma voz da democracia paulista”, quem primeiro fala de uma literatura macarrônica produzida no Brasil. Ao comentar a produção de Juó Bananére, apontou que não se tratava do uso de um dialeto ítalo-paulistano, mas sim de uma “mistura intencional e literária para fins parodísticos” a que chamou de macarronismo⁵. Baseado de forma evidente na leitura de Curtius, Carpeaux afirmava que essa técnica, bastante presente já nos séculos XVI e XVII na França, Espanha e Itália, tinha como maior expoente o poeta Teófilo Folengo, que misturou o latim e o italiano para compor uma epopéia herói-cômica.

⁴ Capela possui dois artigos que abordam essa questão e trazem à tona elementos para um estudo mais amplo a respeito da tradição macarrônica brasileira (Cf. “Língua-Pátria, Línguas-párias”, **Revista da ANPOLL**, n. 4, p. 39-64, jan/jun. 1998; “Entrevôos macarrônicos”, **Travessia** (Revista de Literatura), Florianópolis, UFSC, n. 39, p. 73-101, jul./dez. 1999).

⁵ CARPEAUX, Otto Maria. Uma voz da democracia paulista In: **Presenças**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958. p.202.

O macarrônico traduzia, por meio de sua hibridez, impasses significativos da transição cultural enfrentada no Renascimento. Curtius via na epopéia de Teófilo Folengo, de 1517, uma manifestação, de “natureza inarmônica”, da “antinomia das tradições pagã e cristã”⁶. Ao contrário do poeta Ariosto, que ironicamente era capaz de harmonizar tais conflitos e contrastes morais e religiosos, Teófilo manifestava em sua paródia épica em latim macarrônico um fruto da “crise espiritual da época”, algo que Curtius compara com o *Finnegans Wake* de James Joyce.

Também Bakhtin considerava que a poesia macarrônica do século XVI ilustrava não apenas um esclarecimento de línguas, mas mostrava “até que ponto as formas lingüísticas e as concepções de mundo eram inseparáveis umas das outras”⁷. Para ele, assim como as *Cartas das Pessoas Obscuras*, muito semelhantes ao macarrônico, que parodiavam o uso do latim clássico ao preencher a estrutura sintática do alemão com palavras latinas, essas sátiras lingüísticas refletiram um momento de transformação cultural, revelaram o combate entre línguas que já apontava como vencedoras aquelas consideradas vulgares. Justamente essas formas dialógicas, ao serem aprimoradas literariamente, foram se incorporando à grande literatura e colaboraram no processo de elaboração das novas normas das línguas nacionais.

A poesia macarrônica descrita por Bakhtin utilizava-se da estrutura do latim clássico, a fim de parodiar os puristas ciceronianos, porém nela eram inseridas palavras italianas, procedimento inverso do usado nas *Cartas Obscuras*. Alcançava-se, assim, um texto de aparência latina que revelava seu substrato na língua vulgar. Essas manifestações do macarrônico, portanto, tinham como principal alvo a norma clássica que, ao ser imposta na Renascença, fez do latim uma língua morta, já que não dava mais conta das novas configurações sociais. Os gêneros cômicos e travestizantes da Idade Média e da Renascença,

⁶ CURTIUS, Ernest. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957, p.250.

⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A teoria do Romance). 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993, p.395.

dos quais a poesia macarrônica faz parte, foram responsáveis, segundo Bakhtin, pela formação das “línguas *literárias* européias — francês, alemão, inglês” à custa do fim da hierarquia entre formas, linguagens e estilos⁸.

A importante dimensão da linguagem nos macarrônicos da Renascença se fez presente também nos macarrônicos criados no Brasil, afinal, o que define esse gênero, essencialmente, é sua composição lingüística. Esses refletiam, de forma similar, as línguas em transformação, os contatos e hibridismos lingüísticos presentes no cotidiano, quase sempre estigmatizados. Além disso, e através também dessa própria língua, traziam em seu bojo complexas relações, desestabilizadoras das fronteiras identitárias. Mesmo havendo no caso brasileiro diferenças específicas entre cada macarrônico (do português, do alemão, do francês, etc.), reiterou-se sua condição de parodiar determinadas formas de expressão lingüística, constituindo a paródia seu principal recurso cômico⁹. Tratava-se de apontar a inabilidade do sujeito representado em expressar-se em determinada língua, de modo geral na norma padrão da língua portuguesa¹⁰. Dessa forma, muito mais do que rir dessa linguagem canhestra, o alcance paródico do

⁸ BAKHTIN, Mikhail. op.cit., p.386.

⁹ O cômico, em linhas gerais, é tomado aqui como aquilo que faz rir, “uma advertência do contrário”, como diz Pirandello (PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996, p.132), um riso inconsciente, “uma involuntária descoberta”, nas palavras de Freud (FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente** -Obras Completas - vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.215). Segundo essa perspectiva, ao humor caberia a reflexão, tornando-se uma espécie de “riso triste”, melancólico (PIRANDELLO, op. cit., p.125 et seq.), ou representaria “um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele” (FREUD, op.cit., p. 257), ou ainda, diferentemente, para Propp (PROPP, Wladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992, p.152), seria algo como o “bom humor”. Bergson, cuja reflexão presente em *Le rire* é das mais conhecidas, concebe ainda o riso como uma criação da natureza com uma utilidade social, a de corrigir “certa distração dos homens e dos acontecimentos” que os coisificam por sua aparente rigidez e automatismo (BERGSON, Henri. **O riso** – ensaio sobre a significação da comicidade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 64-65). Embora todas essas sejam referências teóricas importantes a respeito do riso e do cômico, não as tomaremos como lentes pelas quais enxergaremos o macarrônico. Primeiro, porque partimos da posição de Le Goff (LE GOFF, Jacques. O riso na Idade Média. In: BREMMER, Jan, ROODENBURG, Herman (org.). **Uma história cultural do humor**. São Paulo: Record, 2000), que vê o riso como fenômeno social e cultural e, portanto, suscetível e determinado pela dinâmica histórica que deve então ser o viés a conduzir estudos sobre o tema. Depois, não se trata aqui de investigar os motivos e procedimentos que torna(va)m o macarrônico cômico, mas descobrir mecanismos de criação que fundavam uma página supostamente germânica e possibilidades de leitura e interpretação das representações de alemães e brasileiros. Tais teóricos são, portanto, mais referências do que balizas.

¹⁰ Há duas exceções importantes. No macarrônico do francês, surgido no Brasil na página “La Carète Économique” da revista *Careta*, encontra-se um modo de brasileiros falarem a língua estrangeira, cujos princípios passam a ser o “afrancesamento” de palavras em português e o uso de uma língua escrita que atesta o não domínio, por parte dos supostos cronistas, da norma-padrão francesa. Já no macarrônico do português, visto que as diferenças lingüísticas entre o português europeu e brasileiro são menores na escrita, explora-se com maior ênfase a particular prosódia do não-nacional.

macarrônico atingia esse padrão culto ao invadir o espaço jornalístico, ainda que no terreno do cômico, em pé de igualdade com a língua autorizada.

A criação dessa linguagem não deixava de ser um procedimento intertextual, algo que Genette dedicou-se a teorizar. O macarrônico, na medida em que se inspirava e se baseava numa língua reconhecida como de certos grupos sociais, aproximava-se do que o teórico denominou como *pastiche*, imitação de um estilo cuja função, que nos parece mais satírica do que lúdica, nesse caso, era responsável por um “comique tendancieux”¹¹. Esse pastiche satírico o autor chamou, mais especificamente, como *charge*, que agregava os procedimentos de escrever “à la manière de...”. Citando como exemplo o romance *Écumoire* de Crébillon, em que Moustache realiza uma imitação do escritor Marivaux, afirma que o personagem Tanzaï “illustre parfaitement l’attitude critique caractéristique de la charge: le style de Moustache est pour lui comme une langue étrangère”¹². Considerar, portanto, esse pastiche como uma outra língua, uma estranha linguagem, uma língua até mesmo “artificial” (que define inclusive um dos “topoi” do metatexto caricatural, segundo Genette), aproxima-se do que representa o macarrônico enquanto tentativa de “imitação” (não de “cópia”) de um estilo reconhecível na sociedade brasileira da época, mas não menos razão de estranhamento por parte dos leitores.¹³

Os jornalistas brasileiros que se valeram desse gênero, então, compuseram espaços discursivos em que personagens assumiam a autoria dos textos, expondo-se através de sua própria voz e do seu ponto de vista. Os macarrônicos eram as manifestações lingüísticas

¹¹ GENETTE, Gerard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982, p.93.

¹² Ibid., p. 99.

¹³ É também quando Genette (Ibid., p.96-105) discute o conceito de charge que encontramos uma rápida menção a um “estilo macarrônico”, palavras do personagem Nathan, de *Um príncipe de la bohème* de Balzac. Esse texto é apresentado como um exemplo de imitação satírica do estilo de Saint-Beuve, dando origem a uma outra e estranha língua. O autor aponta ainda que esse tipo de imitação de estilo foi realizado na literatura francesa num primeiro momento por “amadores”, em pequenas investidas, mas que aos poucos, até o fim do século XIX, profissionalizou-se, ganhando coletâneas e obras próprias e, durante o século XX, conquistando certa “pérennité commerciale”.

desses personagens, *autores supostos*, como conceitua Bakhtin¹⁴, distanciados de certa forma da figura do autor real, o escritor por trás das criações¹⁵.

Ao personagem macarrônico era atribuída, portanto, uma voz própria e autônoma, ao mesmo tempo em que refratava a voz autoral, à maneira do romance humorístico: “a refração pode ser ora maior, ora menor, e em alguns momentos pode haver uma fusão quase total das vozes”¹⁶. Tendo em vista que “[o] autor não nos mostra a palavra dele [...] mas a usa de dentro para fora para atender aos seus fins, forçando-nos a sentir nitidamente a distância entre ele, autor e essa palavra do outro”¹⁷, parte do jogo complexo proposto por esses textos macarrônicos está em perceber as nuances que distinguem (nem sempre claramente) essas falas, confundidas. Tal procedimento resulta então numa perspectiva *híbrida*, crivada por duas vozes, uma *outra* fala, que não é nem só do autor nem só do personagem, mas sim a convergência delas num *terceiro* ponto de vista¹⁸.

A concretização da linguagem particular do sujeito representado dava-se por meio de mecanismos de *estilização*¹⁹, “da representação literária do estilo lingüístico de outrem”²⁰, algo elaborado pelo autor real. Desse modo, o discurso do autor macarrônico “representa mas

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. op.cit., p.117-119.

¹⁵ Bakhtin pensava esse conceito a partir das relações dialógicas do romance, mas é possível aproximar tal denominação do gênero macarrônico a fim de explicar seu procedimento estilístico na composição e sobreposição das diferentes linguagens.

¹⁶ Ibid., p.11. Essa fusão, por maior que seja, nunca é total porque sempre há uma perspectiva lingüística de outrem sendo representada, uma *bifocalidade* resguardada. Tomando como exemplo a fase final da produção do “Zublemmend to Alle...manho”, a ser comentada no próximo capítulo, o engajamento presente nos textos, ainda que seja um discurso muito próximo daquele do autor real, conserva certa alteridade por manter-se em macarrônico, numa página específica que garante a autonomia do personagem.

¹⁷ BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981, p.165.

¹⁸ Penso em algo semelhante ao que ocorre com a ironia, que é a soma entre dito e não dito gerando um terceiro significado, uma simultaneidade a ser percebida, atribuída pelo interpretador (HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p.93).

¹⁹ A forte presença da oralidade na linguagem macarrônica aproxima esta do procedimento descrito por Bakhtin como *skaz* verbal. Seria um discurso-falado, a representação, levemente paródica, da maneira de falar do outro, uma “voz socialmente determinada”. O que afasta o macarrônico de tal conceito é o fato de o *skaz* ser uma imitação da fala, uma vez que o macarrônico apenas se inspira nela (sendo de fato uma escrita). Além disso, no *skaz* o personagem não é letrado e muitas vezes “pertencente a camadas sociais mais baixas, ao povo” (BAKHTIN, Mikhail. op.cit., p.166).

²⁰ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A teoria do Romance). 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993, p.159.

é também representado”²¹, configura-se como uma reestruturação e reorganização de uma linguagem social tomada como objeto, no caso, a fala de certos grupos não-nacionais, desdobrando-se em outros pontos de vista e olhares.

* * *

Recursos como os apontados então em “Heimatsgruss” — alusão a um “sotaque” reconhecível, a distância em relação à pátria, o gosto pelo chope — torna(va)m possível reunir elementos para identificar os supostos autores dos textos presentes no “Zubblemend to Alle... manho” como alemães vivendo no Brasil.

A página alemã teve seu início explorando uma aproximação do suplemento com o cotidiano político do país, assim como acontecia no restante do jornal, permitindo um diálogo particular com os acontecimentos. Nos primeiros anos de circulação, entre 1927 e 1930, utilizou-se como mecanismo de criação a referência a políticos de Santa Catarina, como Lauro Müller, Felipe Schmidt e, depois, com maior destaque, uma verdadeira apropriação, como personagens, de indivíduos como os irmãos Konder, Adolfo e Victor, respectivamente presidente de Santa Catarina e Ministro da Viação do governo Washington Luís. A escolha desse local como lugar de onde provinha a voz alemã, dava-se, em parte, pode-se dizer, pelo fato de Santa Catarina ser conhecida pela presença de colônias germânicas, tomadas no “Zubblemend” como o centro dos interesses do estado, como se todos os catarinenses fossem alemães. Era, claro, uma farsa, pois o fato de o suplemento fazer parte de um jornal humorístico, fundamentado pelo prisma da ironia, criava um pacto de leitura que colocava em suspeito todo o periódico. Não se levava a sério, portanto, a priori, nada do que estava sendo dito. Esse procedimento muito usado, por exemplo, de inventar supostas entrevistas com autoridades políticas, ou torná-las ainda personagem e autoras de textos, dava conta de sinalizar que tudo não passava de pilhéria, que se estava em um terreno de deboche e sátira.

²¹ BAKHTIN, op.cit., p.138.

Falar a partir desse ponto de vista “catarinense” era ideal, portanto, para construir um espaço discursivo tipicamente germânico, permitindo inclusive (e principalmente) que críticas fossem projetadas sobre esses políticos citados. Não era, pois, um ingênuo e simples uso de nomes de governantes conhecidos na época para apenas dar à página aparente credibilidade e verossimilhança. “Tilemma”, por exemplo, ilustra bem de que forma se configuravam tais textos:

Se a Chedulie vae berdê
E a Chulinhe vae canhá,
Zabe gue é gue eu vae faice?
— Jamá a chuiz bra me gaçá... —

Se a Chedulie vae canhá
E a Chulinhe vae berdê,
Eu barcisa brigurrá
Odra ossinhe bra roê... (16/01/1930) ²²

De autoria de “Fiktor Konder”, o poema desenhava a situação política de fato do ministro em face de diferentes conjunturas — a vitória ou não de Júlio Prestes nas eleições de 1930 —, o que colocava em risco sua participação futura no governo. A comparação de ter um cargo político com “roer o osso” sugeria ironicamente²³ que interesses pessoais, de manutenção do poder e de privilégios, é que estavam em jogo, não ideais políticos e sociais.

Através, então, tanto de textos supostamente assinados por esses políticos, ou mesmo de textos apenas com seus nomes citados, eles sofriam irônicas denúncias, por meio de perspectivas aparentemente favoráveis ao seu próprio governo²⁴.

²² ITARARÉ, Barão de. **Zubblemend to Alle... manha**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006, p.93.

²³ Quando falamos de ironia, partimos das reflexões de Hutcheon (Cf. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000). Um dos aspectos importantes a serem levantados diz respeito a nem sempre correspondente relação entre ironia e humor. Nos casos levantados aqui, por se tratarem de textos cômicos, é comum que as ironias causem riso. Entretanto, as condições para a atribuição de procedimentos irônicos e a percepção de seus efeitos estão subordinadas às *arestas da ironia*, à dimensão afetiva e até emotiva e, portanto, não estão postas de antemão, fixadas pela *intenção* do autor. Nesse sentido, “a ironia não acrescenta simplesmente complexidade ou variedade ou riqueza [...] a um discurso [...], também transmite algo mais: uma atitude ou um sentimento”, o sotaque avaliador e julgador que permite à ironia “agradar e intimidar; sublinhar e solapar” (Ibid., p. 88). O que tentaremos perceber é quais efeitos, ou *funções*, nas palavras de Hutcheon, podemos inferir nesse dizer *outro*, entre o dito e o não-dito.

²⁴ Uma das categorias de marcadores que permite inferir a ironia diz respeito ao contraste, ao agrupamento de idéias incongruentes (HUTCHEON, Linda. op. cit., p.225). Esse é o caso do tratamento dado no “Zubblemend” à atuação política dos Konder na medida em que é como se eles próprios deixassem entrever suas práticas escusas

Além de políticos, a menção a personalidades públicas era também utilizada como forma de aproximação da página ao cotidiano, privilegiando-se pessoas cujo nome apontava para uma possível origem ou descendência alemã. O educador brasileiro Everardo Backheuser, por exemplo, tornou-se personagem do “Zubblemend”, aparecendo como *Everard* Backheuser, autor de poemas como o seguinte:

O! Alle... manho, dera eksblentoroso
Geio te margos e te engandes mil !
Gue bena gue du figa dong tisdande,
Borguê nong vengs bra berto ta Pracil?

Veng bra gá; draz tua Hindenburg,
Draz dampeng chund' a Kilherme II;
Draz as tuas margos, draz as tuas soltates,
Bra vê o dera mais ponida da munda ! (23/01/1930)²⁵

Se o poema ser assinado supostamente por um intelectual podia ironizar um aparente “prestígio” da página, o ponto de vista poético trazia dados significativos à representação germânica. Em “Infogasong”, Backheuser primeiramente exaltava sua terra, país lamentavelmente distante, assumindo certa nostalgia, própria da condição de *estrangeiro*²⁶. Ao voltar seu olhar para a pátria deixada para trás, falava de seu desejo de trazê-la mais para perto de si, porém projetava sua saudade para além do passado imobilizador, rendido já pela beleza de seu novo lar²⁷. À força econômica, política e militar da Alemanha, citadas como símbolos do orgulho alemão (manifestação de germanismo), aproximavam-se os encantos do

e atitudes condenáveis, reveladas até mesmo nos textos elogiosos à sua administração, resultado do jogo entre autor real e autor suposto. Outros exemplos desse tipo serão analisados no capítulo seguinte.

²⁵ ITARARÉ, op.cit, p. 94.

²⁶ O conceito vem de Sennett, da reflexão que faz sobre ser estrangeiro, sobre “viver intranquilo fuera de la propia tierra”. Estar em uma nação que não é a sua coloca o sujeito entre os perigos de lembrar ou esquecer, entre a prisão da nostalgia e o desejo de assimilação (SENNETT, Richard. El extranjero. **Punto de vista** -Revista de Cultura, Buenos Aires, n. 51, p. 38-48, abr. 1995, p.38).

²⁷ A primeira estrofe de “Infogasong” parece uma óbvia paródia de “Cidade Maravilhosa”, conhecida composição de André Filho, no entanto esta marchinha só foi lançada quatro anos depois, no carnaval de 1934. Isso nos leva a concluir que expressões como “cheia de encantos mil” fossem populares, recorrentes e, portanto, lugar-comum em casos de elogio e louvor. Ainda sim, é curioso que seja apenas coincidência a semelhança entre os dois textos. Em “Infogasong”, ao invés do Rio de Janeiro, seria a pátria germânica a terra “cheia de encantos mil”, porém esta era chamada a se aproximar para ver a cidade carioca, a “terra mais bonita do mundo”. Esse poema parece uma união entre o hino de exaltação ao Rio com o sentimento nacionalista do estrangeiro, como que recriando e deslocando sua condição problemática de estar fora de lugar — nem abandonar totalmente as referências culturais do passado, nem apegar-se a lembranças de uma nação que já não é mais a mesma terra natal. Nesse olhar deslocado e deslocador Sennett (op. cit., p.48) vê também a tarefa do artista moderno.

Brasil. Dessa forma, ao apresentar a nação civilizada e forte maravilhada com a terra brasileira, o texto também apontava para o deslumbramento com que esse país por vezes era visto. Como se tratava de um registro cômico, tal fascinação podia ser vista como um patético clichê.

Apesar da referência a nomes de conhecimento público, como de Backheuser, ser algo presente na página, o “Zubblemend”, a partir de 1931, apresenta textos em sua maioria não-assinados. Dessa forma, passa a prevalecer uma perspectiva mais ampla, desenhada como representativa da comunidade germânica. De modo geral, não era, portanto, uma projeção de interesses individuais, de supostos políticos e outras personalidades de descendência alemã, e sim a representação de desejos e idéias coletivas sob a insígnia do “ser alemão”. Mesmo ainda quando personagens inventados eram autores supostos de textos, como é o caso de Alex Franck, Franz Becker e Toktor Witt Rock, não havia uma personificação, uma individualização suficiente que tornasse esses textos exemplos de um ponto de vista pessoal; serviam como ilustração do pensamento da comunidade germânica. Essa identidade era construída primeiramente por uma gama de estereótipos culturalmente produzidos, de conhecimento geral, dos quais o orgulho pátrio tinha considerável destaque. Um poema como “Graff Zeppelling” mostra quão importante era esse aspecto no “Zubblemend”:

O! Zeppelling! O! Zeppelling!
Gome du está ponide asing!

No teu enorme parigo du trais
Mais te mil médres gubikes te káis!

Du deng o bodensie te ung crande nasong!
Du está emlemma ta chênio allemong!

O! Zeppelling! O! Zeppelling!
Du afôa na Firmamende seng fing!

Chunde ta pallong
Allemmong,
As pallong
Tos odres nasongs
Barréseng pringuetinhos
To griangsinhes

Como nesse poema do personagem Franz Becker, a visita do zepelim alemão ao Brasil estimulou vários outros textos que faziam propaganda da superioridade germânica. Aflorava aí a exaltação pátria, repleta de exageros²⁹, a defesa do *gênio alemão* como elo identitário. Não que o nacionalismo fosse exclusividade do macarrônico do alemão. A corrida pela conquista da tecnologia no transporte aéreo gerou disputas entre os países, algo refletido em *A Manha*, por meio dos suplementos em macarrônico que competiam entre si, arrogando-se o pioneirismo e os méritos pelas melhores invenções. Era um período em que a rivalidade esportiva serviu como mecanismo de reafirmação da identidade nacional, uma aproximação das esferas privada e pública nas questões do nacionalismo³⁰. No texto interessava, então, por meio do zepelim, transformado em emblema nacional, defender a supremacia germânica em relação aos balões dos outros países, o que significava em última instância alimentar o sentimento patriótico e atestar a incontestável superioridade alemã, implicitamente estendida a todas as áreas, atitudes nas quais se projetava o viés cômico.

²⁸ Nas citações cuja fonte não é a antologia presente em **Zubblemend to Alle... manha** (2006), optou-se por apontar apenas o nome do texto e a data de publicação, mas a referência completa encontra-se no final ao trabalho, em anexo, numa lista em ordem cronológica de todos os textos em macarrônico citados. Quanto à transcrição, partiu-se dos mesmos critérios adotados na edição do livro, do princípio de reproduzir exatamente o original, evitando ao máximo fazer alterações. Estas só foram realizadas quando havia problemas de legibilidade nos exemplares, o que nos obrigou a inferir algumas letras ou palavras, ou erros tipográficos evidentes, como troca ou ausência de letras. Tais erros podem ser detectados na medida em que a constante leitura dos textos permite reconhecer uma regularidade na linguagem e, portanto, deduzir o momento em que ocorreram enganos. Consta aqui, então, a versão já corrigida dos textos e, em caso de interferência minha pelas razões de ilegitimidade ou erro, a palavra modificada foi marcada com um asterisco, podendo ser conferida sua versão original na cópia anexada. O processo de transcrição e revisão, que resultou na publicação dos textos em macarrônico, foi realizado no primeiro ano de Mestrado em parceria com o professor Carlos Eduardo Schmidt Capela. Além de incluir também um ensaio introdutório, o livro faz um maior detalhamento a respeito das transcrições, apontando as alterações realizadas.

²⁹ O exagero é bastante presente no “Zubblemend to Alle... manha” principalmente porque se adequava muito bem ao desenvolvimento do estereótipo do alemão como nacionalista extremado. Certa recorrência seria inclusive necessária, pois, como aponta Bergson, o exagero torna-se cômico quando prolongado ou sistemático (BERGSON, op.cit., p.93).

³⁰ Capela (em “Entrevôos macarrônicos”, **Travessia** (Revista de Literatura), Florianópolis, UFSC, n. 39, p. 73-101, jul./-dez. 1999) observa de que maneira a abordagem da temática da aviação nos suplementos se aproxima da forma como a popularização dos grandes eventos esportivos internacionais passou a significar em termos da consolidação dos Estados-nação, idéia de Hobsbawn (HOBSBAWM, Eric. J. **Nações e nacionalismo desde 1870** - programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990). Capela dá alguns exemplos em macarrônico do português, italiano e alemão, mostrando como essa “rivalidade amistosa” (HOBSBAWM, op.cit., p.170) a respeito da primazia nas descobertas da aviação se configurava em *A Manha*, revelando a participação do cidadão comum nas reflexões e nos anseios tidos como coletivos, da nação.

Mas o texto não terminava por aí. Para a finalização do poema, outro estereótipo fundamental no “Zubblemend” era chamado também a operar: a paixão pelo chope.

Guande a chende vê a Zeppelling,
Afuande na aar asing,
A chende figa bengsande
Gue aguelle goise dong crande
Que veng amahang* te matrukade
Ficitá a Brasil,
Podia sê uma crande paril
Jeio te chopp tupla e chelade!...

Ainda que o exagero desse um tom cômico a todo o poema, era mantida certa solenidade e formalidade congratulatória, desconstruída nos últimos versos, quando passamos a imaginar o balão como um grande barril de chope.

Fazendo parte então das preocupações do alemão tal como caracterizado em *A Manhã*, o chope freqüentemente aparecia no desfecho dos textos. Se nesses casos buscava-se o efeito cômico por meio de certo “rebaixamento”³¹ que significava o gosto pela bebida e uma queda por esse comportamento boêmio, a temática do chope podia aparecer em contextualizações diferentes, em abordagens aparentemente mais sérias.

“O lei sekko” é exemplo disso. Era comum que os cronistas introduzissem seus comentários sobre acontecimentos cotidianos teorizando a respeito do assunto, explicando-os, o que trazia à página o tom de seriedade. Assim, depois de relatar didaticamente como foi a criação do mundo, especialmente da água, o suposto alemão argumentava no texto:

[...]
Borréng, as allemongs esdava mais esbertes te gue a Teus, e ung pello tia elles bengsei:
— Bucha tiabo! Esta nekocie nong esdá tirreide. A chende deng gue pebê acua dudes ties, teiste manhang indé tinoide!... Nong, a Teus nong fiz esta nekocie tirreide, o endong, elle nong está allemongs.
E elle fui na laporatorrie, estudei te tia e tinoide, indé gue elle tesgrupriu o fabrikasong te chopp!

³¹ Como aos poucos os textos evidenciam, o alemão representado fala de um lugar de autoridade, como filho da alta cultura alemã, traços garantidos pelos estereótipos disseminados culturalmente. Por isso dizemos que o gosto pelo chope, que sugere um comportamento oposto à retidão e à seriedade, mesmo que também seja parte do estereótipo, contrasta com essa imagem primeira da superioridade.

— Bucha tiabo, nochmool!!! Nunga mais niuma allemong se imbordei te pebê acua. —Acua? nong! isto está ung borgarrie, só bras piches pebê e bras basarinhes. E bra chende se lavá, nadurralmende. [...] (02/10/1931)³²

Fica claro nesse trecho que, segundo a perspectiva germanista defendida, não havia limites para a sabedoria alemã que podia ultrapassar até a divina. Toda essa construção do texto, que começava na narração bíblica e passava pela defesa do crucial papel alemão na invenção do chope, era feita para introduzir a polêmica do momento que foi a provisória proibição de os americanos ingerirem bebidas alcoólicas. A abordagem do assunto, sempre no sentido de aparentar tratar-se de uma análise de credibilidade, estratégia comum dos textos em macarrônico do alemão, estabelecia um diálogo com o cotidiano e acabava por criticar a postura do governo dos Estados Unidos:

[...]
Nong se bóde ir bra gondra bra nadurresa. O nadurresa manta gue a chende téve — gomê e pebê.
Endong borgause te guê a coferna teja a chende gomê e nong teja a chende pebê? Uma coferna asing está uma coferna — andi-nadurraal.— E ung goise andi-nadurraal nong bode ekcisdir! Bor isto as amerriganes tiserong bra sua coferna: — Ooia, tiskrasade, ô focê teja nois pebê a nossa chopp tescangsade, na ferrong e na ingferna dampeng, o endong nois vae faicê ung pacunce bra esgulhampá bra focê! — Barrése acora gue a coferna nordamerrigane figuei gom medo, canhei uma gakasse e mantei uma tebudade abrecendá uma nofa tegrette te lei — bruhipindo o brohipisong bra chende pebê chopp e zerfêcha.—
Asing, a brobria coferna regonhese gue elle estava erade, e gue a bôfo yangee dinha raçong.
E nois, as allemongs, mais ung veis profei bra mundo inderra gue Teus dampeng estava erade gwande fiz o Ácua e nong fiz o Chopp!
Nadurralmende, nois regonhese gue Teus se encanei.
Gwande elle fiz a brimerra homeng, elle nong botia atifinhá ô imachiná gue esta homeng botia sê uma allemong...
— Fui tisdrasong.

Prevalecem, como se vê, os estereótipos da superioridade intelectual, do germanismo e da paixão pelo chope, que ridicularizam de certa forma o cronista. Ao mesmo tempo, também resta aos EUA uma crítica, ainda que leve, talvez boba, em relação à instauração da lei seca.

Pautada, portanto, por uma cômica arrogância (na medida em que defendia uma versão absurda da “história”), a caracterização do alemão como intelectual era acompanhada ainda

³² ITARARÉ, op.cit, p.127.

no “Zubblemend” pela figura do médico, do doutor que, do alto de sua sabedoria, desejava instruir os leitores, dar-lhes lições básicas de saúde, como se fosse seu dever ético iluminar a população com sua sabedoria³³. Em “Os gondisbasongs”, cujo tema é a reclamação sobre o tempo inconstante do Rio de Janeiro, o suposto alemão procurava mostrar seus conhecimentos médicos, em primeiro lugar, descrevendo os problemas de saúde enfrentados pelos que moram na cidade:

[...] Mas nong está sómende o tisdillasong ta narriz gue ingommota a chende na ingferno e na ferrong ta Rio.

Tispois veng, brimerra, as bigares no carkande. A chende canha brimerra uns gomichongcinhe no kuella e a chende* sende gue deng alcung coise ali gue ingommota e fais ung affliksong tiscrasade! E bra gada momende a chende deng gue faicê asing: — Hung-hung — é a bigare gue adrapalha o carkande ta chende e guaje nong têcha a chende resbirrâ. (“Os gondisbasongs”, 14/05/1932)

O detalhamento escatológico, no entanto, tornava sua explanação cômica, pois comprometia a suposta gravidade do “doutor”, geralmente caracterizada por um vocabulário mais técnico. Mesmo assim, sua credibilidade poderia ser mantida se não fossem as afirmações absurdas feitas ao final do texto:

Tispois, veng a indubimende ta narriz, o obstruksong gomblete! A chende figa brohipide te resbirrâ gom a narriz, neng bra tendro neng bra fora! Deng gue faicê gome os griangses gue estong sembre gom o poka aperto! E tenoide! Gome se vae tormir gom a narriz indubida? Parparidade! Fircheng Marrie! A chende deng gue figá duda noide gom o poka aperto, e indé está berrikose, borgause gue muides veis endrong lá bra lá bra tendro ung borsong te mosguites, mosgues e indé parrates fetorrendes!

Orra, estas piches estong inzektes nochendes, ortinaries, gue bódeng emprulhá a esdomaga ta chende guande a chende vae domá te manhang! Sing, muides veis a chende vae mortê a bong gom mandeka e barcisa arotá e nadurralmende veng esta costo te mosguites e parrates!!! (Huummm!) E bra uldima, veng ung dóse te gajôro, dóse te dicika, e a chende canha gadâres nochendes, ung fertaterra borgarrie! (Pfui! Teufel!!)

Nem todos os textos limitavam-se então apenas a explorações redutoras da representação germânica, em que se reafirmavam e alimentavam estereótipos. O riso podia ser

³³ A rigidez das profissões, proveniente das características próprias de cada uma em termos do que a diferencia das demais, é o que Bergson (op.cit., p.132) afirma ser a razão que torna possível a comicidade profissional. O riso se faz presente para “reprimir tendências separatistas”, como correção a uma segmentação que impede a sociabilidade. Propp (op.cit., p.82) observa que a figura do médico era bastante retratada pelos escritores satíricos, em especial no teatro popular e nas primeiras peças cômicas da Europa.

também alcançado por meio da revelação da falsidade da imagem caricata construída, valendo-se muitas vezes de incongruências entre o que o personagem defende ou aparenta ser e o que ele faz ou diz. Parte da estratégia cômica encontrava-se em ridicularizar a postura autoritária do médico alemão, desestabilizando um estereótipo bastante comum³⁴. Por outro lado, reforçam-se outros, como a paixão pelo chope:

Sing, zenhor. Sing*, a Rio está ung sitade formitavel, sing, mas as habidandes ta Rio deng gue sê ung chende mais formitavel te guê o sitade: deng guê sê chende te féro, gome as allemongs, bra ekcemblo, gue gurra os gonsdibasongs gom chopp tupla.

Então, como sinônimo de dureza, tomar chope se transformava até mesmo em remédio para os alemães se curarem das constipações. Mas ser “chende te féro” incluía também ter um particular apreço pelo trabalho, ostentado sempre que conveniente no “Zubblemend”, em especial quando isso implicava comparações com outras nacionalidades como a portuguesa. Toda essa superioridade propalada tinha como base, então, a valorização desse caráter de trabalhador, possivelmente influência da moral protestante. A Alemanha teria perante outras nações a vantagem ser “ung nasong te chende gue drapalha e fais forza”, por isso destinada ao sucesso já que “ung nasong gue drapalha, deng gue ir peng” (“O grise allemong”, 25/07/1931)³⁵.

Isso não quer dizer, entretanto, que o alemão se caracterizasse como um trabalhador, um operário que aderisse a greves. Pelo contrário, justamente por meio do argumento do trabalho condenava essas medidas, o que permitia corroborar com a administração do “alemão” Lindolfo Boeckel no Ministério do Trabalho. Sob esse enfoque, em “A krêve tos choffers” há um gancho que desencadeia a comparação entre portugueses e alemães:

³⁴ De certo modo, a recorrência da imagem do alemão como um “falso e arrogante sábio” também cristaliza a representação, fundando na página outro tipo de estereótipo. Porém, devido ao caráter deslizante do macarrônico, essa representação também não se mantém intocada e imóvel.

³⁵ Esse estereótipo dos alemães podia ser inclusive disseminado em outras partes do jornal como serve de exemplo o poema “Nogdurno”, presente no “Supprimento de Purtugali” de 26/12/1929: “Formiquinhe na ferrong./Drapalha seng tsgansar/[...]/ As sucheides facapundes/ Nong drapalha na ferrong/ [...] / Neng bra gualguer esdasong! // Stong sucheides ortinarries, / Stong sucheides tiscrasades! / Facapundes! Sem ferconhas! / Pantides! Latrongs! Zafades!”

As joffers ta Rio fiz ung kreve! Bucha tiabo!

Chá bra muide dempo a chende nong via ung kreve na Rio te Chanerra. Bringsibalmende tispois to refulosong gue terupeí a “Parpado”, ninqueng ia acretidá gue as oberraries ia bengsá te faicê kreves e parrulhes. Tispois gue a toktor Chedulie Farques podei bra ministre ta Drapalho uma rabais allemong, a toktor Lindolph Boeckel, dudes oberraries figuei gondendes borgause gue elles canhei leis e rekulamendes bra favor bra dudes oberraries. Mas, ung chende so nong costei to bolidigue drapalhiste ta toktor Boeckel, e este chende fui as borduqueces, borgause gue a ministre ekcichiu gue dudes societades, embreças e firmes te nekosiandes só botia figá gom uma derza te embrekades esdrangcherras e tuas drezas te pracilerras. As borduqueces nong costei te esta lei, elles nong se guer naduraliça pracilerras, elles nong guer figá pracilerras. Elles guer só canhá tinherra e mantá tinherra na Borducal. Dude tinherrinhe gue elles canha elles manta bra lá! Borgause te gue elles nong fais gome as allemongs? As allemongs veng na Pracil, drapalha, canha tinherra e vae achundande, kuartande, indé gue elles bode se gassá. Elles se gassa e figa na Pracil. Canha griangses pracilerras e nong folda mais simpóra bra o Alle...manha. Dude gue elle canha elle vae castá agui na Pracil, nong vae mantá niuma tinherra bra fóra ta baiz. Bor isto as allemongs figuei gondendes gom a nofo coferna e gom a sua ministre gue está dampeng uma allemong. Ninqueng nunga nong viu as allemongs faicê kréves, na Pracil. (17/04/1931)³⁶

O contentamento dos alemães em relação à política trabalhista era não apenas uma atitude germanista, mas reflexo do papel social assumido no texto — o do colono:

Nadurralmende, as allemongs golonhes gue veng na Pracil nong vong se embrecá nos sitades gome gajêrres, nong. Elles vong nos golonhes, drapalhá no déra, faicê blandasongs bra gomê e bra fendê broduktes te akriguldurra. E gwande a chende drapalha e canha tinherra honradamende, a chende nong vae bengsá te faicê kreves, parrulhes e indrikinhes te sucheides fakapundes e sengferconhes!

Como se vê, a partir da perspectiva do trabalhador da colônia, que fixava residência e construía uma nova vida no Brasil, investindo seu suor em sua pequena propriedade, não haveria por que fazer greves. O que estava em jogo, pois, mais do que uma rivalidade entre alemães e portugueses, era uma distinção importante, no nível da representação, entre ser *imigrante* ou *colono*, condições determinadas pelos processos de colonização e imigração³⁷.

De um lado, o modo de vida do português, tal como descrito no texto, remete à situação do *imigrante*, “uma força de trabalho provisória, temporária”³⁸ necessária para suprir

³⁶ ITARARÉ, op.cit., p.112.

³⁷ Capela (em “Literatura e imigração: convergências”, **Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC**. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003), a partir de Sayaad (em **A imigração** - ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998), estabeleceu esses termos como categorias, não estanques, como instrumentos para compreender melhor a representação dos não-nacionais na literatura brasileira.

³⁸ SAYAD, op.cit, p.54.

uma falta de mão-de-obra no Brasil. Por ser proveniente de um país mais pobre ou de “classes mais baixas de nações não tão pobres”, permanece em “posição inferior na hierarquia social”³⁹. O *colono*, por sua vez, se semelhante em vários aspectos, principalmente em termos de posição social, tem na fixação à terra na qual aplica seu trabalho o principal diferencial. Tendo adquirido uma pequena propriedade em locais cuja meta era a colonização, a ocupação e o desenvolvimento do território, os colonos caracterizavam-se ainda por se manterem em comunidades mais fechadas, unidos geralmente pela origem, língua e cultura comuns.

A crítica elaborada pelo cronista alemão revelava justamente essas diferenças que, sem dúvida, apontavam para diferentes perspectivas de vida, como o texto mostra. O próprio desejo citado de retornar à pátria caracterizava mesmo um sentimento mais comum entre os imigrantes (em medida bem menor entre os colonos), uma vez que a intenção era trabalhar e juntar dinheiro suficiente para viver melhor em sua terra natal, o que dificilmente ocorria⁴⁰.

Porém, muito embora o cronista assumisse a perspectiva do colono, outra acabou se revelando. Os portugueses até poderiam fazer greves, o problema estaria nas formas de protesto, no caso espalhar pregos pela rua:

Fui bra isto gue nois nong costei to kreve tas joffers borgause gue elles nong dinha raçon. E se elles gueria faicê kreve, elles botia faicê, mais elles nong tevia e nong botia facer esdrakasongs e zafatezas gome elles fiz, teramande bréquinhes nos ruas bra furrá as pneumadigues tas audomofels! A nosa joffer achundeí tuas bagodes te bréquinhes e levei bra gasa e tei bra os griangses pringá!

Mas o bolisie nong fui te pringuêda! Mantei as krevistes achundá dudes bréquinhes gue elles esbalhei na chong to rua e fiz elles levá bras zabaderras brecá dudes nos zolas tas zabates e tos podines. E se elles vong faicê odreveis kreve e esbalhá mais bréquinhes na chong, endong o bolisie barcisa opricá estas fakapundes bra elles faicê zôppa te bréquinhes e gomê dudes bra furrá os drippes no pariga to

³⁹ CAPELA, op.cit.

⁴⁰ Segundo as reflexões de Sayad a respeito do imigrante, “só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (*i.e.*, imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira” (op.cit., p.57). O próprio país de imigração também só o aceita por uma questão de necessidade reafirmando esse caráter provisório e mantendo o imigrante fora da ordem política. Entretanto, tal pacto, realizado ainda entre as nações (de exportar e importar trabalhadores temporários), mascara um processo que muitas vezes é definitivo, pois o próprio país tende a incorporar no futuro essa população através, por exemplo, da naturalização (ibid., p.278). No caso específico dos portugueses, a imigração se deu em grande medida estimulada pelo sucesso de alguns que conseguiam retornar ou mandavam notícias do Brasil, fazendo crescer o mito do enriquecimento que quase nunca se concretizava (ver MENEZES In GOMES, Ângela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 166-7). Não se sabe ao certo quantos portugueses conseguiram retornar a Portugal.

elles! Asing elles nong vong mais podá bréquinhes na chong bra furrá as
bneumadigues das aodomofels ta chende..

Peng feido, tiscrasades!!!

Sim, segundo o cronista alemão os portugueses seriam vagabundos e não teriam motivos plausíveis para fazer greves. Os alemães, por sua vez, seriam exemplos de trabalho e dedicação (deixando escapar, diga-se de passagem, sua tendência para o autoritarismo e a intolerância). Um dado, porém, parece salutar: o que mais incomodava o cronista não eram em si a greve e suas razões, ou até mesmo a desordem gerada, mas o fato de os pregos espalhados na estrada representarem um risco para os “aodomofels ta chende”. Esse alemão que falava, portanto, não era o colono citado no exemplo dado por ele, e sim o alemão vivendo na cidade do Rio de Janeiro, com direito até a chofer. Interessavam os compatriotas das colônias, mas o articulista falava de outra posição social, muito mais próxima àquele estereótipo do alemão erudito e doutor.

Essa postura é confirmada em muitos outros textos do “Zubblemend to Alle... manho”. A redação da página, por exemplo, seria composta por supostos ilustres alemães, “muide tistingdes e muide imbordandes finangzistes” (“O grise allemong”, 25/05/1931) e por supostos intelectuais, cujo conhecimento abarcava diversas áreas — política, arte, história, medicina,... Além disso, a alusão a personalidades públicas não à toa se restringia a políticos ou pessoas de renome, uma vez que essa estratégia não só facilitava a compreensão das referências pelos leitores, como dava aparente prestígio ao suplemento⁴¹. Os alemães no “Zubblemend” eram, portanto, desse ponto de vista, representados como *estrangeiros* — não-nacionais provenientes de um país mais rico, tendo “não raro qualificação e educação formal, amiúde especializada, exercendo cargos ou funções de relevo na sociedade brasileira”⁴².

⁴¹ No caso dos macarrônicos do italiano e português em *A Manha*, havia a criação de personagens de origem popular cuja história pessoal era desenvolvida ao longo das publicações. Tratava-se, pois, de representações de imigrantes tal como conceituamos anteriormente. Nesse sentido, o macarrônico do alemão destoava dentre os demais por seu caráter supostamente elevado. Essa diferença se verificava na própria composição gráfica do “Zubblemend to Alle... manho”, quase sempre mais organizado e antiquado, com mais textos e menos ilustrações.

⁴² CAPELA, op. cit.

Se assim se caracterizava o alemão, como justificar que por vezes a perspectiva do colono fosse adotada? Em “Gwesdongs te lincuas”, por exemplo, o cronista assumia a primeira pessoa, relatando de que forma os alemães da colônia aprendiam a falar português:

[...] A chende veng to Alle... manho seng zabê nado te pracilerra e vae nos golonhes chunde te misdurrade gom as pracilerres. Lá a chende fala allemong no seu gasa, gom o seu famille, nadurralmende, mas no rua, fóra te gasa, a chende vae oufir guê gue as pracilerres fala bra abrentê gom elles.

A chende crande que veng te ung dera tifferrende bra odro dera, está gome os griangsinhes beguenes.

Os griangsinhes só fala guê gue elles ôfeng to mamai to elles gue dudes tias está chunde gom elles. E asing nois allemong dampeng: nois fala tirreidinhe gome nois abrede te oufir as pracilerres falá.

Acora, se nois fala erado, nong está gulpa te nois, mas sing tas pracilerres gue nong zabe falá tirreide bra engsiná bra nois allemongs! [...] (04/03/1932)⁴³

Uma leitura geral dos textos mostra que prevalecia no “Zubblemend” o ponto de vista do alemão como estrangeiro, que não havia, de fato, sua identificação como colono⁴⁴. Era, no entanto, conveniente em certos momentos que o cronista remetesse à condição da colônia como em “Gwesdongs te lincuas”, servindo como exemplo para que ele argumentasse em torno de seu conhecimento lingüístico. Na verdade, mais do que isso, essa aproximação se dava em função de uma identidade comum, mais ampla, na idéia de pertencimento à grande comunidade germânica.

Como alemão (e autoridade), os cronistas podiam falar em nome de seus compatriotas e defender interesses coletivos. O que os unia era a “germanidade”, o *Deushtum* cuja sustentação encontrava-se no uso da língua alemã, a despeito da variedade de dialetos que compunha a cultura germânica. Mas como defender isso em um suplemento escrito em macarrônico? Esse nó era fruto da própria natureza híbrida do gênero, que contradizia qualquer tentativa de manutenção de uma identidade fixa. Como toda identidade étnica,

⁴³ ITARARÉ, op. cit., p.146.

⁴⁴ Num primeiro momento, em que políticos catarinenses são personagens do suplemento alemão, aparentemente o enfoque é dado à colônia, no entanto o ponto de vista é particularizado nessas figuras públicas, mantendo então certo discurso autoritário e elitizado.

estava submetida à ação de *realce*⁴⁵, à escolha de um (no caso a língua) dentre outros fatores possíveis que justificassem o pertencimento ao grupo, algo alimentado através de numerosos periódicos escritos em alemão, que circulavam em algumas cidades brasileiras — “lembra-te de que és um alemão”⁴⁶.

A língua, fundamental para a noção do *Deutschtum*, é também central, para não dizer essencial, quando se trata de macarrônico — que é, antes de mais nada, como nos diz Bakhtin, “uma complexa sátira lingüística”⁴⁷. Ao mesmo tempo em que todas essas propriedades citadas compunham a representação do alemão em *A Manha*, a linguagem, primeiro aspecto observado pelo leitor, era a instância que apresentava e materializava esses estereótipos e outras características. Sua composição, mesmo isolada, tem muito a dizer sobre a representação germânica.

1.1 Sprechen Sie Portugiese?

O macarrônico, como já foi dito, parte da representação de uma linguagem a ser reconhecida como inspirada no português falado por certos grupos sociais, particularmente de italianos, portugueses, alemães, sírio-libaneses e japoneses⁴⁸. Tal identificação deveria ser garantida pela alusão a “sotaques” característicos, aos traços de sua língua materna manifestados ao tentarem se expressar em português. Essa linguagem atesta, portanto,

⁴⁵ POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade** (Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth). São Paulo: UNESP, 1998, p.166.

⁴⁶ MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e Nazismo** – a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP/FPESP, 1998, p. 14.

⁴⁷ BAKHTIN, Mikhail. op. cit., p.394.

⁴⁸ Não se trata de dizer aqui que a escrita seja uma “representação da fala”, algo questionável a partir do conceito de *différance*. Essa linguagem seria constituída por uma economia de rastros, um jogo sistemático das diferenças que compõem tanto os signos quanto a matéria sonora (DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001; NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a Literatura**: “notas” de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. Niterói: Ed. UFF, 1999). Tal como o “a” da *différance* que se escreve e se lê, mas não se pode ouvir, assim os textos macarrônicos fundam um outro sistema, repleto de marcas visuais só possíveis de serem observadas na escrita, que não corresponde simplesmente à língua falada.

processos de integração social, a representação de uma espécie de *interlíngua*, nos termos da Lingüística, um sistema intermediário usado por quem se encontra aprendendo uma segunda língua⁴⁹.

Como se trata de um registro escrito, meio a princípio inconcebível para essa linguagem, ignorada e rejeitada socialmente, à primeira vista essa representação causava estranhamento, aparentando ser uma língua estrangeira, recurso muito explorado no caso do macarrônico alemão. À maneira de um “travestimento”, a linguagem representada mostrava-se carregada de traços não comuns à língua portuguesa, um exagero de letras duplicadas e outras alterações ortográficas que veremos a seguir. No entanto, observando melhor, após uma primeira leitura, percebia-se que o texto estava escrito em português, pouco modificado no nível sintático e perfeitamente compreensível. Essa farsa, recriada quando alguém se depara pela primeira vez com os textos em macarrônico do alemão, faz com que esse gênero questione os sistemas de línguas, as convenções do padrão escrito, e imponha a primeira regra de seu jogo: é preciso deixar-se perceber no estranho aquele aspecto familiar de que fala Freud⁵⁰.

A fantasia usada pela linguagem do macarrônico alemão nesse “travestimento” tem natureza quase totalmente visual, uma vez que a representação gráfica das palavras é que constitui objeto de estranheza. Quanto ao nível lexical, prevalecem vocábulos em português,

⁴⁹ A interlíngua (L3) é resultado do processo de aprendizagem de uma segunda língua (L2) por meios naturais, ou seja, sem instrução formal, como ocorreu com grande parte dos imigrantes que vieram residir no Brasil. Trata-se de “um sistema lingüístico separado que tem por base os enunciados resultantes da tentativa, por parte do aprendiz, de produzir a norma de L2” (SELINKER apud COUTO, Hildo Honório do. Situações semelhantes às dos pidgins e crioulos. In: **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996, p.97). Mesmo que o falante aprenda essa outra língua, segundo Selinker, permanecem as *fossilizações*, marcas fonológicas, morfológicas e sintáticas da L3. Talvez esse conceito se aplique melhor ao macarrônico do italiano, em que as misturas entre a L1 e L2 são mais claras, permitindo que se fale inclusive na existência de um dialeto “ítalo-paulistano” (ver CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt **A farsa como método** (A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralho*, *O Queixoso* e *A Vespa*: 1911-1917), Tese de Doutorado, Leuven, KUL, 1996). Em se tratando da linguagem representada no macarrônico do alemão, parece haver um domínio maior da L2, restando somente alguns traços da língua materna. Ainda que tal questão seja interessante, vamos abandoná-la, pois definir com rigor se realmente o macarrônico seria uma língua intermediária implicaria discutir vários outros conceitos da Lingüística, o que não é nosso objetivo.

⁵⁰ FREUD, Sigmund. “O ‘estranho’” In **História de uma neurose infantil e outros trabalhos** (Obras Completas - vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

poucas vezes aparecendo algum termo ou frases em alemão, medidas que tornavam os textos acessíveis aos brasileiros.

Um dos princípios dessa linguagem⁵¹ diz respeito à correspondência fonética de grande parte das letras, que aponta para a troca de sons promovida pelo “alemão” ao falar português. Muito embora a correlação letra-fonema seja uma convenção determinada pelo sistema escrito de cada língua, o macarrônico do alemão parte das regras do português para que o leitor produza em sua leitura os sons previstos que lhe permitirão identificar o “sotaque” germânico.

Nesse aspecto, destaca-se a troca de fonemas surdos e sonoros representada na grafia das palavras: *lincuas/nunga*, *Pracil/bucha*, *Teus/ardes*, *chende/jama*, *zenhor*, *coferna*.⁵² Outra transformação de caráter fonológico se dá na realização dos ditongos nasais /ãw/, /ãws/, /õjs/ e /ãjs/ cuja produção /õw/ é sugerida pelo emprego do “ong” no lugar das formas originais: *nong*, *gwesdongs*, *allemongs*.

As demais alterações que acontecem na grafia das palavras restringem-se ao caráter ortográfico, ou seja, são resultado de transformações estilísticas realizadas pelo criador dos textos no sentido de dar principalmente uma aparência estrangeira à linguagem, não apresentando uma mudança de contrapartida fonológica. Podemos apontar pelo menos três tendências que caminham nessa direção:

- primeiramente a **duplicação de letras**, um exagero de algo presente na língua portuguesa escrita da época — *muntiaal*, *zubblemend*, *choffers*, *aggumulasons*, *sekko*, *Alle...manha*, *gommercie*, *annes*, *galoor*, *zeppelling*, *cadrinette*;

⁵¹ Antes de prosseguir, é preciso lembrar que descrever “propriedades que sistematizam” a linguagem do macarrônico do alemão revela-se uma tarefa vã. Isso porque, embora esteja baseada no sistema da língua portuguesa, até certo ponto regular, as alterações e os recursos que lhe tornam macarrônico não são totalmente estáveis e constantes. O que se pode fazer então é apontar tendências e regras, não absolutas e imutáveis, que guiam essa produção do “Zubblemend”. Parte delas coincide com recursos já utilizados antes em “O Biralha”, página em macarrônico do alemão do jornal paulistano *O Pirralho* (1911-1914), como se poderá constatar observando alguns textos do próximo capítulo. Porém, são justamente as diferenças entre essas representações que evidenciam quão arbitrarias são certas propriedades desse (e de qualquer outro) sistema lingüístico escrito.

⁵² Nos dois últimos casos, não há a mesma reciprocidade dos demais: apenas troca-se /v/ por /f/ e /s/ por /z/. Há ocorrências, porém, que não obedecem a nenhum padrão ou mesmo que oscilam entre uma forma e outra.

- também o **uso de “w”** no lugar de “u” nos encontros vocálicos como *gwesdongs* e *gwande*;
- e a **utilização de “ng”** para representar fonemas nasais —“am/an” (*griangsinhes*), “em/en” (*gueng*), “im/in” (*zeppelling*), “om/on” (*gongsegwengsies*), “um/un” (*pakungsa*).

A alusão à língua alemã se dá de modo semelhante, em parte por meio de aspectos ortográficos que não só sugerem a estrangeiridade da linguagem macarrônica como apontam para características do alemão passíveis de reconhecimento, por exemplo:

- o **uso do “k”**, em substituição à letra “c”⁵³ — *fakapundes*, *eksbliká*, *brikundes*;
- a presença de **consoante muda no final das palavras** — *Sand*, *bolidik*, *enguett*, *gart*;
- e a **substituição das desinências ou vogais temáticas “-a” e “-o”**, incomuns em alemão, por “-e” — *chelaade*, *estreviste*, *gommercie*, *ardike*, *dudes*.

Acentuando o enfoque na aproximação com a oralidade, modificações morfológicas procuravam dar conta de variações lingüísticas presentes no cotidiano das pessoas, como a supressão do “-r” final dos verbos no infinitivo. Tentando imitar o “português germanizado” dos grupos alemães, que nesse caso apresenta uma propriedade comum também da língua falada pelos brasileiros, os verbos no infinitivo não traziam essa desinência e apresentavam um acento como sinalizador da tonicidade: “*noide e tia seng barrá*”, “*vae drapalhá*”, “*nong deng dembo te gorê*”. Além disso, no nível gramatical, essa maior informalidade manifestava-se no fato de o macarrônico incorporar o uso, cada vez mais comum, do “a gente” em substituição ao pronome “nós”. Este, quando aparecia, carregava ainda um verbo conjugado na terceira pessoa do singular, ou seja, seguia a simplificação de concordância verbal encontrada em certas variedades populares — “*nois esgréfe nesta zubblemende*”.

⁵³ Isso seguindo a lógica do sistema da linguagem macarrônica, ou seja, o “k” na posição muitas vezes de um “c” que equivaleria em português ao fonema /g/.

Em termos de concordância, duas outras ocorrências chamam atenção. A primeira diz respeito à troca, no pretérito perfeito, entre a terceira pessoa do singular e plural e a primeira pessoa, gerando estruturas assim: “[o] *Manho resepi*”, “os *eleisongs ving mosdrá*”, “[a]s *brinsebes inkleces jequei, gomi, pebi, gocei e fui simpora*”; já o contrário ocorria no tempo presente: “*gue sautades gue eu deng*”, “*eu vae dradá*”, “*eu tiz*”. A segunda, referindo-se à concordância nominal, apresenta a confusão entre os gêneros, o uso de masculino no caso de feminino (“*o lei*”, “*no Idalie*”) e vice versa (“*a uldima afiong*”, “*as chornals*”), algo justificado pelo simples fato de os gêneros não necessariamente coincidirem entre as línguas e, em se tratando de modo específico do alemão, de haver ainda o tipo *neutro*.

A versatilidade da preposição “bra” também merece destaque. Recorrente, substituía diversas outras e encontrava-se em estruturas que nem demandavam o uso de uma. Podia funcionar, como vemos, no lugar de:

- **para/a**: “*betir bro ella*”, “*olhei bra drais*”, “*bras 6 horas*” (nesse caso variava ou não em gênero e número, não havendo uma regra);
- **em**: “*Jequei hondonde bra Rio*”, “*Bra 1918*”;
- **por**: “*drogá garfong bra gafê*”, “*bra ekcemplo*”, “*bra gondrarrie*”;
- **há**: “*chá bra algungs ties*”.

Além disso, essa preposição introduzia, indevidamente, complementos de verbos e nomes: “*ama muide peng bra du*”, “*gonhese bro elles*”, “*bronungsiei [...] bra contra bra brokrammo*”, “*fiz ung ‘anguett’ bra endre bras allemongs*”⁵⁴.

Essa falta de variedade de preposições evidencia ainda mais os traços do registro oral, marcado, como se sabe, pela redundância. Assim, o macarrônico do alemão trabalhava com uma gama de palavras não muito ampla e se utilizava por vezes de alguns pleonasmos como

⁵⁴ O mesmo ocorre com as preposições “te” (“*oprikades te drapalhá*”, “*achutava te susdendá*”) e “gom” (“*gateia gom elles*”), mas em menor medida visto que elas aparecem muito menos.

“chá figuei **mais melhor**”, “a chende **neng nong se lembra mais**”, “ung allemong **nunga nong vae**”.

Ainda em torno dos aspectos gramaticais, ressaltamos o uso do verbo “estar” no lugar de “ser”, a recorrência maior dos tempos presente e pretérito perfeito do modo indicativo e das formas nominais gerúndio e particípio.

Em relação aos aspectos que compreendem o nível textual, é importante considerar os traços que tornam a linguagem do macarrônico do alemão francamente apoiada na língua falada. Repetição de palavras e predomínio na sintaxe da ordem direta são fatores que tornam os textos mais informais. O emprego de várias expressões populares da época⁵⁵ também deixa isso patente, além de aproximar a língua dos cronistas alemães à dos brasileiros, acentuando o potencial cômico da linguagem ao incorporar elementos familiares aos leitores, mas inusitados no registro escrito por sua coloquialidade.

Por outro lado, mesmo tendo a oralidade como substrato principal, o alicerce do macarrônico alemão de *A Manhã* era o ensaio jornalístico⁵⁶, certa formalidade necessária para a manutenção de alguma credibilidade. Sim, porque, como já podemos verificar, os cronistas alemães não demonstravam se identificar com as camadas mais populares e conservavam um tom sóbrio em seus textos para criar uma suposta aura de autoridade em seu discurso⁵⁷. O “Zubblemend to Alle... manho” atuava como um espaço no qual, em nome da “cultura germânica”, comentavam-se acontecimentos e notícias (aparentemente) publicadas na imprensa brasileira e internacional, expondo uma leitura própria dos fatos.

⁵⁵ Como: “bucha tiabo”, “o bolisie nong fui te pringuêda”, “gom allemong nong deng nada gue jorrá, está ali, no ‘padatinhe’...”, “nong está zôppa!”, “canhei uma gakasse”, “prabo bra chú-chú”, “A trakong figuei dirrirrika”.

⁵⁶ A predominância de períodos mais longos, algo específico da escrita, caracteriza muito bem essa tendência do macarrônico do alemão.

⁵⁷ Figueiredo aponta para o fato de Aporelly possuir em suas conversas um “tom professoral”, às vezes sério, às vezes jocoso (FIGUEIREDO, Claudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.70). Segundo o autor, isso podia ser resultado do interesse que o jornalista tinha por assuntos científicos, cujas leituras incluíam Einstein no original. Talvez esse seu gosto influenciasse no estilo usado para representar o “sábio alemão”.

Estabelecendo, portanto, uma condição de polêmica, a maioria dos textos iniciava remetendo a informações que seriam discutidas ou serviriam de pretexto para outros tipos de explanação: “*As chornals bupligui estes ties*”, “*Gome as chornals chá nodisieĩ*”, “*Os nodisies to Vaterland estong ticendo*”. Por vezes, o posicionamento germânico, contrário a certas notícias que comprometiam a Alemanha, logo se manifestava referindo-se aos jornais como sendo “*chornalegues te dosdong*”. O intuito, de forma que aparentava ser sempre séria e equilibrada, era defender um ponto de vista como o correto, procurando estabelecer uma cumplicidade com os leitores, quando projetados pelos personagens como sendo também alemães, ou instruí-los, quando se dirigiam a brasileiros. Nesse último caso, imperava um tom didático e arrogante⁵⁸.

Ao reaproveitamento de manchetes e acontecimentos somavam-se também outras situações fictícias na composição desse terreno intertextual, fazendo uso da fala de outros para discutir esses assuntos. Criavam-se cartas e entrevistas com personalidades conhecidas, políticos ou “ilustres” integrantes da comunidade germânica, informação esta que já bastava para atestar sua autoridade no assunto. Como esse espaço discursivo construía-se principalmente sobre um plano factual, antes de certos motes serem introduzidos nos textos, tornavam-se acontecimento. Assim, inventavam-se até mesmo visitas “impossíveis”, como a de Wagner e Siegfried ao Brasil.

Esse apego a temas e linguagem próprios da imprensa jornalística refletia a ausência do desenvolvimento da história pessoal de algum personagem alemão e determinava a manutenção de certa impessoalidade no tratamento dos assuntos, rompida quando se tratava de exaltar a Alemanha, assinalar o pertencimento à comunidade germânica e defender algum posicionamento ou interesse particular (como ocorria nos textos compreendidos entre 1928 e 1930).

⁵⁸ Essa estratégia era própria do “Zubblemend”, não havendo o mesma exploração no restante d’*A Manhã*. Assim, o “alemão” falava de igual para igual retificando notícias ou analisando-as com “mais propriedade”.

Ao invés do modo narrativo, predominava na página o expositivo e persuasivo, cujas marcas discursivas atuavam no sentido de convencer o leitor de que as afirmações do cronista eram cabais e não mereciam questionamentos. Sua argumentação podia ser construída, por exemplo, através do estabelecimento de uma condição primeira que, se confirmada, implicava na verdade da segunda: “*Orra, se duda chende só lia as dillikrammos tas aliados e nong botia lê guê gue as allemongs tizia, **endong** dudes ia agretidá nos nodisies tas aliados, bengsande gue elles stavong fertaterras*”. Dessa forma, negava-se a possibilidade de cogitar outra conseqüência no lugar da segunda enunciação, impondo uma única relação condicional naturalizada e tornada irrefutável. Efeitos semelhantes eram conseguidos através de outros marcadores, como o advérbio “nadurralmente”, amplamente utilizado, e de perguntas retóricas: “*Gueng se vae bensá gue este nasong deng medo te ung nasongcinhe begueninhe, te só 15 milhongs te hapidandes, seng o etugasong, seng o tisiblina, seng a orculho e seng o fama tas allemongs te Hitler? Gueng vae agretidá bra isto? Ninqueng, **nadurralmente.***”

Esses mecanismos é que tornavam o discurso dos cronistas alemães próximo de um tom autoritário. Como alvo de textos assim, pretensamente estava sempre a busca da “verdade”, da “real” versão dos fatos, da mais correta análise dos fenômenos lingüísticos, da melhor orientação médica. E isso tudo estava sempre, claro, do lado do sábio alemão.

Seria assim se não fosse a ironia. Introduzida no interior do discurso do alemão, uma de suas funções estava em desconstruir essa imagem de superioridade e poder⁵⁹. O cronista ou poeta, portanto, apresentava-se ao leitor, podendo até se valer de ironias, mas essas faziam parte muito mais de outro nível, o da instância autoral. Isso porque, algo que deixamos apenas implícito nessas páginas, outra perspectiva era entrecruzada nos textos, a do autor real que permitia ao personagem falar.

⁵⁹ Hutcheon (op.cit., p.52) alerta para a natureza transideológica da ironia, para seu caráter também reafirmador de posições, reforçador de autoridades. Ela não é, portanto, intrinsecamente desestabilizadora e subversiva, embora possa ser se assim for possível inferir.

CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIA MACARRÔNICA

Indiscutivelmente, do ponto de vista histórico, um dos temas mais relevantes ao estudar o macarrônico do alemão é a imigração ao Brasil. São os fluxos imigratórios e o contato dos brasileiros com os não-nacionais que permitem a criação desses textos específicos. Não que apenas imigrantes fossem representados através da linguagem macarrônica⁶⁰, porém, ganharam mais força, produtividade e longevidade, nos periódicos humorísticos em questão, aqueles que correspondiam a grupos não-nacionais de maior destaque no movimento de imigração ao Brasil, especificamente portugueses, italianos e alemães, os dois primeiros em especial, tendo em vista sua inquestionável superioridade numérica⁶¹.

Esse movimento, que teve como um dos marcos a fundação da colônia alemã de São Leopoldo, em 1824, alcançou seu auge entre os anos 1888 e 1910, período de maior entrada de imigrantes⁶². Seja devido à necessidade de mão de obra rural que substituísse os escravos, ao objetivo de ocupar e colonizar áreas ainda não exploradas ou, ainda, à intenção de “branquear” a população, lançou-se um projeto de incentivo à vinda de europeus para o país. No total, por volta de cinco milhões de não-nacionais entraram no Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro, especificamente, como sede do Império e, depois, da República, teve um papel central nesse processo. A influência da cultura estrangeira já era uma realidade durante o século XIX⁶³ e início do XX na cidade, período em que se voltou

⁶⁰ Uma vez que, nos macarrônicos, tanto o alemão é representado como “estrangeiro”, o que já foi visto, como o francês (nesse caso ainda pode tratar-se de um brasileiro usando a língua francesa).

⁶¹ São exceções, curiosamente, os espanhóis, que representam em quantidade o dobro de imigrantes alemães (entre 1819 e 1939, entraram no Brasil 597.055 espanhóis contra 232.972 alemães), mas não têm um equivalente na literatura macarrônica brasileira. Quanto aos portugueses e italianos, os dados sobre imigração apontam no mesmo período 1.428.020 e 1.508.281 de pessoas, respectivamente (BRASIL Apud ALVIM, Francisco. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In SEVECENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 - volume 3).

⁶² SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.10.

⁶³ Desde 1808, por exemplo, a França servia como modelo e referência, condição alimentada, em grande parte, pelos franceses que habitavam o Rio de Janeiro (em 1834, cerca de 3800), difundindo assim seus hábitos

para a Europa na tentativa de imitá-la. No que se refere à imigração de massa, o Rio servia de porta de entrada a muitos dos imigrantes que chegavam ao país e se dirigiam a outras regiões. Não era, portanto, destino de muitos dos grupos imigrados, porém alguns ali se fixaram, realizando atividades importantes para o desenvolvimento urbano carioca:

É com o imigrante que surge para o nacional a oportunidade para certos empregos, até então desprezados em virtude de seu sentido nitidamente manual e, pois, desprezíveis pela tradição escravocata. Os restaurantes, os transportes, a prestação de serviços podem então desenvolver-se em vários sentidos pelo aproveitamento do elemento imigrado.⁶⁴

O grupo que mais se destacou nessas transformações da cidade, sem dúvida, foi o dos portugueses. Representava por volta de 72,1% dos 20,65%⁶⁵ de estrangeiros registrados no Rio em 1920⁶⁶.

Longe de ser significativo, o número de alemães na capital federal, se comparado aos de outras nacionalidades, parece irrisório para estimular a criação de uma página exclusiva de macarrônico do alemão em *A Manhã*, lado a lado com as do português, do italiano e, por um curto período, do “turco”⁶⁷. Calcula-se que, em 1920, houvesse cerca de 5000 alemães na cidade⁶⁸, o que representava apenas 2% do total de não-nacionais. No entanto, há registros

(DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Presença do imigrante na vida urbana do Rio de Janeiro (século XIX e começos do XX). In **Imigração, urbanização e industrialização**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Ministério a Educação e Cultura, 1964, p.194). Depois, na segunda metade do século, devido à construção de estradas de ferro, muitos ingleses vieram para a cidade, trazendo consigo então inovações tecnológicas e novos costumes que passaram também a ditar novas normas culturais (DIÉGUES JÚNIOR, op. cit., p. 197).

⁶⁴ DIÉGUES JÚNIOR, op. cit., p. 202.

⁶⁵ Segundo Seyferth (Cf. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990; A imigração alemã no Rio de Janeiro. In GOMES, Ângela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 11-43), os poucos dados numéricos sobre imigração que existem devem ser vistos com desconfiança, pois as fontes de tais valores não são claras e nem há detalhes dos mecanismos de pesquisa, além de não se saber ao certo se os retornos foram contabilizados. De qualquer forma, para o que pretendemos aqui, o valor estimado já é suficiente.

⁶⁶ Cf. DIÉGUES JÚNIOR, op. cit. ; MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos. In GOMES, Ângela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 164-182.

⁶⁷ O “Subblemento de Syria e de Bey-ruth” circulou esparsamente entre 1928 e 1932.

⁶⁸ SEYFERTH, 2000, p.18.

que apontam para um grande crescimento: no início da década de 1930 já seriam 20000 teuto-brasileiros na capital⁶⁹.

Um dado parece ser claro: os alemães que vieram para o Rio de Janeiro logo no início do século XIX sem demora trataram de se organizar e cultivar entre si os laços culturais que demarcavam sua identidade étnica⁷⁰. Atuando principalmente como comerciantes, já em 1821 fundaram a *Gesellschaft Germania*, primeira associação alemã no Brasil, formada por corretores da bolsa, livreiros, tipógrafos, médicos, engenheiros, taberneiros, oficiais de batalhões estrangeiros e, principalmente, “negociantes de importação-exportação, alguns dos quais serviram como representantes diplomáticos de algum país do centro e do norte da Europa”⁷¹. Além da defesa da noção de *Deutschtum* alimentada por organizações como essa, sem dúvida a própria língua germânica, mais dificilmente assimilada e assimilável pelos brasileiros, e a religião protestante, acabavam por colaborar para um maior isolamento dos alemães enquanto grupo étnico distinto e fechado, algo semelhante do que era possível verificar nas colônias do sul.

O periódico que colaborava na manutenção desses laços de pertencimento étnico, no Rio de Janeiro, era o jornal *Deutsche Rio Zeitung* (1921-1937), cujos artigos eram muitas vezes publicados também nas comunidades alemãs do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Além disso, tanto nas colônias rurais como nas urbanas, as associações de cunho educativo, esportivo, recreativo e religioso próprias dos teutos-brasileiros uniam esses grupos e garantiam seu lugar no espaço público⁷². Em termos gerais, ainda que estivesse aquém numericamente em relação à imigração italiana e portuguesa, a alemã acabou destacando-se “por ter constituído colônias homogêneas, isoladas e fortemente próximas da identidade

⁶⁹ Os fatores que parecem justificar esse aumento é o maior fluxo de imigrantes nessa década (representando quase 1/3 de todo o volume de chegadas ao país) e o início do êxodo dos alemães moradores das colônias agrícolas.

⁷⁰ Proporcionalmente, nesse período o número de alemães não era baixo. Em 1834 havia no Rio de Janeiro 3200 alemães, quase o mesmo número de franceses (DIÉGUES JÚNIOR, op.cit., p.194).

⁷¹ SEYFERTH, op.cit., p.15.

⁷² Na década de 1920 havia cinco escolas bilíngües fundadas pelos alemães no Rio de Janeiro.

étnica germânica”⁷³. Era possível, assim, reconhecer a existência de uma “comunidade alemã” no espaço carioca⁷⁴.

Mas essa demarcação étnica, por mais que chamasse atenção e destacasse os alemães, não foi o único fator responsável por um tipo de texto como o do macarrônico do alemão ser criado e perdurar tanto tempo na capital. Daí que a existência de uma **tradição** vem dar também os subsídios para a produção dos textos dos quais, como se sabe, Aparício Torelly não foi precursor.

2.1 O primeiro *xornal allemong*

As primeiras manifestações de uma “literatura macarrônica” no Brasil, tal como a caracterizamos aqui, veiculada em periódicos e vinculada à crônica jornalística, surgiram na revista carioca *Careta* em 1909. “La Carète Économique” trazia para a revista um espaço de propaganda do Brasil para o exterior, escrito em francês macarrônico, um deboche ao modo de muito brasileiros se expressarem na língua francesa.⁷⁵

Porém, foi *O Pirralho*, lançado em São Paulo em 1911, “a revista mais típica e importante do ‘1900’ paulistano” e “a mais representativa do nosso pré-modernismo”⁷⁶, que criou e desenvolveu várias seções em que os autores supostos eram não-nacionais. Essa identidade “forjada” permitia que vozes dissonantes e estigmatizadas se colocassem lado a

⁷³ SEYFERTH, op.cit., p.11.

⁷⁴ É interessante lembrar também que houve a tentativa de fundar colônias agrícolas germânicas no estado do Rio de Janeiro. O caso de Nova Friburgo, em 1819, foi uma experiência pioneira, porém fracassada. Mais tarde, em 1845, Petrópolis recebeu imigrantes alemães, porém foram-lhes cedidas terras do imperador sob a forma de enfiteuse, por oito anos. Isso fez com que muitos desistissem da agricultura, optando por outras atividades e tornando a colônia mais urbana que rural.

⁷⁵ Ver CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **A farsa como método** - A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralho*, *O Queixoso* e *A Vespa*: 1911-1917, Tese de Doutorado, Leuven, KUL, 1996; SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso** - a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁷⁶ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil-1900**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975, p. 239.

lado com as outras, autorizadas, defendendo interesses próprios ou projetando um outro olhar para os acontecimentos da época.

Dando continuidade à tradição macarrônica que o precedeu, *O Pirralho* contava com o caráter inovador de “As Cartas D’Abax’o Pigues”, em que Oswald de Andrade inventava seu Annibale Scipione, instituindo um lugar no qual tipos italianos eram interpretados. Mas foi o célebre italiano Juó Bananére o personagem que atingiu maior popularidade e autonomia, marcando presença em outros periódicos, dentre eles *A Manhã*. Seu criador era Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que, segundo Capela⁷⁷, “dada a profusão de seus textos, o alto grau de expressividade conseguido no manejo do macarrônico do italiano que desenvolveu para Juó Bananére, a pertinência e a criatividade de suas sátiras e paródias [...] pode ser considerado como o fundador e principal precursor da tradição” macarrônica⁷⁸.

Em nove de setembro de 1911, quinto número da revista, aparecia então a página “O Biralha”⁷⁹, como que dedicada exclusivamente à “comunidade germânica”, ou melhor, “gombrada barra os allemongs barra vazer um bolemiga gondre a Vranza, borgause te grandes tinheiras gue o Kaiser esdá mantando barra o Prasil” (“A Biralha”, 09/09/1911)⁸⁰, segundo o personagem — “redator-chefe” — Franz Kenniperlein⁸¹. O valor da assinatura — um quilo de batatas, como informava o cabeçalho —, já apontava comicamente uma das preferências dos alemães ali descritos, além do gosto pela cerveja. Essas características, assim como ocorria

⁷⁷ CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. “Língua-Pátria, Línguas-párias”, *Revista da ANPOLL*, n. 4, p. 39-64, jan/jun. 1998, p.52.

⁷⁸ Alexandre Machado fundou ainda em São Paulo o *Diário do Abaix’o Piques* (1933), mais um dos periódicos que dedicava seu espaço a textos macarrônicos. Ali apareceu o macarrônico do japonês, na seção *Taka-Shumbo Shimbun*. Dentre os poucos meses que circulou (de maio a outubro), o *Diário* publicou também alguns textos curtos em macarrônico do alemão, poesias e seções como “Pilhethins do Zant Catrin” e “Bissolutamentes!”.

⁷⁹ De responsabilidade, ao que tudo indica, do jornalista Joaquim Correia (CAPELA, 1996, p.115).

⁸⁰ Apontando também para esse comprometimento da seção com uma linha editorial francamente nacionalista, em 30/03/1912, um anúncio na página ironicamente avisava: “O ZENHOR gue baca barra guem vaz ardikos eloxianto Allemanhes, gondinúa á esbera gue elles abarrezem”. Deixava-se escapar, dessa forma, não apenas um distanciamento próprio do cômico, uma desconfiança inofensiva usada como artifício de riso, mas um descrédito projetado nos alemães, sentimento próprio de uma época em que se via o acirramento dos conflitos militares envolvendo o expansionismo alemão.

⁸¹ Os diferentes nomes dos redatores-chefes caracterizam mudanças editoriais na história da página. A produção de “O Biralha”, que abarca um total de 76 números, pode ser dividida, portanto, em seis períodos distintos. Além disso, esses personagens não só eram os diretores, como assinavam quase todos os (poucos) textos, o que acentuava a falta de diversidade da seção e a ausência de maior pluralidade.

com as demais representações dos outros tipos criados em *O Pirralho*, tinham “por base uma reativação de alguns dos principais conceitos e imagens estereotipados a eles relacionados, disseminados na comunidade paulistana”⁸².

Em linhas gerais, do ponto de vista da representação, em “O Biralha” o alemão mostrava-se nacionalista extremado, admirador da disciplina e da aplicação de seus conterrâneos. O militarismo germânico, manifesto no elogio às instituições ofensivas e defensoras da ordem, era motivo de orgulho, já que era um dos símbolos que caracterizava a força do Estado Alemão:

Gome dudes xendes esdá sapento, o Allemanhes, o himberial Allemanhes esdar zento a brimeirre baiz no munto. O Allemanhes dem a Kaiser, dem a Reichstag, dem a Pêrlin e mais ung borzong te goizes esbantôssamende pônides. — Mas borrem, a mais imbordande, a mais pônide goise, esdar zento a eqzêrzida. Tespois da eqzêrzida está o bolizia. (“O Brocrézo Allemongs”, 09/03/1912)

Prevaleciam, tal como esse trecho ilustra, os estereótipos, que limitam o texto ao fixar a imagem do sujeito e do objeto e “negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite)”⁸³. Porém, por vezes desviava-se dessa armadilha, promovendo uma ampliação de perspectiva com a introdução de uma pequena ironia relativizadora da imagem positiva, perfeita, atribuída à Alemanha, de modo a questionar o valor do militarismo alemão:

Mas gue bolizie mais pônide, mais falôrrose!! Ocht! As latrongs dem uma meta tamnata! No Allemanhe, na anno gue fem, nong fai egssisdir mais latrongs, neng azazines, neng malvêidôrres, dão falorrôsse esdar zento o bolizia.[...]

Denúncias assim, de uma possível ingenuidade do nacionalista alemão, desmontando sua imagem superior por meio de ironias, entretanto, são exceções em “O Biralha”. Na maioria dos casos, a exagerada exaltação à Alemanha permanecia inquestionável e servia para compor uma imagem caricatural germânica, que reforçava estereótipos. A ironia, ainda

⁸² CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **A farsa como método** (A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralho*, *O Queixoso* e *A Vespa*: 1911-1917), Tese de Doutorado, Leuven, KUL, 1996, p. 118.

⁸³ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p.117. Reflexões sobre o estereótipo encontram-se também em CROCHIK, José Leon. **Preconceito** (Indivíduo e cultura), 2ª ed., São Paulo, Robe, 1997, p. 8-26.

presente, dessa vez nas hipérboles elogiosas⁸⁴, poupava em parte a Alemanha de críticas e projetava na representação do alemão a postura ridícula:

A gorazong te dudes allemongs têfe esdar tanto bulinhos te alecria e gondendamendo! O Allemanhes zembre na brimeirro locar tôs nazongs* zifilizates!! Dudes goises no meu dêrre* esdar marrafilhôsse! A Kaiser, a eqzêrzida, o bolizia e brinzibalmende o bolidiga. Gue bolidiga esdubentamende* gorrêgda!! Uns tos uldimes tezizongs ta Reischtag fem brofar o gue eu esdar tissendo. Ninquen, esdá botento váz itêa te esde marrafilha! No tie finte tois veverrêro voi em tiszugzong o nezezitate te nong mais goprar os tirreitos to alvanteca nos pátátás, borgause gue isde tederminafa o grisse. Bois pem! O pátátá nong baça mais tirreitos! Esde ung crante dendasong bárta eu fôlda no bádria bárta gôme dando pátátá gue figue pêpeto! Nong zé bote tufitar mais: o Allemanhes a brimeirre baiz no munto: — o pátátá egdranxêrre nong bágue imbôsdes! (“Nodizia zenzazional”, 09/03/1912)

Os textos de “O Biralha”, como este último ilustra, voltavam-se, principalmente num primeiro momento, para assuntos da conjuntura política alemã, mas a abordagem era superficial, uma vez que interessava sobretudo operar em torno da rivalidade entre franceses e alemães — o que era feito nos mais diversos contextos, até mesmo em comparações a respeito da competência policial e do modo de se vestir (a “elecanzia”) de cada um. Esse clima conflituoso era próprio da turbulência política instaurada, das disputas coloniais que levaram à Primeira Guerra. Predominavam tanto crônicas motivadas por notícias ou inquietações da Alemanha, como o militarismo germânico era acentuado através de textos como “Bolizia” ou a série “O insdrugzão milidar”, escrita pelo “profesor”, “maxor”, “afiator”, “vilosovo”, “naturalisda” e “hisdorriatôr” Peterslein. Segundo ele, “zem o tiziblina nong esdá bossifel o fôrza e zem o fôrza nong esdá bossifel o atiantamendo te ung nazong; lôôco, zem o tiziblina, ung nazong nong esdá bresdando” (“Insdrugzão milidar”, 27/04/1912).

Muito embora essa temática por vezes imperasse, defendendo-se uma postura séria e disciplinada, a maior parte da página era ocupada por amenidades, provenientes quase sempre de acontecimentos ocorridos com os personagens. É provável que dessa forma se buscasse desenvolver uma narrativa pessoal, algo semelhante ao que ocorria com Bananére, porém a

⁸⁴ Como já foi dito, há de antemão nesses periódicos humorísticos um pacto de leitura pautado na ironia que permeia portanto todos os textos. No entanto, é possível ver no interior de cada um outras ironias ainda, como se houvesse diferentes camadas de leitura.

idéia não parece ter sido levada adiante. As histórias resumiam-se, em especial, às bebedeiras, o que soava, no mínimo, um contra-senso que desacreditava os cronistas perante os leitores, ou melhor, que alimentava a ridicularização do alemão representado. Assim, os alemães que supostamente trabalhavam na redação de “O Biralha” enfrentavam com frequência porres que os deixavam “doentes” e impossibilitados para o trabalho. De um lado, então, prezava-se pela rigidez de comportamento que tornava os alemães superiores a todos e, de outro, na prática, os cronistas entregavam-se à cerveja⁸⁵. Ao abordar o plano local, mais especificamente o cotidiano da revista e os fatos pessoais dos personagens, acabava por sobressair-se esse viés último⁸⁶.

Através de um texto como “O cerfexes”, por exemplo, essa incoerência podia ser ainda reforçada ou ironicamente reputada. Nada que escapasse à inteligência e à perspicácia germânica — o consumo de cerveja na verdade era uma atitude esclarecida e sábia:

Oxe eu vai vazer a eloxio fifo to cervexes e egsblligar o razongs to breverencia tada a ella bellos allemongs sobre dodas os pebides. Bem, o cerfexes esdar zendo un goizes liguidamende aglimentozes, ou bor odra, esdar zende um alimedo em forma liguida, gue esda burrivigando a organismo e tando vorzas para o xendes.

Orra os allemongs gue nong estong troxas nen nada estong breverindo o cerfexe tefido as zuas inzuperraveis gualidades. Alen tisso o cerfexes domado em chops em crande quantidade esdarr broduzinde o bilegs; e o bilegs esdar broduzinde o lafaxens na egsdomago.

Bor gonzequite: Gonglusongs: Um bilegs* te zerfexes bor zemana esdar te brezeito. (“Os cerfexes”, 04/04/1914)

Dessa forma, beirando o absurdo, os cronistas construía a imagem de um alemão que se arrogava à posição de “erudito”, fazendo questão de demonstrar seu conhecimento através de explicações e teorizações. As séries “Insdrugzão milidar” (descrição detalhada do que seria a formação de um bom exército), “O xerazão to mundo” (“novo” relato sobre a Criação) e

⁸⁵ Essa aparente contradição também faz parte do discurso construído posteriormente no “Zubblemend to Alle...manho”, porém o temperamento boêmio mostra-se mais contido, o que é mais condizente com o apreço ao trabalho e à postura intelectual, traços desenvolvidos no caso da representação germânica do jornal carioca, como vimos.

⁸⁶ Não eram incomuns notas como a seguinte: “Zenhor von Perterslein fem, bor esde bupligo meio, acratezer dodos aguelles gue esdiferam vissidando elle turante o *molesdia* to uldimo zemana. Oudrozim, dem barra teclarrar gue o gulpa to *molesdia* esdefe doda to zenhor Schmidt, gue, tesbois te esdar crantemende *enzerfexáto*, nong esdafa mais teixanto fassio a góbo te Peterslein. Defito a esde razon, as leidorres tefem esdar tanto ung crante zófa te baú na intigna vodórafo.” (“Acratezimendo”, 29/06/1912)

“Zam Baolo” (“Esdudos gridigos sobre o baiss, a bofo e gosdumes”) evidenciam tal mecanismo de auto-afirmação e representam os textos de maior criatividade em “O Biralha”. Algo semelhante a “O Reubliga”, em que o alemão, “crante gonhezedor to hisdorria”, dizendo-se admirado por não reconhecer os nomes dos que proclamaram a República brasileira, resolve apresentar os verdadeiros fatos, que incluem a descoberta da América, do Brasil e do mundo realizada pelos alemães:

[...] O hisdorria esdá azim: Ung tie gue esdafa eqzisdindo zómende o Allemanhes e o Vranza na munto, barrezeu o itéa te tesgoprir as oudros baizes. O Vranza esdêfe guerrento vasser o fiaxen, mas borrem os allemongs zahiu endong dôdôs xundos numa grante nafio, esdiféram fassento ung gollozal viaxen e tesgopriram o Ameriga, gue esdafa uma baiz zelfaxen, onte as homens valavam: “*Ameriga*”, o que zicnifiga: “*Fem gá, zi fosse esdá xente*” — Esde vrasse esdêfe esdudato bor uma crante numero te zapios allemongs e voi tesgoberto gue as zelfaxens guerriam tissêr: “*Zi fosse dem goraxem, fem gá, gue nois gome dudes fosses*”. Orra, esde esdá ung gumbrimendo pastandemende bougo amafel. Mas borrem as allemongs esdá crantemente gorraxôsses e nong esdiferam dendo a demôr — bissarram no dêrra virme e domaram a bosse ta locar.

Muide dempo tesbois, oudres allemongs esdiferam into numa mar nunga te oudrem nafecats e tesgopriram a Prassil.

Orra, gonzeguenzia loxica, esdá gue zi as allemongs esdiferam vassento dudo isdo esdiferam dampem broclamando o Reubliga na Prassil. — Esde esdá ung vagdo zerdizimo — Teixo agui, bordando, o regdivigazong to hisdorria prassileira [...]. (“O Reubliga”, 23/11/1912)

Peterslein reivindica uma outra versão para a proclamação da República brasileira e para o descobrimento da América, pautada pelo absurdo cômico, um raciocínio guiado pela “lógica do sonho”⁸⁷. Por trás de seu exagero nacionalista, de uma explanação superficial, encontra-se uma ironia que questiona a versão oficializada, pacífica dos fatos. Sugere-se assim que são contadas as versões históricas convenientes aos que desejam justificar ou alimentar seu poder. Além disso, aponta-se para a violência presente nesse processo, por exemplo na resistência, apresentada pelo irônico significado do nome “América”, que os alemães “com coragem” teriam enfrentado.

Mas “O Reubliga” é exceção no que se refere à abordagem de assuntos relativos ao contexto brasileiro na página. Se aos assuntos internacionais o lugar destinado, quando não

⁸⁷ BERGSON, Henri. **O riso** – ensaio sobre a significação da comicidade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.140.

era em artigos maiores, passava a ser, aos poucos, os “delecrammes”, pequenas notícias supostamente enviadas de diversas partes do mundo, o cotidiano brasileiro era quase ignorado em “O Biralha”. Tal abordagem restringia-se a raros comentários sobre algum acontecimento na cidade paulistana ou a respeito de algum fato político, na maior parte das vezes, sem viés crítico.

A perspectiva estrangeira, que poderia então ser utilizada como recurso desestabilizador de fronteiras e pontos de vista, limitava-se em “O Biralha”, quase sempre, à reiteração de traços estereotipados de modo a ridicularizar os alemães. A página representava, pode-se dizer, um lugar de exibição de uma língua e de personagens exóticos, um efeito do contato social diverso e múltiplo na cidade de São Paulo que estava se tornando cosmopolita. A despeito dessas limitações, já estavam presentes n’ “O Biralha” algumas características que mais tarde seriam reaproveitadas, transformadas e reinventadas em *A Manhã*: o germanismo, a paixão pelo chope, o apreço pela disciplina e a postura intelectualizada, traços todos que compõem o clássico estereótipo germânico.

2.2 “Zubblemend to Alle... manho”

O surgimento do “Zubblemend to Ale...manha” em, salvo engano, 27 de outubro de 1927⁸⁸ significava, portanto, mais um passo nessa tradição. Integrando o jornal humorístico *A Manhã*, a página, como todo o periódico, era fruto do esforço de Aparício Torelly, que tinha a seu favor não só esses textos precedentes de “O Biralha”, que circularam também no Rio de

⁸⁸ Essa data corresponde à primeira aparição do suplemento nos originais disponíveis na Biblioteca Nacional. Como faltam os números 02 a 53, é possível que antes já estivesse presente.

Janeiro⁸⁹, como sua familiaridade com a língua e a cultura alemã adquirida em sua infância no Rio Grande do Sul⁹⁰.

Com um nome inspirado no jornal *A Manhã*, no qual Aporelly trabalhou em 1926, *A Manha* nascia no dia 13 de maio desse mesmo ano. Esse “órgão de ataques... de riso”, como assinalava o cabeçalho da primeira página do jornal, teria vida longa — apesar de algumas interrupções, causadas pela prisão de Aporelly, pela censura e por motivos financeiros—, e circularia até 1952. O tema de maior relevância era, sem dúvida, o contexto político, cujos acontecimentos eram acompanhados, comentados e às vezes recriados nas páginas do periódico. Como procedimento de criação, era comum inclusive atribuir artigos ou entrevistas a pessoas públicas, como se estivessem envolvidas na produção do jornal ou fossem colegas dos supostos cronistas. O personagem de maior destaque, claro, era então o próprio Aparício Torelly, referido como “nosso querido diretor”, que se transformaria posteriormente no Barão de Itararé, o que lhe atribuiria ainda mais importância nos fatos políticos.

Grosso modo, essa produção concentrou-se nos anos de 1926 a 1935, 1937, 1945 a 1947 e, em São Paulo, de 1950 a 1952. Durante a maior parte desse período, foi uma

⁸⁹ Conforme uma nota n’ “O Biralha”, *O Pirralho* estava à venda no Rio de Janeiro na charutaria do Bar Brahma. Isso não quer dizer que Aporelly acompanhasse essa publicação, porque entre 1911 e 1914 estava no Rio Grande do Sul ainda. Mas o dado interessa pois nos mostra que os textos em macarrônico já podiam fazer parte do imaginário simbólico-cultural da cidade do Rio de Janeiro.

⁹⁰ Aparício Torelly nasceu em 29 de janeiro de 1895, perto da fronteira entre Brasil e Uruguai. Aos dois anos, após o suicídio da mãe, uruguaia, “índia charrua de pai norte-americano” (FIGUEIREDO, Claudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.16), passou a ser criado pelo avô paterno. Seu tio Firmino, que era advogado, líder do Partido Federalista e havia estudado em Paris, preocupava-se com a formação do menino e assumiu a tarefa de educá-lo, enviando-o depois, então, para o Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, um dos melhores colégios internos do país, de responsabilidade de padres vindos da Alemanha, Suíça e Áustria. Foi ali que adquiriu o conhecimento da língua alemã e suas boas notas, inclusive, por vezes lhe garantiram o primeiro lugar na matéria. Na escola não resistiu à postura autoritária e disciplinadora dos padres alemães, especialmente um, apelidado de Jararaca, e escreveu uma poesia satirizando-o naquele que pode ser considerado seu primeiro jornal, de um único e manuscrito exemplar — o *Capim Seco*. Uma brincadeira de criança que lhe rendeu também a primeira de outras detenções que se seguiriam no futuro. As férias passava com o pai, federalista ferrenho, em Rio Grande, cidade pequena mas que já contava no final do século XIX com três jornais e dois periódicos caricatos. Antes de se mudar para o Rio de Janeiro, aos 30 anos, cursou parte do curso de Medicina e depois resolveu trabalhar como jornalista, viajando por várias cidades do Rio Grande do Sul a fazer conferências. Tais informações sobre a vida do Barão encontram-se em *As duas vidas de Aparício Torelly*, de Rubens Figueiredo (1988), e *Barão de Itararé*, de Leandro Konder (1983).

constante a presença de suplementos reservados aos macarrônicos, formando uma rede de vozes dissonantes⁹¹.

Se compararmos “O Biralha” com o “Zubblemend to Alle... manho”, perceberemos que o maior diferencial deste último foi a diversidade de temas, formas e estratégias discursivas. Ao olharmos rapidamente alguns exemplares, logo se observa que em *A Manhã* o suplemento alemão produzia uma quantidade muito maior de textos, inclusive de diferentes gêneros — havia crônicas, artigos, entrevistas, editoriais, cartas, poesias, notas e telegramas. Também não se procurava aproximar os personagens dos leitores através da narrativa de acontecimentos particulares e a maioria dos textos não era sequer assinada. Os poemas costumavam apresentar os mesmos autores, porém, no restante, os nomes que apareciam geralmente seguiam a dinâmica do contexto político.

No jornal carioca, o “Zubblemend to Alle... manho” foi, depois do “Suprimento de Portugali”, o que mais tempo circulou. A assiduidade da publicação do macarrônico do alemão fez com que, de modo geral, essa produção não fosse homogênea, apresentando diferenças com o decorrer dos anos. Uma primeira análise dos textos permitiu reconhecer a existência de, pelo menos, três fases distintas: do início até novembro de 1930, de novembro de 1930 a 1937 e de 1945 a 1947. A segunda fase ainda pôde ser dividida em dois momentos, já que a ascensão de Hitler trouxe para a página mudanças significativas⁹².

2.2.1 *Uma produção em fases*

⁹¹ À exceção de pouquíssimos exemplares em 1934 e 1935 e da produção de 1950 a 1952, *A Manhã* sempre contou com, pelo menos, uma página em macarrônico em cada número.

⁹² A descrição mais detalhada dessas fases faz parte do ensaio introdutório que, juntamente com a antologia de textos transcritos, foi publicado em *Zubblemend to Alle...manha* (ITARARÉ, 2006),.

Quando surgiu, como “Zubblemend to Alle...manha” (grifo nosso), o suplemento alemão sinalizava, logo acima, em letras grandes, o lugar de que partiria seu ponto de vista nessa primeira fase de sua produção: TO SAND CADRIN. Esse estado, ao lado do Rio Grande do Sul (este em menor medida), servia como referência em muitos textos. Como a página pretendia aparentemente simbolizar os anseios da comunidade germânica, os assuntos quase sempre se voltavam para questões relativas à política desses locais e vários dos autores supostos eram personalidades ilustres do cenário catarinense.

A começar pelo correspondente do suplemento, H. Stoltz, menção a um conhecido empresário do ramo de navegação, também a criação de outros personagens era inspirada em pessoas públicas. Nesse período, Adolfo Konder era com frequência citado e seu governo entusiasticamente aplaudido:

Fui muida festechada a brimerra nadalisie ta coferna ta nosa ermong Adolf, no gabidaal e nos golonhes. Dudes hapidandes sdong muide gondendes e muide induciasmades gom a brokress to Sand Cadrin. As golonistes deng fardurra, deng tinierra nas pangues e nas goberradifes ta Reifeisen; dudes blandeng e dudes vong golhê as suas fichongs, as suas milhes, padattes, pobres, zepolles, aibing, manhoques, rebolhes, bebinas e muides odres brotuktes dos blandagoes.

E gom iste dampeng as imbostes figueng aukmendades e a coferna canha nôves regurses bra atiandá a brokess to “Konderland”. E borgause te esta aukmenda to brotuksong, aukmendei, dampeng, o eksbordasong.

Nadurralmende, esta ateandamenda veng to endillichengsie e da drapalha tas allemongs. Se o Sand Cadrin nong dinha as golonhes allemongs elle nong ia supi ansing dong licherra. Se nong era as allemongs, nois nong dinha confenatores gome as Konder, Schmidt, Lauro Müller; necosiandes gome as Hoepcke, as Wendhausen e muides ôdres. [...] ⁹³ (27/10/1927)

Em “O eksbordasong”, fica clara a linha editorial seguida nos primeiros números do “Zubblemend” — o germanismo desenhava o governo de Konder como sinônimo de competência e êxito, a inteligência que se combinava ao trabalho dos colonos alemães e fazia o estado progredir. Tudo se devia à competência dos alemães, como se atestava pela existência de governadores e negociantes de tanta eminência. A intimidade com a qual o cronista se refere a “Adolf” Konder, mostra não só que possivelmente o texto foi pensado como escrito por seu irmão “Fiktor” Konder, também personagem da página, mas ainda

⁹³ ITARARÉ, Barão de. **Zubblemend to Alle... manha**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006, p.87.

aponta a familiaridade presente na abordagem de fatos políticos catarinenses e brasileiros, uma consonância do editorial da página com as ações promovidas por tais políticos, situação que se acentuaria mais adiante: “Nos allemongs stong dudes unides, dudes itendifigades, dudes zolitarries gom as nosas illusdros e indellichudes badrisies ermongs Kondor”⁹⁴. Tamanho partidarismo evidenciava a falta de isenção dos cronistas na abordagem de temas políticos e assim podia se olhar para o ponto de vista dos personagens com desconfiança.

A superioridade germânica era ainda propalada por meio da exposição de idéias e teorias de supostos intelectuais alemães, como é caso do texto “O reformasong to insdrugsong” em que o professor Everard Backheuser descreve seu projeto de reforma educacional, opondo-se ao de Fernando de Azevedo. Trazia-se dessa forma para o “Zubblemend” um debate que estava acontecendo na época, utilizando-se nomes reais, porém com o pretexto de zombar da própria representação do alemão, dos mitos da pretensa superioridade intelectual:

Na minha ultima e brimerra ardicke gue eu sgrefeu bra “O MANHO”, brasima ta broplema to insdruksong, eu tiz, no brimerra barte, gue as profesorres deng te engsiná bros griangses muides goises gue elles (as griangses, nadurralmende)... nong sape.

Hôche eu vae sgrefê a meu biniong brasima to sekunda barte ta minhe brochekd gue eu sape gue stá muide mais melhor pong to gue a ta tokdor Fertinant te Acevêda.

Eu guere me referri bra estes goises gue os griangses nong sape e gue barcisa elles abrentê gom a profesor.

Bra ekcemblo: — a p - a pá — c - o ko — t - u tu etc. — O griangse nong gonhese o gardilhe, nunga vio a A.P.C. ...

Endong a profesor gue sape iste, gue chá gonhese a A.P.C. vae engsiná bro griangse.

Tispois gue o griangse cha vae se atiandande abrentendo mais goises, elle chá vae gecando no kramadick e vae abrentendo te gonchuká as ferbos.

Bra ekcemblo: — amar — eu ama, du amas, elle ama, nois ama, vois ama, elles ama.

Tisbois vem — guerê — eu guére, du guére, elle guére, nois guére, vois guére, elles guére. Endong veng a ferbo — sirir — eu mi siri, du ti siri, elle si siri, etc. etc. Bra uldima deng — bonhá — eu bônhe, du bônhe, elle bônhe etc. etc. [...] (16/02/1928)⁹⁵

A cegueira do professor que não percebe estar falando numa linguagem “incorreta”, fora dos padrões da norma culta e, principalmente, numa língua intermediária, que mostra a

⁹⁴ ITARARÉ, op.cit., p.97.

⁹⁵ Ibid., p. 89-90.

falta ainda de domínio do sistema do português, acaba por comprometer a explanação de Backheuser, cuja imagem de autoridade se desmantela. O prestígio intelectual dele e dos alemães representados, dessa maneira, é colocado em xeque, minado pela própria fala do personagem. Por meio de um procedimento irônico, evidenciado pela incongruência, a contradição da imagem do alemão e a figura do sábio, contraria-se o princípio da sabedoria alemã, sustentada somente por um argumento de autoridade. Levando em conta que era uma alusão a Everardo Backheuser, educador envolvido no projeto de reforma educacional da época, projetava-se também sobre ele a ridicularização.

Tendo passado o período da primeira guerra, cujas represálias foram traumáticas para a Alemanha, não se encontra no “Zubblemend” o mesmo militarismo de “O Biralha”. Pelo contrário, no jornal carioca prevalece a tendência de os alemães defenderem-se desses estigmas trazidos pelo conflito, declarando-se injustiçados. Em “Gueng deng gulba?”, Franz Becker, colaborador de longa e constante presença na página ao longo desta fase, propõe uma revisão da história, questionando certas leituras feitas a respeito da atuação da Alemanha na guerra. Não deixa de lembrar “O Reubliga”, de “O Biralha”, anteriormente citado, em que através do absurdo cômico se questiona a versão oficializada da história. Nesse outro, entretanto, há uma argumentação lógica que reconhece não ser um processo isento o da construção das “verdades” históricas.

As dillikrammos gue as chornals stong bupligande stong tizando gue chá stong bringsibiande te regonhese gue as allemongs nong stong gulbades to crande quera muntiaal, gome se bengsava brimerra...

Nadurralmende, gom este brobakande tiskrasade gue os achengsies alliades faiciong bra gondra bras allemongs, dudo mundo fui acretidande e bengsande gue mesma as allemongs fui gue fiz o quera. As dillikrammos ta Gwardel Chenerral allemong e tos achengsies neudres dudes tias stavong gondande gome fui gue rependei o quera e gome as ekzerzides e o sgwatre allemongs se bordafong turrande as gompaddes e turrande o oggubasong tas deridorries ingfadides, mas ninqueng gueria agritudá borgue os achengsies alliades ingfendavong nodisies mendirroses e esbalhavong estes nodisies bra duda mundo e nong tejava as allemongs bupligá as suas dillikrammos! Orra, se duda chende só lia as dillikrammos tas alliades e nong botia lê guê gue as allemongs tizia, endong dudes ia agretidá nos nodisies tas alliades, bengsande gue elles stavong fertaterras.

Acora, borreng, chá vae te cavácinhe abbarresende o fertade gue ninqueng bode esgontê bra muide dempo. As profesores to Nordameriga vong engsiná nos seus esgolas gue o Allemanhe e a Kaiser Kilherme nong stavong gulbades to quera, e gue

os nodisies te grueltades e parparitades gue as aliades esbalhei bra duda mundo, bradigades bras allemongs, nong stong fertade e sing infentasong tos achensies aliades gue resepia tinherra bra faicê isto! (30/01/1930)⁹⁶

Se de alguma forma o reconhecimento da “verdade dos fatos” serve como compensação pelos prejuízos causados pela guerra ao país e à auto-estima alemã, nem se cogita a possibilidade de essa ser apenas mais uma versão, também duvidosa. O nacionalismo cala a constatação de que é preciso apurar os fatos e chegar a uma interpretação satisfatória e ignora a suspeita de que também as novas versões não são confiáveis, sobretudo porque não são imparciais. Aliás, o texto mostra, de modo bastante sutil, justamente que toda leitura é movida por interesses e que os aliados (especialmente os Estados Unidos), como inimigos, não poderiam inocentar a Alemanha. O resultado pode ser assim um efeito que vem na contramão do artigo, provocando aos poucos a desconfiança do leitor, situação que se confirma no último parágrafo:

Nadurralmende, guen botia agretidá gue chende guldo, cifiliçado gome as allemongs, ia madá chende seng raçong, gordá as beides tos mulherres inimigues, tisguardechá e arangá bernos e praces te griangsinhes? Gueng ia agretidá? Ingfelizmende muida chende agretidei e gontenei as allemongs inchusdamende. Nong fais maal. Acora stá bringsibiande o chusdiça... Stá mais melhor asing.

Partindo do pressuposto da superioridade germânica, Franz Becker descreve com tanta naturalidade os atos de violência que teriam sido cometidos pelos alemães que, ao invés de convencer a todos a respeito do disparate da acusação, dá mais uma razão para que não se acredite nele. A pergunta retórica de que lança mão tem efeito contrário, dando margem para que se perceba sua frieza. Novamente o próprio discurso do personagem, do modo como é composto pelo autor real, desestabiliza estereótipos (e reforça outros).

A perspectiva irônica, que põe em suspensão e renega o discurso proferido, aparece no “Zubblemend” a todo o momento, em maior ou menor grau, revelando-se uma chave de leitura dos textos. Em alguns deles o próprio discurso se desmonta, evidenciando a falsidade

⁹⁶ ITARARÉ, op.cit., p.95-6.

dos argumentos e da imagem estereotipada do alemão como superior e sábio. Isso se dá de forma bem evidente quando um recurso que chamamos de **adesão incontinente desqualificante**⁹⁷ é usado, como acontece num momento seguinte nessa primeira fase, a partir de outubro de 1929, no qual o próprio personagem “Atolf Konder”⁹⁸ torna-se diretor.

A mudança editorial faz com que, nesses números, haja uma particularização maior no enfoque dado à política de Santa Catarina, assumindo-se francamente, por parte dos autores supostos, uma posição de apoio aos irmãos “Konder Sdkt”. Porém, não sem ironias:

AS CHORNALS deng bupligade, nestas uldimes tias, dilikrammos to Sand Cadrin tenungsiande fiolengsies e arpidrarietades gue a coferna ta toktor Adolph Konder derria podado eng ekceguasong bra adrapalhá, bra timinui, bra brechutigá o vodasong tas liberrals naguella golonie allemong.

Orra, singserramende, guen gonhese as ermongs Konder Sdkt. e as sua medôdes te abbligasong to bolidick gome brofisonsong limbo e tesende, nong bode, nadurralmende, acretidá nestas dillikrammos gue song dudes mendirroses, dendengsioses e indengsionalmende arangchades bra faicê effeido forra to Sand Cadrin.

* * *

NADURRALMENDE, se uma bardida está na coferna te uma Esdado ô te ung rebuplik, elle nong vae sê dong pôbo, dong drôxa bra í achudá a sua atfersarrie e neng mesma tejá elle faicê dude gue elle guer. A breцитende te uma Estado está mesma gome uma jeff te ung farmilie. Gueng manta no farmilie está a jeff, elle bode ralhá gom as rabais e tizê garron bra elles e indé buchá os orrelhes gwande elles stong muide malgriades e fais tiçaforras!

* * *

E GUEN vae senzurrá uma jeff te farmilie gue vae teidá o enerchie no seu gasa e mandê o ortem gwande as rabais vong se tizê gombusdurras e prigá e tar dappos? A jeff barcisa inderfir gom o seu audorritade e gasdicá as gulbades e agonselhá as odres. E elle barcisa fisgaliçá as necosies te tendro no gasa e nong tejá a rabais afuá muide aldo. É iste gue a toktor Adolph Konder Sdkt. stá faicende no Sand Cadrin. Deng lá uma rabais no farmilie gue stá muide aldanerra e chá guer mantá nas nekosies te gasa dande o mais gome a sua babai. Esse suceidinha se jama Nerreu Ramas. Orra, nadurralmende, a toktor Adolph stá a babai, no farmilie, e elle nong vae star dong droxa gue vae tejá esta rabaicinhe faicê dude gue elle guer. (30/01/1930)⁹⁹

Partindo de um diálogo com notícias correntes em outros jornais, artifício muito usado no “Zubblemend” para inserir-se nesse contexto, como já dito, por meio da instituição de uma

⁹⁷ Tal estratégia discursiva usada por Aporelly no macarrônico do alemão foi analisada pela primeira vez em CAPELA, Carlos Eduardo Schmid; ENGERROFF, Ana Carina Baron. “O rido crispado (O macarrônico alemão de A Manhã e a ascensão e queda do nazismo)”. *Aletria*: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, n.9, p.161-174, dez. 2002 e mais detalhadamente no livro *ITARARÉ*, Barão de. **Zubblemend to Alle... manha**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

⁹⁸ Essa mudança possivelmente está relacionada ao fato de *A Manhã* passar a ser encartado nessa data como suplemento do *Diário da Noite*, jornal de Chateaubriand, condição que durou apenas quatro meses, apesar do sucesso.

⁹⁹ *ITARARÉ*, op.cit., p.95.

polêmica¹⁰⁰, de novo pretende-se esclarecer supostas afirmações falsas e caluniosas a respeito de alemães. O texto baseia-se na defesa do governo de Konder quanto às acusações de que estaria cometendo atos violentos e repressivos contra os liberais, posição mantida até o fim e construída através da comparação com a autoridade paterna. Ao aludir ao contexto familiar, no entanto, aponta-se para a relação indevida do governo com seu estado, tomando este como sua casa e sua propriedade. A postura despótica é denunciada indiretamente, através da defesa exagerada de posições nada éticas, de uma argumentação que se volta contra si mesma. Menos do que pôr em xeque o germanismo alemão, no caso interessa projetar nas ações cometidas um viés crítico, que as aponte como arbitrariedades. Nesse sentido, a representação germânica fica a serviço do humor político, de uma postura de oposição, ou seja, o ponto de vista supostamente alemão é usado para tratar da política brasileira.

Da mesma forma que governavam Santa Catarina como sua casa, assim os personagens Konder assumiam o suplemento, defendendo sua administração. Além de serem os diretores, assinavam textos que, dado o humorismo político do jornal, terminavam por resultar em críticas a si mesmos, situação estimulada quando, devido à crise instaurada no que seria o final da República Velha, viram seus cargos correndo perigo:

Liberal está picho ruim,
Nong acuenda mais dirrong,
Cridda muide, fais parrulhe,
Mas nong canha eleisong...

A Fais Indong sdá durruna,
Fais gome a Bruno Garnerra
Cridda brás liberrals:
— Gommigue sta no matêrra.

Bor iste, no Sand Cadrin,
Gueng manta é a minha ermong.
Konder nong sta te pringueda
Guen tufida: — vae fakong!... (“Mótinhes”, 17/04/1930)

¹⁰⁰ Na verdade, esse procedimento era bastante usado também nas principais páginas de *A Manhã*, já que predominavam como tema atualidades no campo político. O mesmo não costumava ocorrer nos demais suplementos em macarrônico, pois tratavam sobretudo de outros assuntos do cotidiano, mais próximos inclusive da esfera privada.

Através da perspectiva de Fiktor Konder, tínhamos uma leitura da situação política. Se antes das eleições, como mostra o poema “Tillema”, citado anteriormente, o ministro demonstrava medo de perder seu cargo se Getúlio ganhasse, agora se mostrava confiante, não vendo ameaça nas reações dos liberais. A valentia, tal como atribuída a Washington Luís e ao irmão Adolfo, ao mesmo tempo em que podia ridicularizá-los, remetendo a uma falsa coragem porque a eleição já estava ganha¹⁰¹, trazia consigo também a denúncia do autoritarismo praticado por esses políticos, em especial pelo último.

Essas transformações que causaram uma reviravolta política em 1930, foram decisivas para o país e para a história do “Zubblemend to Alle... manho” que, como toda *A Manhã*, mudou radicalmente sua diagramação. Desde o final de 1929 o jornal já manifestava um suposto apoio à Aliança Liberal, então a tomada de poder por Getúlio Vargas tornava-se uma boa razão simbólica para uma reformulação gráfica¹⁰².

Acompanhando os acontecimentos políticos, portanto, o suplemento alemão passava a trazer um diretor “inderrinha”, Berthold Klinger (referência a Bertoldo Klinger, um dos líderes na Revolução de 30). Começava um novo período, uma outra etapa que representava uma reviravolta na linha editorial, uma vez que os Konder saíam do poder.

Em novembro de 1930, início da segunda fase, marcando a transição, Adolph Konder ainda escrevia um texto de despedida, de lamento, uma recriação de “O nosso ranchinho”, canção popular da época:

¹⁰¹ Nas eleições presidenciais ocorridas em 1º de março, Júlio Prestes recebeu 1 091 709 votos contra 737 000 de Getúlio Vargas.

¹⁰² É curioso observar a abordagem dada por Aporelly aos fatos políticos da época. Em 1929, *A Manhã*, afirmando-se neutra, ironizava a figura de Vaz Antão Luis (um dos colaboradores, aliás), mas em outubro, decidia apoiar a candidatura de Prestes, já que não tinha recebido proposta dos liberais. A narração de uma cena cômica publicada em 26/12 marcava a “mudança” de posicionamento do jornal: Prestes, em visita a Aporelly, teria se ajoelhado pedindo desculpas após o jornalista ter-lhe cobrado a falta de uma plataforma de governo consistente. Dias depois, Aporelly, decepcionado, teria ido então oferecer seu apoio a Getúlio e João Pessoa, ainda que, nas vésperas da eleição o jornal ainda brincasse: “Qualquer que seja o resultado das urnas, seja qual for o epílogo dessa luta, saberemos manter corajosamente, custe o que custar, o nosso apoio incondicional ao vencedor” (apud FIGUEIREDO, Claudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.50) Assim, jogava-se com os partidarismos, não deixando de criticar e denunciar ações e posturas através de um constante e irônico distanciamento.

Nosa rangjinha asing stava pong,
Dinha lá tendro só allemong.

Nois cofernava o Sand Cadrin,
E dudes gomia melaade gon farrin.

Dudes gondendes, dudes tangsando,
Eu e a minhas ermongs cofernando.

[...]

Nosa rangjinha asing stava pong,
Gue bena gue ving este refulusong..... (14/11/1930)¹⁰³

Perderam o “ranchinho”, o lar que governavam, e deram lugar no “Zubblemend” para um outro tipo de abordagem que não tinha como alvo críticas a políticos específicos de origem germânica. Houve uma ampliação da perspectiva, proporcionando uma maior exploração dos recursos criativos do macarrônico e uma melhor elaboração dos textos¹⁰⁴.

A política brasileira perdia sua posição central como tema, mas ganhava, ao invés de comentários e narrativas rápidas e “comprometidas”, análises mais profundas e curiosas a respeito do assunto. O “potencial germânico” para a atividade intelectual era explorado em reportagens ensaísticas, predominantes nessa fase do suplemento, como “Gosdiduisongs”. Já de início era possível ver que o ponto de vista mudara, e agora se aderiu à Revolução e criticavam-se os antigos políticos sem precisar se valer do mesmo tipo de ironias, apontando como exploravam o país:

As felhes bolidiguerres gue berti os seus bocisongs na coferna ta Pracil gom o Refoslusong te Oudupro, figuei zafatinhes na fakong gom as refoslusionarries borgause te isto.

Nadurralmende, elles nong botia figá gondendes te bertê os “mammaterres” atonde elles jubava o vida inderro a “leide” to faquinhe leiderre (Dessôra Nazionaal). [...]

E gomo elles ia faicê bra canhá odreveis o gue elles berti? Cridá bra o gonsdидуinde bra faicê odreveis o Consdiduisong! E elles fiz. Elles fui dudes bra rua

¹⁰³ ITARARÉ, op.cit., p.102. A canção era “Nosso ranchinho”, de Donga e De Chocolate, lançada em 1925: “Nosso ranchinho assim / Tava bom / Gente de fora entrou / Trapaiô // Estava esperando um bonde / Contento pra í te vê / Fui falá com tua mãe / Foi um desmancha prazê/ [...] Nós vivia lá no Rancho/ Com um amô que Deus louvô / Quando chegou minha sogra / A vida atrapaiô”.

¹⁰⁴ A mudança foi possível graças à presença de colaboradores que assumiram a produção dos suplementos em macarrônico do italiano e português, respectivamente Alexandre Marcondes Machado, com o personagem Juó Bananére, e Horácio Mendes Campos, com Furnandes Albaralhão. Aporelly, que antes escrevia o jornal sozinho (segundo suas biografias), agora tinha mais tempo para se dedicar ao “Zubblemend”. Além disso, foi nessa mesma época que criou a ficção na qual se atribuiria o título de Barão de Itararé.

cridande e jingande a chende ta coferna e nas chornals (chornals zafades e sengferconhas gue nong bódeng vivê seng os “gomides” gue as bolidiguerres arangcha bra elles) elles fiz ung gambanhe te tesmorraliçasjon ta coferna, mas ticendo sómende gue elles gueria o Gonsdiduind, mas elles gueria faicê ung odre refolusong bra terupá a coferna brofiçorrie e podá uma odre dampeng brofiçorrie...

E a bofo ingchenua e “droxa” agretidava bro elles e bras suas chornalgues e bengsava mesma gue elles estavong chenuinamende badriodes, zingserres e peng indensionades. (29/07/1932)¹⁰⁵

O artigo faz uma leitura da Revolução Constitucionalista, em andamento, acusando os políticos envolvidos de apenas desejar o poder novamente, à custa da ingenuidade do povo. As razões do conflito não passariam de uma inteligente estratégia para conquistar o apoio popular, com a ajuda da imprensa. Para o cronista, a promulgação de uma constituinte nada garantiria em termos de mudanças sociais, não melhoraria as condições de vida, a exemplo do que acontecia em outros países:

Nadurralmende, a bofo pracilerra, gome dudes bofos tos odres nasongs, nong endende a “truck” tas sucheides gue faiz to bolidik ung brofisong e bengsa gue se a chende deng gonsdiduisong, chá se deng drupalhe, chá se deng bong, chá se deng tinherra gome chende riko, engfing: dude gue a chende barcisa bra vivê.

Mas nong está asing. Se estava asing, endong os nasongs gue deng gonsdiduisong e cofernes te bolidiguerres estavong dudes gondendes e felices. Mas nong.

Chusdamende nos nasongs gue deng cofernes gonsdidusionals é adonde deng mais parrulhes, mais “seng drupalhe”, mais prigues, mais fôme.

Guê gue deng no Alle...manho gom o seu Gonsdiduisong? E no Frangse? E no Inkladera? E no Pelchiko? E no Esbanhe? E na Chabong? E no Nordamerriga? E na Mekkico? E na Guba? E nos rebupligues to Amerriga Zendraal? E na Birrú? E no Polifie? E na Jille, no Archendine, na Barrakuay, na Urrukuay, etc.? Guê gue estes nasongs estong canhande gom os seus gonsdiduinsongs?

Atonde teng gonsdiduisongs, deng bolidiguerres e atonde deng bolidiguerres deng nekosiades e birraddarries, deng o fome to bobulasong gue drupalha bra bacá imbostes bra susdengdá as bolidiguerres nas embregues ta coferna, e atonde a bofo canha fome — ahi deng parrulhes, gonsbirrasongs e refolusongs.

Têche a coferna drupalhá, tar drupalhe bra a sua bofo, mantá simpora bra longche as bolidiguerres, atminisdrá gom indellichengsie e honessidade as tinherres tas imbostes.

O Gonsdiduisong veng tispois, sócinhe, seng parrulhes neng cridarries. É a bofo gue baca as imbostes, sómende a bofo deng tirreido bra coferná o nasong.

A defesa de um governo para o povo, sem estar pautado por interesses dos politiqueros, faz parte de um olhar crítico que aparentemente não se desacredita. O intelectual alemão aborda a falta de uma postura ética e a necessidade de se rever os rumos tomados pela

¹⁰⁵ ITARARÉ, op.cit., p.161.

política brasileira, de certa forma manifestando um menor distanciamento entre a voz autoral e a do personagem, estratégia discursiva que não é a mais comum nessa fase do suplemento. No entanto, como a ironia se mantém, é possível ler aí a sugestão de que estaria por trás do desinteresse do governo em aprovar uma nova constituinte o desejo de manter seu poder. Sob o argumento de que o tempo garantiria a democracia, ou seja, a vitória do interesse do povo, o texto revela uma nuance problemática.

Textos como esse, que tratam da política nacional, nessa fase dividem espaço com outros cujos temas passam a ser assuntos do cotidiano como a naturalização, motivada pela “lei dos 2/3” (segundo a qual as fábricas deveriam contratar, no mínimo, 2/3 de empregados brasileiros). Como era próprio do “Zubblemend”, criou-se uma polêmica em torno do assunto e vários “alemães importantes” foram chamados a opinar, o que rendeu uma série de textos em 1931, trazendo questões interessantes sobre a identidade germânica e brasileira ¹⁰⁶.

Outro evento comentado, e com muito entusiasmo, foi a visita do zepelim ao Brasil, motivo quase máximo do orgulho germânico e símbolo de revanche em relação à Primeira Guerra:

— Hip! Hip! Hip! Hurrah!... Odeveis! Hurrah! Mais odeveis! Hurrah!!!...
Bucha, tiabo, nochmooll!...

Nois deng fondade te vê o gára gue vong faicê amanhang a empajatoor to Inkladera, a to Frangse, a to Nordamerriga, a to Pelchico, a to Idalie e mais odres sucheidinhos gue fui faicê o quera bra gondra bro Alle...manho, na 1914, guande vié endrá afuande brasima ta Rio te Chanerra, a nosa crande Zeppeling, a nosa inimidavel Zeppeling, a nosa ingombarrafel Zeppeling, a nosa inzuperrafel Zeppeling, a nosa ingfensifel Zeppelling — makesdoso, zerrena, imberdurpafel, tominator, uniga!

Nois deng fondade te vê e olhá peng no frende to gara to elles bra vê a tesbeido, o ingfecha, a otio, gomo elles vong figá zafades, tamnades, dirrirrikes, gome elles vong se mortê, se rascá, se redorsê, gome ung charrarrako gue canhei ung baulade peng na meia to esbinho!!!... (16/09/1932)¹⁰⁷

Um acontecimento de tamanha grandiosidade técnica torna-se perfeito para motivar o desabafo do cronista, a exaltação das infinitas qualidades do povo alemão, humilhado em

¹⁰⁶ Esses textos serão discutidos no quarto capítulo.

¹⁰⁷ ITARARÉ, op.cit., p.164.

Versalhes. Munido de uma visão nacionalista, não admite as condições a que a Alemanha foi submetida, comparadas ao tratamento dado às colônias:

Sing, elles vong vê o Alle... manho gue elles guerria amarâ, agorendá, esgrafiçá nas salongs te Fersailles; aguella bofo crande, fort, badriodigue gue se lefandei bra teventê o seu Honra, o seu Vaterland e a sua Kaiser, nong está ung bofo te esgraves inties neng affriganes, gue o Alle... manho nong está ung golonhe ou uma tominie gue se vae sucheidá tepacho ta chuga esdrangcherra turrande ségules e segules seng se mechê, seng botê cridá, seng gapeça bra bengsá.

Nong! A Graf Zeppelling veng mosdrá bra dudes pracillerres e bra dude mundo elle chá mosdrei gue o Alle...manho está ung nasong, está uma bofo gue deng zangue, gue deng gapeça bra bengsá, gue deng forsa bra achir, gue deng enerchia, gue deng “muki”, indellichengsie, fondade, ung bofo gue vive e gue afangsa no frende tas odres bofos!

A Graf Zeppelling está ung máguine moterno te ingfensong e gonsdruksong eksglucifamende allemong gue o Alle... manho está uçande gom obdimes reçuldades bra semeá brasima de dudes gondinendes to Déra — a Chênio, o Luz, a Garrakder e o Enerchia chermanigues. Elle vae mosdrande bra dudes nasongs ta mundo gue ainta ekciste no Oiroba uma bofo gue bengsa, gue drapalha e gue brotuz, bra a sua peng e bra a peng de duda a Humanidade!

— Zeppelling ueber alles! — Brasima ta Zeppelling, só Teus e a Firmamende!

Revela-se um ponto de vista etnocêntrico, próprio do pensamento colonial, que considera certos povos inferiores e fracos, passíveis de dominação. Por isso seria uma ofensa grave a possibilidade de a Alemanha ser tratada como colônia, sujeitada como eles, logo o país de virtudes insuperáveis, modelo para o mundo. O orgulho por ser um povo “gue drapalha e gue brotuz” reaparece ainda muitas vezes durante a história da página, servindo inclusive como elemento de distinção entre alemães e brasileiros, estes chamados de vagabundos.

Tal comparação, motivada pela convivência no mesmo espaço nacional, fazia parte de um jogo de identidades que acompanharia os números do “Zubblemend”. Por apresentar-se como um híbrido lingüístico, o macarrônico acentuava de antemão seu caráter transitório, sua natureza que já era fruto da mescla de elementos estrangeiros e nacionais. Vários artigos, portanto, serviam-se dessa condição como mote e método de elaboração textual, discutindo questões lingüísticas (na série “Gwesdongs te lincuas”) e dialogando com referências da cultura alemã e brasileira, como a vida de Goethe, a música de Wagner, poemas e canções populares e, até mesmo, o jogo do bicho.

Com exceção deste tema último, que não era aprofundado e aparecia apenas em alguns poemas, e do penúltimo, que se resumia a paródias¹⁰⁸, o tratamento dado aos demais costumava seguir o modelo de uma explanação teórica do intelectual alemão. De modo geral, a análise empreendida pelos articulistas continha absurdos que desmascaravam sua pretensa autoridade no assunto, como é o caso do texto “Noffena Singfonie”, em que se cria uma polêmica a respeito da composição de Bethoven, o “crande e chenial mucikande allemong”. Comentando um concerto ocorrido no Teatro Municipal, o cronista diz:

[...] Este syingfonie está ung mucik mesma formitafel! byrramitaal! unigo! Só mesma uma allemong bóde gombrehentê este mucik! Chendes te odres nasongs chá mantei dratucir bra o seu lincua este syngfonie, mas elles nong arangchei nada! Nunga nong está o mesmo goise gome na orrichinaal allemong, ta zenhor von Bethoven. (30/09/1932)¹⁰⁹

Estranhamente, o colaborador fala da possibilidade de se “traduzir” uma música para outra língua, como se a nacionalidade dessa obra impedisse sua compreensão por outras nações. A idéia não parece ter nexos, mas o texto continua, contradizendo-se:

Alcumes homengs te fordune, millionarries, bengsa gue o Arte deng nasong, eksisteng muciks allemongs, frangseises, idalianes, etc., etc.
Nong, está uma encano to elles. O Arte está ung goise unifersaal e nong rechionaal.
As chênies gome Beethoven, Wagner, Liszt e muides odres sucheides allemongs gue fiz muciks bras odres esgutá gom as oufides, elles nasi, nadurralmende, no Alle...manho, estong allemongs, mas os seus brotuksongs estong unifersaals, borguê bra dudo mundo as mucikandes vong dogá e abrentê os seus muciks. [...]

Então, o cronista parece defender que, embora seja preciso dominar a língua em que a música foi produzida para entendê-la, isso não torna a arte propriedade de um país. Ele parece convicto, mas diante do dilema entre uma arte que é universal e outra que é exclusividade de uma nação, recorre a forjadas opiniões de “importantes personalidades” da comunidade alemã:

¹⁰⁸ Como a representação do alemão em *A Manhã* privilegia elementos da “alta cultura”, mesmo que haja temáticas mais populares como algumas canções e o jogo do bicho, próprios do cotidiano brasileiro da época, elas se restringem a poucos textos, todos em forma de poemas, não em um artigo de maior fôlego.

¹⁰⁹ ITARARÉ, op.cit., p.168.

[...] Wilhelm Schmidt, Herr Tirektor Schultz, Tirektor Wiedemann, a nosa gombanherra te retaksong Franz Beckekr, Richard Wendt, Heinrich Vogeler, Alex Franck, etc., etc., dudes elles ticeng gue ung dratuksong, nunga está gome a orrichinaal! Elles ticeng, dampeng, gue chá fais bra guaje 100 annes gue eksiste o syngfonie te Beethoven e gue nadurralmende, se as pracilerres ainta nong bóde endentê este bardidurra chenial, nong está bra gulba ta zenhor Beethoven neng tas allemongs, mas sómende tas pracilerres mesma! Sing, se as pracilerres iong esduté e abrentê o lincua allemong, elles chá iong endentê o mucik allemong tirreidinhe gome as allemongs endende. [...]

Sobre a língua repousa, portanto, a chave da compreensão de uma manifestação cultural erudita como essa, a princípio somente alcançada pelos alemães. Dão-se motivos, então, para que os brasileiros também aprendam alemão, e não apenas o contrário. Dessa forma, tenta-se recuperar a imagem germânica como superior, mostrando que eles se encontram em vantagem por falar as duas línguas. Porém, como se expressam em macarrônico, uma versão “mal acabada” tanto de português como de alemão, a argumentação, já comprometida por sujeitar o entendimento musical a uma língua, fica próxima de um desvario, terreno ideal para o cômico.

Mais teorizações compõem essa fase, abrangendo a área médica, uma vez que os alemães também são, claro, “doutores”. O personagem Witt Rock, diretamente dos hospitais de Berlim, usa seu tom professoral para ensinar às mães brasileiras como cuidar de seus filhos na série “Gom os griangsinhes”. Em 11 de setembro de 1931, o assunto escolhido era relacionado a certos problemas de saúde enfrentados pelas crianças e ao modo como tratá-los. Com a autoridade que lhe era própria, o médico alemão dava início ao artigo:

Mais ung veis eu veng nesta chornalcinhe te faicê a chende sirir bra eksbligá serriamende o guê gue os mammais gue deng griangsinhes téveng faicê bra guitá to elles gwande elles estong begueninhes. Chá bra muides veis eu esgrefeu bra engsiná bra os mamais gome elles deng gue faicê bra griá os seus griangses, mas deng alcungs testes mamais dong purres, gom o gapeça dong turro, gue barrése gue a Teus Nossenhör fiz elles te zimende armade!!! Bucha tiabo!

Deng muides griangsinhe gue, abeçar ta guitade te limbeça te hichienne gue o mamai to elle deng, sembre deng toengses e sucherres na gorpo! Bucha tiabo!!! Barreseng filhes te borques! Elles canha ferrides nos firrilhes, nas zufakes, adrais tos orrelhes e noudres locales gue a chende nong bode ticê agui, acora.

Estes griangses dampeng estong sembre resfriaades, gom a narriz endubida, binkande melegue dudes ties e dudes noides, boprecinhes!... e muides veis elles canhong toor te pariga e góligues nos drippes gom a tiaréia amarrello-forte e gom

uma jerro tiscrasaade, gue a chende deng gue dabbá a narriz!... Bucha tiabo!!!
(11/09/1931)¹¹⁰

Depois de realçar a ignorância das mães, o doutor faz uma descrição escatológica dos sintomas encontrados nas crianças que destoa de sua postura hierárquica. A exposição, que deveria ser séria, revela-se logo cômica, principalmente mais à frente, quando explica as razões das enfermidades e o tratamento adequado:

[...] E borgause te gue elles canha totóe? Eu vae eksbligá e jama o adengsong de dudes mamais e dudes babais bra este eksbligasong.

Gwande os griangses vong figá toendes, gom toor no pariga e tiaréia fetorrente, barcisa ekçaminá a leide to mamai gue nadurralmende está muide côrdo. Deng muides mamais gue estong cordos e gue tong te mammá bra os seus griangses e é chusdamende esta leide cordo gue fais mal bra o griangse! A leide te vacco nong está dong cordurosa gome a te chende, bra isto eu regommenta bra dudes mamais, esbesialmende bras cortachudes gome parils te chopp, gue teveng misdurrá na sua leide, ung borsong te leide te vacco bra emakresê a ligwide to mammaterra to seu griangsinhe.

Nas hospitals tos griangses ta Berlin, a chende fais ung misdurrade meganigue te leide te chende gom leide te vacco andes te tar bra os griangses mammá. Mas, gome deng muides griangses indellichudes e zafatinhes bra faicê manho, as toktores fais assing : — elles tá bra o mamai pebê leide purra te vacco. O mamai pebe esta leide e tispois elle vae tar te mammá bra o griangse, e gwande a leide sahe ta beito to mamai, cha elle veng misdurrade — leide te mulhé gom leide te vacco! — O griangse mamma seng zabê, e bengsa gue é leide só to mamai to elle!

Asing as toktores allemongs fais, e asing as toktores pracilerres deng gue faicê dampeng agui. Alcumas medigues eksberrimendei te podá os griangses te mammá tirrektamende no vacco, gome se fais gom as pezêrinhes, mas elles nong guiz! elles estavong muide esbertes e gonhesi gue o vacco nong estava mamai to elles! Bucha tiabo!!!

Isto fui lá, no Alle... manho. Agui na Prasil a chende nunga eksberrimendei, a chende nong zabe se os griangses pracilerres estong dong zafatinhes e felhagues gome os allemongs... [...]

A autoridade do médico alemão não se sustenta até o fim do texto, como também ocorre em outros textos do doutor Witt Rock. Tão ilógicas são suas colocações, que não há prestígio que resista. Para complementar sua orientação, ao final aponta ainda a dieta adequada para as crianças de peito, que inclui bifes mal-passados, ovos, pepino, feijão, mamão, mortadela, pão com manteiga, repolho,... E, em conformidade com o estereótipo, se a criança é alemã, “se bóde dampeng tar tispois to refeisong, alcumas chopps tuplas.”¹¹¹

¹¹⁰ ITARARÉ, op.cit., p.123-4.

¹¹¹ A paixão pelo chope, uma das premissas da representação do alemão desde “O Biralha”, pauta alguns textos, em especial nos desfechos. Se na primeira fase do “Zubblemend” não era um elemento de grande destaque uma

A fictícia proximidade com a Alemanha, sugerida, por exemplo, pela suposta colaboração de um médico de Berlim, manifestava-se por meio de textos que acompanhavam os acontecimentos políticos do país, geralmente motivados por manchetes que eram comentadas ou supostos telegramas enviados por correspondentes. As transformações pelas quais passava a Alemanha eram abordadas no “Zubblemend to Alle... manho”, primeiramente com aparente apoio à ascensão de Hitler ao poder (algo comparado à adesão dada num primeiro momento à Revolução de 30):

Os uldimos eleisongs gue as allemongs fiz na uldima tominga marguei a bringsipie te aconia tas felhes bolidigues gargomides allemongs e o aurrorra ta chufendude uldra-nazionaliste!

A chende chá sende gue o Alle... manho canhei ung nofo mendalidade.

O mositade allemong, gom Hitler bra teande, drasei uma nofo gaminho, ung esdrade larco, limbo, glarro e seng bédres. O Vaterland bode acora gaminhá tirreide e licherre, seng medo te gahir, gofornado bra ung borsong te rabaices te chuise e te enerchia, te gorracheng e te indellichengsie.

As felhes deng gue gombrehentê gue a dempo to elles cha basei, acora elles deng gue tar a sua locar bras rabais. [...] (30/04/1932)¹¹²

Mais do que comentar os fatos, o articulista construía uma outra reflexão, defendendo a renovação política na Alemanha e no mundo, pensamento coerente com seu ponto de vista a respeito do contexto brasileiro:

[...] Agui, na Pracil, a chende agombanha gom muide inderesse o vida bolidigue to Alle... manho. A Pracil figuei, bra 1930, muide barresido gom o Alle... manho te 1918: — dudes esputekade, dude esgancalhade, nu, faminde e seng mais enerchia bra reachir! Lá fóra, as chuteus, suas gretorres, cridande e betindo tinherra e mais tinherra! Agui, as felhes bolidigues, barracides seng-ferconhes, latrongs e pantides, gue vong suká milhongs e mais milhongs imbunemende, e gue vong mantá brentê a Lambeong borgause gue elle vae ropande umas milreis tas facenterres ta serdong! Se abbarresia uma rabais brodesdande bra gondra bra estes badifarries, logo as felhes iong mantá brentê bro elle e brosesá, ticendo gue elle está uma menina maluko, itealiste, seng gapeça!

Mas, gome no Alle... manho, as pracilerres dampeng tice uma tia bras bolidigues felhes:

“— Oia, felhada! acora jêga! Focéis estong pananerres gue cha tei a sua gacho, acora nois vomes gortá focéis e podá fóra! Acora nois dampeng guer gresê e coferná. O nasong nong está ung goise, uma opchekte tas bolidigues, ung brobrietade tas bardides, nong. A Pracil te hoche está ung nasong gue berdengse bra sua bofo: ung nasong gue guer drapalhá bra se fesdir e bra gomê. Elle cha tei te gomê e te fesdir bras esdragcherres chuteus. Acora elle guer drapalhá bra elle mesma, e nong mais bras odres.”

vez que as atenções estão mais fortemente voltadas para o campo da política, a partir de 1931 há uma maior aparição do tema.

¹¹² ITARARÉ, op.cit., p.155-6.

Comparando os velhos políticos com bananeiras que precisam ser cortadas porque não dão mais frutos, o suplemento alemão novamente assumia o apoio à derrubada da República Velha. Em “Gonsdiduisongs” pautavam esse posicionamento valores aparentemente democráticos, de bem estar social, entretanto, em “O nofo Alle... manho” incorporou-se uma utopia, próxima do fascismo, de se encontrar um forte líder político no Brasil:

A Pracil deng, dampeng, a sua Hitler, a sua Musolini Elle stá no meio ta sua bofo. Barcisa só a chende brigurrá elle, levá elle no frende e endreká a coferna to nasong bro elle. E tispois dudes pracilerres deng gue aroteá bro elle, aboiá e brodechê bro elle bra gondra a “chogo prabo” tas felhes bolidigues zafades e seng-ferconha.

Os eleisongs to Alle... manho estong ung lisong muido sérrio bras pracilerres.

Gwande uma bofo está enerchigue, badriode e chóveng, jeio te itealismo e fé, elle fais gome fiz a Chessus Gristus gom as nekosiandes to icrecha: — góre elles simpóra gom as suas repengues. E gwande elles nong guer opetesê, fais uma tegretta eksbulsande e tebordande elles dudes bra fora to Batrie.

Nong se bode tê bena te estas sucheides neng gondemblasong.

O sucesso de uma nação estaria, portanto, na vitalidade de seus governantes que, se preciso, usariam de sua autoridade para expulsar os velhos políticos que os impedissem de “revolucionar” o país. Ou seja, era uma defesa irônica do populismo e do autoritarismo, que podia remeter inclusive à postura de Getúlio, crítica óbvia mais ao fim de 1932, quando se aponta que Hitler desejava tornar-se ditador como o presidente.

Mas a “aprovação” desse modelo não se tornou regra no “Zubblemend” porque, aos poucos, deixou-se entrever um olhar de desconfiança lançado para o governo alemão. A ascensão de Hitler trouxe implicações importantes para a representação germânica no “Zubblemend”, pois colocou em crise estereótipos como o nacionalismo¹¹³. A partir de três de fevereiro de 1933, então, deu-se início a um *segundo momento* da segunda fase, marcado pela adaptação da página ao peso do estigma nazista.

¹¹³ O artigo “O rido crispado (O macarrônico alemão de A Manhã e a ascensão e queda do nazismo)” (CAPELA; ENGERROFF, 2002) traz uma análise a respeito do tratamento dado ao tema do nazismo nesses anos de circulação do “Zubblemend to Alle... manho”. De maneira esquemática, pode-se dizer que houve pelo menos quatro procedimentos na abordagem do tema: adesão ingênua, desconfiança e crítica irônica, adesão incontinente desqualificante e crítica direta.

A representação das reações ao contexto político alemão foi variada. Em “Obiniongs”, alguns personagens alemães foram chamados a comentar a vitória de Hitler nas eleições e mostraram-se divididos. O banqueiro Wiedemann (sintomaticamente de nome judeu) disse achar que o chanceler não estava bem intencionado e prejudicaria a Alemanha¹¹⁴. Por outro lado, Franz Becker não via problemas nesse novo governo, desde que não houvesse proibições como a lei seca. Já o artigo principal, “Hitler”, deixava entrever que o país seria governado com mãos de ferro: “Hitler jangseller! Acora as allemongs e odres “lekumes” vong vê a muck tas nazzi. Von Bruenning, von Papen, von Schleicher, dudes elles chá gonghéseng a muck ta Adolfinhe! Acora as chuteus deng gue arumá o droxinhe e brigurrá o vida te odra cheido...”¹¹⁵.

Se o suplemento alemão procurou a princípio fazer críticas mais sutis a Hitler, o desenrolar dos acontecimentos tornou a situação insustentável. Não havia como esconder o perigo representado pelo nazismo e, portanto, foram usadas diferentes estratégias para se abordar o assunto, que se tornou dominante nos exemplares desse período. Além das ironias, a adesão incontida desqualificante foi empregada pelo autor real, alternativa que permitia a leitura crítica do fato, mas projetava no alemão representado uma defesa exagerada da postura nazista, como se vê em “Fiolengsies? — Nong!”:

A nosa goresbontende esbesial na Berlin mantei bra nois esta dillikrammo ratiokrafigue seng fio:

“BERLIN, 15 (Zupmarrine) — O bolisie tas “nazzi” brenti, hondeng, ung borsong te gommunistes to sitade te Aukuste gue estavong faicende rebresalies fiolendes bra gondra bras rabais te “gamisa bardo” ta zenhor Hitler! Na gambo te gonsendrasong te DACHAU, o bolisie madei dreis gommunistes zafades gue gueria fuchir bra faicê fiolengsies”!

Peng feido!!! Hoore, tiabo!!!... Gueng manta estas sucheides faicê fiolengsies bra gondra bras “nazzi”? Peng feido odreveis!!! Endong estas sucheides ortinarries nong vê gue a nofa coferna allemong nonmaestrm guer zabê te fiolengsies? Endong elles nong vong gombrehentê os indengsongs te gongordie e te dolerrangsie tas hitlerristes? No Alle... manho akdwaal, gwalgué besôa bode vivê feliz e gondende, mesma gue elle está bra gondra bra a coferna. Esbesialmende as rebupliganes, as socialistes, as chuteus e gommunistes.

¹¹⁴ Essa ironia em colocar um judeu a opinar sobre Hitler não deixa de ser um procedimento “politicamente incorreto”. *A Manha* critica Hitler, mas também não deixa de rir dos judeus.

¹¹⁵ ITARARÉ, op.cit., p.175.

Ninqueng se bóde guechá ta coferna neng tas suas achendes.
Sómende a coferna e as suas achendes regomenda bra dudes gue elle nong
guer gue ninqueng vae faicê fiolengsies bra gondra bras suas inimigues. O Alle...
manho nong está niung Rusia e, a zenhor Hitler deng ung raifa tiscrasade ta zenhor
Stalin borgause tos fiolengsies gue elle manta faicê bra gondra bras inimigues tas
polchewikis. (20/04/1933)¹¹⁶

A ênfase na contradição que o cronista apóia possibilita que se apontem as práticas violentas e repressivas dos nazistas, o regime tirânico e ameaçador que dominava a Alemanha. Lado a lado com essas ironias, mantinha-se uma denúncia mais direta, que não ocultava as agruras enfrentadas pela população na Alemanha. Admitia-se que Hitler, ao contrário de Hindenburg, se tornaria uma “báchina nekro, esgurro e fetorrende te sangue no Hisdorrie to Ale...manho!..” (“Hindenburg!”, 07/10/1933)

Dessa forma, estabelecia-se lentamente uma diferenciação entre alemães e nazistas, problema enfrentado no Brasil pelas comunidades germânicas. O poema “Kultur te Sabaterra”, por exemplo, é um melancólico desabafo, destoando do restante da página, pois o texto assume com maior ênfase o sofrimento dos que estavam sob a tutela nazista:

Os goises, no Alle... manho,
Acora, nong estong “zoppa”!
A chende deng gue figá galade,
Deng gue figá guiedinhe!...
As rabais ta *Bikotinha*
Deng lisengsa bra adirrá,
Deng lisengsa bra madá,
Bra faicê esgulhampasongs!..
Acora, dudes sitatongs,
Esdrangcherres e allemongs,
Nong bódeng mais bensá
Gome elles guér!
Deng gue figá “rasiste”!
Neng chuteu, neng gommuniste!
Neng temograto, neng bobuliste!
É ali — no padatinhe!
— Ou vae gom a *Pikotinha*,
Ou vae bra a zeminderria! —
Nong deng nada gue chorrá!
E se alqueng vae brodesdá,
Veng ung bolisie to Kuarda,
Abonda ung esbinkarda
E tá uma dirra — PUMM!!! —
A chende deng gue morê!
Nong deng dembo te gorê

¹¹⁶ ITARARÉ, op.cit., p.178.

Neng te pebê
Uma chopp bra tesbetida!.. (12/08/1933)¹¹⁷

Ao assumir a primeira pessoa, a perspectiva do alemão vivendo sob o regime nazista, autor real e autor suposto parecem estar separados por uma distância máxima. Entretanto a situação descrita, aplicável ao contexto brasileiro da ditadura de Vargas, aproxima as duas vozes, faz ressoar esse lamento para além da experiência germânica¹¹⁸.

Devido ao clima tenso provocado pelo nazismo, textos envolvendo outras temáticas ficaram menores, muitas vezes reduzindo-se a notas sobre o cotidiano — comentários sobre notícias publicadas em outros jornais, clima, futebol, viagens do zepelim e o próprio suplemento. Certos artigos seguiam idéias já desenvolvidas antes com êxito, como os artigos sobre a saúde infantil, mas isso não impedia que outros ainda trouxessem efeitos interessantes:

Bronto! Se agapei! As mentigues chá nong bódeng mais betir tinherra bra a chende riko! O bolisie vae levá eles dudes bresos na gateia! Está ung ferconha! A chende tirreido, gue deng tinherra, garderes jeios e gatenedes nas pangues, nong botia andá nos ruas tsgansades! Bra gada esguine dinha uma, tuas, dreis mentigues, eng cherraal, sucheides fakapundes, maldrabilhes, fetorrendes, gue iong ingomotá a chende gom “ung esmolinhe bra amoor te Teus!” — Atonde chá se viu uma sucheide asing, betinde uma dosdong? Ung ferconhe! Uma esgandaal!

Fais muide peng o bolisie! Báu no eles! Gateia gom eles zenhor telekade! Endong estas sucheides suches, fetorrendes, esfarabades nong zabeng gue sómende as munisipies e as Esdades e o Uniong bodeng esdende o mong bra betir tinherra bras Rotschilds e Lazar Brosers?

Gateia gom eles, zenhor telekade! Báu nestas sucheides seng glasifigasong gue vong bra os esguines betir dosdongs e findengs engveis te milhongs! (19/04/1934)¹¹⁹

A crítica social dava-se indiretamente, por meio do consentimento do alemão com as ações punitivas da polícia contra os mendigos. A posição elitista e reacionária do cronista em aprovar a decisão de prender os pedintes, colocada em contraste com os empréstimos pedidos pelos governos a agências internacionais, apontava para a discrepância da ação policial e para a amarga exclusão social brasileira.

¹¹⁷ ITARARÉ, op.cit., p.188.

¹¹⁸ Um texto como esse se aproxima daquele riso melancólico que Pirandello (1996) chama de *humor*.

¹¹⁹ ITARARÉ, op.cit., p.197.

Um mês depois, em maio de 1934, não sabemos por que, o “Zubblemend to Alle...manho” deixou de ser publicado, retornando apenas em outubro de 1935¹²⁰. Na ocasião, ironicamente justificou-se o fato como tendo sido causado pela briga entre brasileiros e portugueses em *A Manha* e pela censura do “diretor do suplemento”, Barão de Itararé, aos alemães por causa do nazismo. Assim, depois da suposta “insistência da comunidade germânica”, o suplemento voltaria a ser editado, mas sem diretor alemão.

Nos dois meses seguintes, antes de Aporelly ser preso¹²¹, a página ocupou-se de textos mais curtos, de notas pequenas sobre a Alemanha e, principalmente, da cobertura da guerra entre a Itália e a Abisínia. Como diz o articulista de “Odreveis o quera”, não se “bode faicê uma chornal, nestes ties te sifiliçasang moterno, seng falá te uma azumbde fectorrende, mas muide mais imbordande te gue o grisse tos finangses ta Pracil, o QUERA”. Ele analisava a fetichização em torno das notícias sobre os conflitos armados, o sensacionalismo mentiroso da imprensa ao cobrir esses fatos:

[...] A chende torme sonhande gom quera, se alefande sendinde a jerro to bólfora e te gais te pombes e a rongar tas afiongs! Bucha tiabo!!!

Deng muide queras tifferendes. Deng o quera te gambanhe, atonde as soltades vong prikande e se madande umas bras odres, e deng o quera tas abbarrelhes te ratio: — o quera bra a aar. — Dudes ties, dudes horas e dudes minudes a chende oufe ung nodisie te ung crande padalhe, te gompates gom milhongs e milhongs te mordes e ferrides! Nadurralmende, ferrides ta odra lade... mordes tas inimigues...

As chornals zérries estong ticendo gue as idalianes e as afriganes ainta nong fiz niuma gompatte imbordande, sómende beguenes querilhes seng imbordangsie. Mas as ratios te brobakande e muides chornalekes estong nodisiande padalhes formitafels, afiong afuande pachinhe e medralhande miles e miles te nekrinhes tisarmades! Nong fais maal, está tirreide, asing. Bra 1914, os achengsies to brobakande tas inimigues to Alle... manho, estávong ticendo gue as allemongs iong uçande cases fenenosas, pales DUM-DUM e gordávong as beitos tos mulhé gue elles becava! E os griangsinhes, goidatinhes, gue as allemongs tecolava gom fakongs asing crandes! As allemongs estávong hunos, parpares, selfáchengs!!!, ticiongs os achengsies aliados. Sing, sing, mas allemongs prikavong gom nasongs peng armades, gom bodengsies fortes, gom eksersides e marrinhes infensíveis. Hoche, nong. Hoche está ung crande bodengsie peng armade e gom eksersides e esgwadres te brimerro órteng gue vae akredir ung nasong inferior, ingulto, seng soltades, seng armamendes e seng tinherra! E bra gondra bra este chende as fagistes

¹²⁰ Talvez isso se explique pelo envolvimento de Aporelly em 1934 na criação e elaboração de um novo periódico, o *Jornal de Povo*, de orientação comunista.

¹²¹ Em outubro de 1934, Aporelly foi seqüestrado e espancado por oficiais da Marinha, indignados com o folhetim sobre a Revolta da Chibata que o jornalista estava publicando no *Jornal do Povo*. Em novembro de 1935 seria preso pelo governo Vargas, tornando-se companheiro de cela de Graciliano Ramos, que relatou esse contato em *Memórias do Cárcere*.

ta zenhor Musolini estong teramande pombes fenenoses gom cases mordarls, pales DUM-DUM e odres muides borgarries te chende selfácheng. Bra 1914 o Alle... manho gueria afuntá a mundo, madá o sifiliçasjon, ekrserminá o humanidade! Hoche as fagistes guéreng sifiliça as afriganes. A zenhor Musolini tice que elle dampeng guer uma locarcinhe na sol... Guitade zenhor Musolini, o sol to Afriga está muito guende... Nong vae se gueimá na sol afrigana. Bra 1896 as suas badrisies, gom a chenerral Parradiere no frende, fui puská uma locarcinhe na sol afrigana e mori dudes gueimades...

Adengsong! Gaudella! (26/10/1935)¹²²

O texto levanta a questão da igualdade técnica dos países em guerra e da possível covardia dos italianos em invadir a Etiópia, apresentando uma posição que pode ser lida como racista. O cronista assume as ambições imperialistas da Alemanha na Primeira Guerra e isso lhe custa certo distanciamento, contudo permanece defendendo sua pátria, já que considera ter sido aquela uma luta entre iguais. Ele procura amenizar as censuras às atitudes condenáveis cometidas pelos alemães na guerra e, com conhecimento de causa, aconselha os italianos a não prosseguir na batalha colonial. Dessa forma, com ironia sugere-se que, mesmo depois de tanto tempo, são as mesmas ambições de dominação que estão em jogo. Por outro lado, é possível ler ainda uma desaprovação à guerra atravessando esse discurso, seja o conflito entre potências armadas, ou o covarde ataque a países desprotegidos.

Por causa do governo varguista que decretou a prisão de Aporelly, *A Manha* teve sua publicação interrompida por pouco mais de um ano. Quando ele conseguiu relançar o jornal, com a ajuda de amigos, em 1937, o “Zubblemend” também reapareceu, com nova composição gráfica e direção — agora Fritz “Biersauer” (“bebedor de cerveja”).

O principal tema ainda era a situação política da Alemanha, a iminência da guerra. A distinção entre alemães e nazistas já estava estabelecida, não havendo lugar para uma possível demonstração de simpatia pelo nazismo. Ao contrário, a postura intelectualizada do articulista alemão foi usada para construir uma leitura crítica e apurada de uma notícia supostamente divulgada por uma revista alemã:

¹²² ITARARÉ, op.cit., p.201-2.

[...] — Berlin 30 te April — (Havas) — “A revista militar WEHRFRONT declara em artigo de hoje: — OS ARMAMENTOS DE PRAGA SÃO UM PERIGO PARA A PAZ DA EUROPA CENTRAL E AMEAÇAM, PARTICULARMENTE, O DESEJO DE PAZ DO REICH.

Está ung refiste allemong gue tiz gue as armamendes te PRAG, no Tscheco-Slovaquio, estong asusdande as rabais ta zenhor Hitler!!! Hitler nong guer gue este nasongcinhe se vae armá! Os nasongs begueninhes nong deng tirreido te se armá! Isto está goisa somende bra os nasongs crandes e boterroses! E estes nasongs crandes e boterroses, gwande estong armades e peng munisiades, brontinhes bra o brójimo crande quera, nong têjong as begueninhes se gombrá uma ganifete e ungs bisdolinhes te esboletes te babel, borgause gue elles vong “AMEASÁ BARDIGULARMENDE A TECECHO TE BAIS TO REICH”!!!

Mas, se as 70 milhongs te allemongs, peng armades e peng munisiades deng medo tas tschekos te 15 milhongs, guê gue a chende vae bengsá to Alle... manho akdwaal? Me barrese que só deng ung resbosta: — Hitler figuei gombledamende maluka to gapêsa! Elle rasquei a dradade gue as cofernes allemongs anderriores aseidei e asiknei, e dradei immetiadamende te armá e munisiá o Alle... manho inderrinhe, borgause gue elle se bensa (e elle mesma tice nas suas tisgurses) gue bra a chende ser resbeitada, barcisa estar forte e peng armado! E borgause te isto elle fiz a rearmamende licherro te dudes allemongs, indé gue o Vaterland figuei o bodensia mais formitafel ta mundo! Elle brequei e tefenti o deorria ta rearmamende bra carrandir o báis no Oiroba, mas o seu deorria está só bra uço te Hitler e tas allemongs... Os odres nasongs nong bódeng faicê isto, a sua rearmamende está uma berriga bra o Reich e bra o báis to Oiroba... A zenhor Hitler está muide indellichuda, e bensa gue as odres estong pures!... As armamendes te 70 milhongs te allemongs querêres e gom crande esbirito te gonguista está ung odro nasong gue se vae armá dampeng, nong bra carrandir a báis to Reich, mas bra carrandir os seus gosdelles..., esta rearmamende rebrecenda ung ameaço bra a zenhor Hitler e bras suas rabais!!!...

Gue itéias gue deng esta sucheidinhe!!!... (06/05/1937)¹²³

O cronista procura enxergar sem ingenuidade a questão do rearmamento, argumentando enfaticamente que a paz buscada pela Alemanha significa apenas impedir qualquer ameaça ao seu poderio. Estando armada como parece, não haveria por que se fazer de vítima, estratégia de Hitler. Vindo ao encontro do ponto de vista do autor real, claramente a posição nazista é criticada, em tom de desprezo inclusive — “gue itéias gue deng esta sucheidinhe!!!”.

De forma mais amena, o “Zubblemend” comenta ainda em 1937 a lei seca imposta no país alemão, restando ao articulista comemorar o fato de viver no Rio de Janeiro — “Choppland, Choppland, ueber alles!”. Entretanto, por razões financeiras e políticas, visto que o regime getulista recrudescer com o golpe de 1937, o jornal sai de circulação novamente e só volta oito anos depois.

¹²³ ITARARÉ, op.cit., p.203.

Em abril de 1945, o “Zubblemend to Alle... manho”, outra vez diferente em termos de diagramação, ressurge então com textos menores, trazendo algumas fórmulas já utilizadas como as teorizações de “A balatar tas pichos”, “Bra os mamães”, “Guitado gom os griangsinhes”. Se o desenrolar da Segunda Guerra não pôde ser acompanhado pela página, pelo menos o desfecho coincide com essa que é sua terceira e última fase. No dia cinco de maio, os telegramas descrevem a tomada de Berlim pelos russos, passo a passo, o suicídio de Hitler e a rendição de Himmler. Os alemães podem então finalmente gritar “Aleluia!”:

Adolph Hiler chá more
nong vive mais.
O quéra vai se agapá
e veng o báis.

Chá bódeng foldá bra gasa
nosas rabais,
Os drobas alemongs se agapei
nong prica mais.

O Humanidade vai tescansá,
chêka te quéra.
Dudos vong foldá bra gasa,
bra o seu déra.

Dudos vong tar crassa bra Teus
e betir báis,
E dampeng betir bra Ele
non techá faice mais guéra
nunga mais! (04/05/1945)¹²⁴

Passado esse momento de alívio, cada vez mais aumenta o distanciamento entre os personagens e os alemães, permitindo a criação de textos que projetam nesses últimos críticas agudas, igualando-os aos nazistas. No início, “Griansas Kaidêrras” pode ser visto como redigido pelo articulista com dissimulação para proteger os alemães de acusações injustas, de perseguições típicas da época:

As chornalcinhas te 4 dosdongs nodisieie gue mais te mil alemongs “nazi-fasci-indekrralistas”, fiz ung crande reuniong bolidigo tifsarsado te “gonserito te griansas gom kaidinhas te poka”. E tisérong, danpeng, gue neste reuniong só se falava ung lincua gue nong era o pracilera neng o tefumado ta Rio Crande... E mais: gue ali os griansas só asobrava mucikes alemongs nos seus káidinhas, e só se gomia zalzichas te Fienna e se pebia chops tuplas.

¹²⁴ ITARARÉ, op.cit., p.207. De certa forma, podemos nos perguntar: até que ponto o poema é pensado só da perspectiva alemã? Nesse caso, a volta para casa dos “nosas rabais” pode também ser a das tropas de brasileiros enviados para a Segunda Guerra, havendo aí um cruzamento de olhares.

Barrese gue estes nodisias estavong muido ekzacherrados e aukmendados... Hoche, na Prasil, gomo na mundo inderra (eksglusive o Alle... manho) nong eksisdeng mais alemongs... Se ali só se falava alemong, é borgausa gue eles sabe falá este lincua; e se só se gomia zalzichas e se pebia chop, é borgausa gue eles costong (e gueng nong costa?), te salzichas e te chopp! Nadurralmende...

Os griansas doguei mucikes alemongs no seu kaidinha borgausa gue eles acha mais ponidos este mucikes. Nas rátiós e nos crandes orguesdras, a chende oufe guaje gue eksglucifamende mucikes alemongs ou idalianas, e asveis, dampeng, Grigg, Chopin, Massenet etc. Ali estávong somende chende tirreido, pong, “inosende”, chende gue só cósta te mucik, e nada mais... (03/10/1945) ¹²⁵

Entretanto, o que parecia uma argumentação pueril, que inclusive manifestava a recusa da identidade alemã como uma defesa contra o estigma nazista, transforma-se numa dura ironia:

As chornals deng muido prefensong e muido raifa gondra as alemongs! Mas isso está ung grande inchusdisa! Guê gue as goidatinhas tas alemongs fiz bra a chende figá asing gom raifa teles? Eles estong ung chende pongcinha, mesma; dong pongcinhas, dong guiedinhas, dong inosendinhas gue a chende deng bêna to seu humiltade!... Barréseng fertatêrras anchinhos gue tesêrong ta ceu...

Ung chende gue nung fiz quéra, gue nunga madei neng ung calinha! Gue nunga fiz ung chutiarría gom ninquéng, gue nunga saiu to seu dera bra endrá nos déras tos ôdros chendes! Eles nunga obrrimiu neng maldradei ôdras bofos, nunga fui orkulhoso, neng milidarristas, neng imberrialisas e neng nunga fiz parparitades! Goidatinhas tas alemongs!... Chende gue só bensa te etuga os seus griansas gom kaidinhas bra facê gonsertos inosendes, acóra estong agussadas te gonsbirradores intessechafels!!!!

As pracilerras indé teviong facê ung “nóis-apacho-asiknada” bra a Cofêrrna ta Pracil, betindo bra ele mantá redirá bra fora tagui dudos alemongs, homengs, mulheres e griansas kaidêrras, bra efitá gue as chornals vong facê mais inchusdisas gondra eles... Bóbrecinhas...

Para onde vai o germanismo? Ele parece ali ser substituído por um sarcasmo marcado pelo distanciamento em relação ao *Deutschun* ser alemão. Além de se repudiar ironicamente no “Zubblemend” a figura do nazista, também um tratamento semelhante passa a ser estendido aos alemães: “Guê gue as goidatinhas tas alemongs fiz bra **a chende** figá asing gom raifa teles?” (grifo nosso).

Tal mudança na verdade revela um novo olhar que estava aos poucos dominando o suplemento. A partir de novembro, alguns artigos começam a subordinar-se ao posicionamento político de Aporelly, envolvido na campanha de Yedo Fiúza, do Partido

¹²⁵ ITARARÉ, op.cit., p.210.

Comunista Brasileiro, à presidência¹²⁶. Observando alguns dos títulos — “Borgue falda leite?”, “Os créves”, “A bong” — já se percebe que a temática passa por um pensamento de esquerda, uma preocupação com a justiça social. A leitura feita dessas eleições, inclusive, revela uma euforia possivelmente causada pela conquista de 14 vagas no Parlamento para o PCB:

—“Na mundo motérna nong deng lucar bras iknorrantes, esdúbitos e reasionárias” — tice ung veis uma sucheido indelichende bra puro!... E ele dinha raçong. Os eleisongs te 2 te tecembro ving mosdrá bras bolídigos, nong só ta Pracil, senong te dudo o mundo, gue o indelichênsia e a garrakder tas homengs deng te efoluir e agombanhá o indelichênsia e a garrákder tos griansas, borguê estes estong, sembre, sinsérros, frangos e fertatêrras; eles nong gonhéseng o mendirra, o hibogricia, o safatêssa. Os fêlhos téveng sembre, opserfá e esdutá gom garrinho o efolusong e o drancisong ta bensamento e to indelichênsia tos griansas bra o chufendude, e to chufendude bra a itade maturro. Este opserfasong está muido mais imbordande se se fais nung griangsa ta bofo, — esta chende infeliz, apantonado tas cofernandes, seng alimendasong, seng roupas e seng insdrusong — chende gue deng te drapalhá e lutá têisde begueninhas e guê, sócinhas, deng te bensá e rasiosiná, seng ninqueng bra ensiná e agonselhá, no manêrra te se tefentê, te gompatê bra nong morê! Esta chende, gue nong deng, cherralmende, insdrusong, mas gue deng indelichênsia e insdindo, gom estas elemendos e mais o esbirto nadurral te gonserfasong, ela luta e fense!

Fui esta chende (ninqueng bóde necá), gueng achiu mais enérchigamende nos uldimos eleisongs pracilêrras, texando o “crranfinácheng” gabidalista e tisblisende te poka apérto! Fui a bofo gueng canhei os eleisongs. Fui ele gue mantei o maiorria te suas rebrecendandes bra o Asembleia Gonsdидуinde fudurro.

Imachina, leidor, guê gue nong serrá gabais te facê esta mesma bofo tispois te peng orcanizado e tirrichido por uma “líder” fertaterramende temográdigo e bobular?!

Bofo pracilêrra! Du chá algansei o maiorritade! Du mosdrei gue dengs fipra, indelichênsia, garrakder e fondade! Du nong bódes mais barrá! Du nong téves barrá! Bra a frende! E bra cima!

Marcha! Márcha gue o esdrada ta tua fudurro chá está apérto!
(2071271945)¹²⁷

Repleto de jargões de esquerda, o texto mostra um posicionamento crítico muito claro, sem se utilizar das antigas ironias.¹²⁸ Há uma visão bastante otimista em relação às eleições e a esperança de que um grande líder surja do povo, idéias defendidas de forma bastante entusiasmada, em tom de manifesto.

¹²⁶ Devido à sua adesão ao PCB, Aporelly perde alguns colaboradores dessa fase de *A Manha*: Arnon, Rubem Braga, Raymundo Magalhães Junior e José Lins do Rego, partidários da Esquerda Democrática (FIGUEIREDO, op.cit., p. 154).

¹²⁷ ITARARÉ, op.cit., p.213.

¹²⁸ Não que esteja excluída a possibilidade de esse artigo ser lido sob um viés irônico. Porém, tendo em vista os dados biográficos de Aporelly e os demais textos dessa fase, somos conduzidos a interpretar esse ponto de vista como sendo do próprio autor real.

Nesse período então, de um lado são mantidos no “Zubblemend” alguns traços próprios da representação germânica como a arrogância intelectual e a paixão pelo chope, tratados sem nenhum elemento novo; de outro, valores de esquerda inspiram os textos de maior destaque na página. Faz-se oposição à ordem capitalista e às desigualdades dela decorrentes, restando um engajamento que não lembra nada a segunda fase, momento áureo da página:

As dembos estong pigúdas!
O vida gáro temais!
Bra muído gue a chende fais,
Bra muído gue a chende cânha,
Nong chêka neng a bra gomê!
Neng bra se gombrá uma bong,
Neng ung guilo te feichong,
Neng meio guilo te pânha!
Derifel o “dinitêrra”!
Dudo mundo seng tinhêrra!

Drêis sendenas te famindos,
Ungs jorrando, ôdros sirindo,
Jorrando — borguê deng fome,
Rindo te sadisfasong
Gom este ressolussong
Ta Inssiduto te Asidensia —,
Fiz o “Fila to Misséria”
No bórta to *Brefitensia*,
Bra betir ung esmolinha,
Bra amor te Teus!

Aguilo gue bra a Cofêrno
Rebrecenda uma dosdong,
Bra eles vale ung milhong!
O gue eles cânha nong tá
Bra gomê, festi e morrá.
E gomo estas infelisses
Embrekadas ta cofêrno,
Milharres e indé milhongs
Te chende bóbre, oberrárrias,
Nong cânha neng bra gomê!
Vong se texando morê
Te fome, te inanisong!
Engwando gue as milionárrias
Parikudas, zalafrrárrias,
Sembre mais canhando vong,
Tepaxo to brodeksong
Tas cofêrnos reasionárrias! (13/02/1947)¹²⁹

¹²⁹ ITARARÉ, op.cit., p.225.

Tal como os textos do “Zubblemend” agora se apresentam, põem-se em questão as projeções e alcances do gênero. O ponto de vista engajado acaba por reduzir a representação germânica à linguagem, o que nos faz indagar: essa linguagem macarrônica se basta? Seria ela suficiente para sustentar essa representação? Interessa, para o tipo de texto assim comprometido com uma ideologia de esquerda, se o autor suposto é alemão ou não?

Aqui se nega o jogo da diferença. A voz do outro é mero pretexto para se defender uma postura política que acaba por empobrecer a produção final do “Zubblemend”.

CAPÍTULO 3 – ALTERIDADE EM CRISE

Como se viu, operando com uma série de traços estereotípicos, o macarrônico criado em *A Manha* sustentou-se como um rico espaço de alteridade por vários anos, explorando com maestria seu viés irônico. Representava-se um alemão vivendo no Brasil, em particular na cidade do Rio de Janeiro, cuja postura supostamente intelectualizada lhe permitia tratar, com forjada seriedade, de fatos políticos nacionais e internacionais, orientações médicas, temas culturais, etc. Utilizava-se do princípio germânico do *Deutschtum*, do pertencimento a uma comunidade que unia os alemães pelo sangue e pela língua, ou seja, a perspectiva apresentada, mesmo que partisse da capital do Brasil, pretendia-se coletiva, querendo representar tanto os interesses dos alemães residentes no sul do país, como os dos próprios moradores da Alemanha, já que compartilhariam uma mesma identidade.

O auge da produção, em termos de criatividade, quantidade de textos e riqueza na exploração da representação germânica ocorreu em 1932¹³⁰, mesmo ano em que surgiu o tema que começaria a problematizar essa caracterização: a ascensão do nazismo. Foi necessário fazer escolhas a respeito do tipo de posicionamento a ser apresentado, que poderia implicar uma aparente aprovação desse regime, se fosse seguida a posição dos periódicos teuto-brasileiros e adotado, de forma simplista, o ardor nacionalista da página.

Houve, no entanto, um processo que passou pela revisão da identidade construída de forma a abordar o nazismo de modo muito crítico, e, ao mesmo tempo, muito irônico. A variedade de estratégias possibilitou que o “Zubblemend” não precisasse necessariamente adotar o discurso desse regime, mas que também se servisse dessa possibilidade. O ponto de vista crítico era construído pelo autor real se valendo das camadas irônicas do texto, na maior parte dos casos sem (acredita-se) expor diretamente suas idéias.

¹³⁰ Durante esse ano todo, o macarrônico do alemão ocupava, além da página 07, parte da 06.

Buscaram-se saídas, portanto, para a aparente “crise” da representação do alemão que o tema do nazismo fez surgir em *A Manhã*. Entretanto, aos poucos, uma outra crise se estabeleceu, não motivada exatamente por razões “externas”, esta sim vindo a transformar e comprometer o ponto de vista “alemão”.

3.1 O nazismo

As primeiras menções a Hitler no “Zubblemend” já expunham as supostas pretensões que o líder nazista começava a revelar. Comentando um de seus discursos, no qual apresentava o desejo de revanchismo em face das punições por conta da Primeira Guerra, o artigo de 27/11/1931 deixava confundirem-se as opiniões de Hitler e do articulista:

[...] A zenhor Hitler chá tice ung veis gue as allemongs nong estong dong “droxas” gue vong bacá turrande 62 annes, os tifides gue elles nong fiz: “gomide gue elles nong gomi, pebide gue elles nong pebi”. Se as allemongs felhes, aguelles gue fiz o quera, asiknei as gondrakdes te bacá os intemniçasons te quera, elles gue vong bacá. As allemongs nofos, estes gue nong fiz o quera e gue deng gue drapalhá acora, estes nong deng gulpa tos borgarries gue as felhes fiz. Nadurralmende, elles nong vong drapalhá turrande 62 annes bra bacá os tifides gue as odres fiz e asiknei! [...] (27/11/1931)¹³¹

Incorporava-se a idéia de renovação, da juventude que assumiria o poder no lugar dos velhos políticos responsáveis pelas dívidas econômicas e morais da Alemanha. A inserção do “nadurralmende” como estratégia discursiva de persuasão, por exemplo, aproximava o cronista desse ponto de vista de Hitler. Além disso, a mesma expressão servia para manifestar também o desejo de uma reviravolta por parte dos alemães: “Nadurralmende, chá está dempo tas allemongs canhá chuís, te drapalhá bra lefandá odreveis o Alle...manho peng aldo, gome te brimerra, andes to quera.”

¹³¹ ITARARÉ, Barão de. *Zubblemend to Alle... manha*. Curitiba: Ed. UFPR, 2006, p.138.

O decorrer dos acontecimentos, porém, exigiu do “Zubblemend” lidar com esse tema com uma frequência cada vez maior e posicionar-se de outras formas frente às posturas nazistas. Em fevereiro de 1932, por exemplo, um artigo intitulado “Pur sang” defendia com firmeza que a “clorrie e o cranteça te ung nasong está chusdamende no burreça ta zangue tas suas homengs e tos seus mulherres” (“Pur sang”, 05/02/1932)¹³², sendo que só poderiam ser aceitos casamentos entre alemães legítimos e deveriam ser esterilizados alemães não-saudáveis. Assim, a página parecia concordar com a ideologia nazista que, por sua vez, podia ser vista como alvo de crítica devido à perspectiva irônica que prevalecia por meio do radicalismo da opinião¹³³.

Esse aparente radicalismo também se apresentava de outras formas como no início do texto “Mendirra!!!”, através de uma exagerada defesa do líder alemão. O entusiasmo manifestava a revolta do compatriota alemão contra as calúnias divulgadas a respeito do governo “penemérride ta crande changseller” Hitler.

As inimigues ta zenhor Adolf Hitler estong infendande mendirras bra manta brás chornals esdrangcherres gom o indengson te tesmorraliçá a coferna penemérride ta crande changseller ausdriague gue coferna o Alle... manho! Mendirres!!! Dudes mendirres!!! O uldimo infensong fui gue a coferna rasiste dinha prohipide as médigues allemongs te dradá e gurrá as sucheides chuteus toendes! Mendirres!!! Dudes mendirres!!! Gwalgué médigue allemong deng lisengsa e lipertade te dradá e gurrá as toendes chuteus. (26/08/1933)¹³⁴

Tem-se aí, como pretexto, desmentir notícias divulgadas pela imprensa que comprometiam a imagem da Alemanha, mas é interessante perceber que somente o caso da proibição é retificado, não o fato de considerarem o país racista. Afirma-se que ninguém impede o atendimento médico a judeus, mas não desmente que se trate de um governo racista.

¹³² Esse texto foi transcrito a partir da cópia em microfilme, portanto não se encontra fotocopiado ao final do trabalho.

¹³³ É possível ver aqui um tipo de ironia que se constrói através de “menção ecoante” e “exagero”, como categoriza Hutcheon (2000, p. 226-227), uma vez que o texto remete diretamente ao discurso da pureza ariana e chega a defender que até alemães não saudáveis sejam esterilizados. Além disso, se pensarmos no olhar duplo que constitui o macarrônico, podemos ainda imaginar que outros efeitos um texto deste poderia causar nos leitores que, não se deve esquecer, eram brasileiros e, portanto, membros de um povo caracterizado pela mestiçagem.

¹³⁴ ITARARÉ, op.cit., p.190.

Dessa forma, essa imagem permanece intacta, reforçada ainda pelo desfecho do texto. A tentativa enfática de responder às acusações sofridas pelos nazistas acaba dando vazão a uma ironia que culmina no último parágrafo:

Nadurralmende, as toendes chuteus é gue nong estong dong pures bra jamá uma médiqgue “nazi” bra dradá bro elles... Sing, se a toktor “nazi” veng ekçaminá a chuteu toende e vae reseidá ung oberrasong urchende te esderriliçasjon?...

Abandona-se, no caso, a sutileza da argumentação e de forma bastante direta a ironia acaba por reforçar as acusações. Deixam-se transparecer os sentimentos de insegurança e receio quanto aos atos cometidos pelos nazistas, reações que podiam ser vividas tanto por brasileiros como alemães.

Algo ainda mais claro acontece em “O esderriliçasjon”, artigo sobre a lei que regulariza essa prática na Alemanha. Em um primeiro momento, ser esterilizado dependeria de ter um comportamento considerado inadequado pelos nazistas, sendo que estes estariam livres da punição, claro.

A coferna ta zenhor Adolfinhe Pikotinhe chá mantei faicê e bupligá o nofo Lei to Esderriliçasjon tas alemongs.

Acora a chende to Alle... manho deng gue dê muide guitade gom as rabais ta zenhor Hitler... Se anta tirreide, está peng; mas se nong anta tirreide, bucha tiabo!!!... veng o esderriliçasjon! Se uma sucheide está “nazi”, elle bode figá babai gwandes veis ele guer, nong deng berriga. Ele bode canhá — “alle Jahr ein Kind, bis es 24 sind!” — Mas se ele está gomuniste, chuteu, zozialtemograde, etc., etc., endong — esderriliçasjon bro ele!!! [...] (02/03/1934)¹³⁵

Se os critérios de esterilização já pareciam arbitrários e abertos (afinal, o que seria “andar direito?”), em seguida eram associados ao fenótipo das pessoas, a características biológicas (e “culturais”) escolhidas sem qualquer rigor científico. A questão era a pureza ariana, desrespeitada através de supostas misturas étnicas.

Se uma alemong deng as gapeles esgurses e gue barrése gue deng zangue misdurrate gom esdrangcherra, vae bro esderriliçasjon!... Se uma alemong deng a narris crande e barreside gom narris te garnerra ou aguia, e gue vae tando tinherra bra churres ou fendendo choies e ropas bra bresdasong, endra imetiadamente no esderriliçasjon!!!

¹³⁵ ITARARÉ, op.cit., p.194.

Como se vê, traços que assemelhariam o alemão a estrangeiros ou a judeus seriam suficientes para condená-lo à esterilização. No entanto, um outro fator estaria sendo posto como critério, problematizando justamente uma questão fundamental para a identidade germânica, tal como representada em *A Manha*, — o consumo de chope.

Finalmente, deng a gabidlo referrende gom as sucheides algoholigues e peperongs. Dudes sucheides gue vong pebê pebides algoholigues e faicê pepeterres, gandande e tangsande gome malukes; ou as sucheides gue dinha a babai, a fôfô ou a pis-fôfô algoholigues, dudes vong tirreidinho bra o esderriliçsong!...

Felizmente, esta gabidlo nong deng inderrese bras alemongs...

Mais uma vez, a ironia clara, através de marcadores de contraste¹³⁶, ou seja, de que os alemães não seriam beberrões e não precisariam temer serem esterilizados, acaba gerando um posicionamento evidentemente contestador. O autor real opera com o estereótipo aparentemente negando-o, mas na verdade mantendo-o como pressuposto.

Levando em consideração essas ironias, parece fato que mesmo os alemães estariam reféns das ações nazistas, devendo então ter um comportamento irretocável (que excluiria até mesmo as características bebedeiras de cerveja) e não apresentar possíveis marcas de “impureza racial”.

O tema da esterilização acaba aparecendo com frequência no período. O texto “1 te maio”, de 19/04/1934, que trata da relação entre o nazismo e o trabalho, é bastante irônico em relação aos privilégios dos hitleristas e se encerra com uma constatação reveladora da insatisfação vivida pelo tipo alemão representado na página:

Tispois gue a zenhor Adolfinhe Pikotinha zupiu na balasie ta coferna to Alle... manho, dudes alemongs abrenti te drapalhá! Andicamende, gwande as alemongs nong gonhesia a zenhor Hitler, eles estavong dudes fakapundes, malandres!... Acora nong, o goise mutei. Acora, dudes alemongs gue nong estong “nazi”, estong oprikades te drapalhá! E se alcuma deng gue nong guer drapalhá, a chende vae esderriliçá bro ele licherrinha!... (19/04/1934)¹³⁷

Sabendo que faz parte do estereótipo alemão ter apreço pelo trabalho, torna-se bastante irônico afirmar que os alemães eram vagabundos antes de “Adolfinhe Pikotinha”

¹³⁶ O marcador de contraste permite inferir a ironia a partir “de um complexo de coisas agrupadas em torno de noções de contradição, incongruência, contraste e justaposição” (Hutcheon, 2000, p. 225).

¹³⁷ ITARARÉ, op.cit., p.197.

assumir o poder. Ao mesmo tempo, fica sugerido que o trabalho passou a ser uma imposição dos nazistas, que todos deviam trabalhar para eles. Mais uma vez se construiu uma perspectiva de oposição ao regime, aparentemente utilizando-se do partidarismo que, nesse caso, era manifestado até mesmo com a identificação com os nazistas: “E se alcuma deng gue nong guer drapalhá, **a chende** vae esderrilicá bro ele licherrinha!... [grifo nosso]”. As vozes aparentemente se uniam, em um único discurso, mas o desvio irônico fazia surgir a crítica.

Então, como é possível perceber, ainda que aparentemente se utilizasse de um ponto de vista comum, criou-se um distanciamento necessário em relação ao alemão representado no “Zubblemend” e o regime nazista, colocando em suspensão o germanismo tão presente nos anos anteriores. A página macarrônica, por tratar do tema com destaque, poderia aparentemente se assemelhar aos periódicos de propaganda nazista que circulavam no Brasil, no entanto seu enfoque irônico permitia trazer à tona uma voz alemã (e brasileira) de descontentamento.

Assim, estar longe da Alemanha passa a ser um alívio, embora se mantenham os sentimentos de pertencimento à comunidade germânica. Mesmo sendo uma brincadeira em torno do estereótipo da paixão pelo chope, a afirmação sobre a lei seca de que “Felizmente, bra nois allemongs ta Rio te Chanerra, esta lei micerrafel nong ekciste”¹³⁸ pode mostrar mais do que isso, uma crítica aos desmandos de Hitler e o conforto de não estar submetido a eles. Ser alemão ainda é importante, mas não se parecem compartilhar exatamente os mesmos valores.

Com o passar do tempo, portanto, as ironias vão ganhando um papel cada vez mais óbvio, tornando a perspectiva crítica mais transparente, até porque o desenrolar da Segunda Guerra acirra a oposição mundial aos desmandos nazistas. Os problemas envolvendo a Alemanha, como a suposta falta de comida, se aparentemente surgem na página como estando

¹³⁸ ITARARÉ, op.cit., p.205.

presentes para serem desmentidos, por exemplo, são na verdade reafirmados deixando entrever que a responsabilidade seria mesmo do descaso de Hitler.

As dilikrammos gue as chornalekes garriokes estong bupligande ticeng gue os gomides no Alle... manho estong se agapande licherra! Mandeka, doisinhe e bressunde, chá deng muide boguinhe. Os farmilies vong chundes gom os seus griangses bra os batarries, armacengs e azoquerres bra se gombrá mandimendes bra faicê as “birrongs”, mais elles deng te foldá bra drais gom os mong facies, seng feichongs, seng padattes e seng mandeka!

Felizmente o Alle...manho deng na sua coferna uma homeng terreide, indellichude e zafatinhe na facong...

Effekdifamende, a zenhor Atolfinhe Hitler vae faicê ung lei oprikande dudes allemongs te blandá padattes... (05/10/1935)¹³⁹

Como era comum no suplemento, o próprio relato da notícia a ser contestada já era capaz de fazer o leitor concordar com ela e perceber que ali havia ironia. O raciocínio seguinte só vinha a confirmar que, de fato, a situação econômica em que se encontrava a Alemanha era motivo de apreensão, pois o argumento de que havia à frente do país um homem “terreide, indellichude e zafatinhe na facong” levava justamente a projetar sobre Hitler a responsabilidade pelas dificuldades enfrentadas pelos alemães. E o texto ia mais além, apontando para o total descaso e desprezo do líder em relação à população do país.

Mas a preocupação com a falta de comida, a pobreza dos alemães, não é à toa — revela uma gradativa mudança no “Zubblemend” que passa a demonstrar mais interesse pela vida das classes menos favorecidas, das injustiças feitas pelos países mais ricos, etc., fruto possivelmente da maior aproximação de Aporelly ao comunismo e ao envolvimento partidário. Além disso, a partir de 1945, quanto à temática nazista, uma vez terminada a guerra, não restam mais críticas sutis, porém uma direta hostilidade por parte dos cronistas alemães. É o que se percebe em “Dilikramos”:

NUREMBERG- Rudolf Hess está no frende ta dripunal aliada gue está chulkando as zafatinhas e zafatongs amigas e auksiliarres te Hitler.

Estas sucheidinhas fiz ung máchika intesende bra canhá a botêr no Ale... manho, eng 1933, e canhei! Eles emprulhei a félha Feldmarchal von Hindenbrugo e fiz ele endreká a cofêrna ta Reich nos mongs to gwatrilha te fakapundas intesendes.

Tispois fui aguele micérria gue dudo o mundo viu: bersequisong e madâansa te chudeus e antinazzis, asaldo tos begunos nasongs seng forsa, e, bra

¹³⁹ ITARARÉ, op.cit., p. 199.

úldimo, o quera imberrialista e te aneksasongs, te gaulaiters e guislings sengferconhas!

Eles nong canhei o quéra, mas canhei ung zúra gue nunga mais o Ale...manho neng as alemongs se vong eguecê turrande mil anos!

Acora, estas pantidos gue se esgapei te morê no quéra, estong atiande ta Dripunal to Humanidade bra achusdá gondas gom as suas fkkidimas. (“Dilikramos”, 04/04/1946)

A satisfação com que se comenta o fracasso na guerra pouco lembra a posição revanchista propalada em 1931 e 1932 no “Zubblemend”. Fala-se em uma “máchika intesende” que permitiu que Hitler tomasse o poder, nem considerando então que também a página macarrônica esteve sob o feitiço ao apoiá-lo. O jogo de representação, do dito e não-dito, não é explorado da mesma forma e a perspectiva, embora permaneça “alemã”, já que se mantém o macarrônico, pode ser também a dos cidadãos brasileiros, pois não atende exclusivamente aos interesses germânicos. Chamar os nazistas de “gwatrilha te fakapundas intesendes” destoa completamente do nacionalismo representado durante anos e sugere um distanciamento incomum. Podemos até dizer que certas expressões, como o jargão “quéra imberrialista”, vão caracterizando um outro olhar no “Zubblemend”, engajado politicamente, que vai deixando de se servir do mesmo potencial irônico do gênero.

A reconstrução/reorganização de uma identidade germânica, durante o período em que o nazismo ganha poder e se torna referência alemã, deu-se no suplemento de maneira a separar “ser nazista” de “ser alemão”, e ainda “ser alemão residente na Alemanha” e “ser alemão residente no Brasil”. No entanto, essas reconfigurações levaram a uma outra representação, menos comprometida com supostos “valores germânicos”, distanciada a tal ponto, que igualou alemães a nazistas, como vimos no texto “Griansas kaidêrras”, analisado no capítulo anterior.

[...] As chornals deng muido prefensong e muido raifa gondra as alemongs! Mas isso está ung grande inchusdisa! Guê gue as goidatinhas tas alemongs **fiz bra a chende** figá asing gom raifa teles? Eles estong ung chende pongcinha, mesma; dong pongcinhas, dong guiedinhas, dong inosendinhas gue a chende deng bêna to seu humiltade!... Barréseng fertatêrras anchinhos gue tesêrong ta ceu... [grifo nosso] (03/10/1945)¹⁴⁰

¹⁴⁰ ITARARÉ, op.cit., p.210.

Obviamente que ali não se trata de um ponto de vista alemão, muito longe disso. A ironia é utilizada ferozmente, criticando em parte os grupos nazistas que existiam no Brasil, mas também expandindo sobre toda a comunidade germânica esse estigma. Já não sabemos exatamente quem fala, pois a identidade alemã passa a ser negada e rejeitada. Assim, a representação do alemão parece não conseguir mais se sustentar de forma complexa, ficando comprometida. Os mecanismos com os quais se operavam os jogos de representação e discurso se desmantelam, e uma outra voz aparece, mais direta, que acabamos por atribuir ao autor real.

3.2 Temática política e engajamento

Se o tema do nazismo tornou necessária uma revisão da representação do alemão e por fim pareceu comprometê-la, não foi a única causa desse “esvaziamento da diferença”¹⁴¹. Tais modificações na página foram ainda mais evidentes no tratamento dado às questões da política nacional. Se anteriormente esse tema era abordado em contraponto irônico e leve com a situação internacional, utilizando muitas vezes o nome de alguma figura pública como personagem, depois de 1945, isso mudou de forma radical. Por ser um periódico de humor sobretudo político, essa temática sempre foi recorrente no “Zubblemend”, mas não tão importante como passou a ser nos últimos anos de produção.

Antes desse período, críticas em torno do assunto poderiam acontecer como no caso seguinte, publicado em 26/08/1933, cujo alvo era o projeto de erradicação do analfabetismo.

¹⁴¹ Essa expressão, utilizada no trabalho “O macarrônico do alemão de *A Manhã* e o esvaziamento da diferença”, apresentado no Congresso da ABRALIC de 2006, é uma forma de referir-se ao processo de desmonte da caracterização do personagem alemão no “Zubblemend”, da diluição de sua complexidade até chegar à manutenção apenas da linguagem macarrônica, algo que estamos relatando neste capítulo.

O texto tem início com uma explanação teórica, no estilo da página, “esclarecendo” alguns pontos antes de abordar o assunto em si:

Deng muide chende gue nong gonhese os dardarrugues, mas deng dampeng muide chende gue gonhese bro elles.

Os dardarrugues estong uma piches to acua e to déra dampeng. Estong amphipies, gome ticeng as pracilerres.

Elles (os dardarrugues, nong as pracilerres) gaminhong muide te cavarcinhe, barcisonng te uma tia inderra bra ir to Brasa Mauá indé o endrade to Afenida ta zenhor Parrong ta Rio Pranga! Temorra, sing, mas... vae!.. (26/08/1933)¹⁴²

Constrói-se então um raciocínio que parte da explicação de como se comportam as tartarugas (que em um jogo de ambigüidade são ironicamente comparadas aos brasileiros). O objetivo é utilizar essa imagem como metáfora quase didática para comentar o projeto educacional em seguida:

A chende se lempra te estas pichinhes ta Amaçones gwande se lê nas chornals o nodisie te gue o GRUÇADA NAZIONAAL TE ETUGASONG, funtado e tirrichido te uma allemong, badrisie ta chende, zenhor toktor Gustav Armbrust, está gaminhande bra o frende...

Acora mesma a chende leu nas chornals gue o GRUÇADA chá inaukurrei, sómende gom mais te uma anno te eksisdengsie, 23 esgoles gom 900 analphapetes gue estong se tesanalphapetiçande!

Comparar a Cruzada com tartarugas já aponta para uma ironia, mas aparentemente há um contentamento com as notícias sobre a quantidade de escolas inauguradas, afinal há um “patrício alemão” envolvido. No entanto, logo a argumentação mostra a que veio:

Orra! se bra uma anno inderra, o GRUÇADA arangchei sómende 23 esgoles gom 900 griangses bra tesanalphapediçá e se na Pracil inderra deng bra mais bra 30 milhongs te sucheides analphapetes, barrese gue a zenhor Armbrust deng gue drapalhá turrande 33.000 annes bra tesanalphapetiçá as 30 milhongs te pracilerres analphapetes!!!...

O raciocínio vai sendo construído com “seriedade” própria do estereótipo do alemão e sustenta a crítica ao projeto do governo. Não deixa de ser cômico, afinal sua comparação com as tartarugas torna sua argumentação um tanto boba. Mas o cronista continua e “não há razão para rir”:

¹⁴² ITARARÉ, op.cit., p.189.

Ninqueng deng gue sirir, bengersande gue nois estong ticendo mendirra ou anektote, a nekosie está sérrio e a chende bode brofá asing:

OBERRASONG MADHEMADIGUE

Se bra tesanalphapediçá 900 grianses a chende barcisa te uma anno, bra engsiná 30 milhongs a chende barcisa:

Bra	1	anno	900
Bra	10	''	9000
Bra	100	''	90000
Bra	1000	''	900000
Bra	10000	''	9000000
Bra	330000	''	29700000

A nosa disdingde badrisie e ingansavel alphapediçatoor zenhor toktor Gustav Armbrust barcisa drapalhá turrande 33 mil annes bra tesanalphapediçá as 30 milhongs ta analphapetes gue deng, agdwalmende a Pracil. Nadurralmende, turrande estas 33000 annes deng gue nasê mais chende analphapeto, e se este nofo chende gue veng vong ekcichir ta zenhor Armbrust o seu tesanalphapediçasong, endong vae sê uma purraka bra a nosa badrisie...

Andes gue isto, os dardarrugues ta Amaçones estong gabais te faicê o fiacheng to dera bra o Lua, te arrioblane... ou te Zeppelling, gom a gommantande Eckener e o Grus Swastigue te reglame te gaçoline...

Didaticamente mostra-se o cálculo comprovando a afirmação de que seria preciso 33000 anos para alfabetizar a todos. Leva-se em conta também que outros alfabetos poderiam nascer, tornando esse processo impraticável, ilusório. Ao final, temos ainda projetada a patética imagem de tartarugas da Amazônia voando para lua, ou com o piloto Eckner, no zepelim marcado pela cruz suástica.

A ironia do texto obviamente revela, somadas as camadas de leitura, uma crítica ao projeto, porém esta é construída utilizando os mecanismos da representação do alemão próprios do “Zubblemend”, ou seja, há um jogo textual que opera ironicamente com a postura intelectualizada e o germanismo. A crítica poderia ser feita de outra forma, muito mais direta, mas optou-se pela criatividade e expressividade que a tradição do gênero macarrônico possibilitava.

Entretanto, os anos se passaram, dentre eles quase dez em que *A Manha* deixou de ser publicada. Quando retornou, em 1945, a conjuntura política já era bem diferente, especialmente a internacional, e o “Zubblemend” se mostrou ainda vivaz em sua capacidade de abordar temas atuais. O nazismo não tinha mais o mesmo destaque e ocuparam espaço na

página textos sobre, de um lado, o pós-guerra e a conjuntura internacional e, de outro, a situação social e política do Brasil.

Um exemplar desse período é “Bobres griansinhas...” (08/08/1945), em que se abordam as precárias condições de vida das crianças brasileiras. Segundo o texto, um médico de São Paulo teria dito a jornalistas que “mais te meia milhong te griansinhas vong morê, bra gada ano, borguê eles nong deng alimendasong pasdande bra se griá!...”. Parte-se, portanto, do comentário de uma notícia supostamente já publicada, mas, ao contrário do que era comum, não há o intuito de se estabelecer uma outra versão:

Se a chende nong lia isto, nadurralmende nong ia agretitá! E se a chende vai gondá isto fora ta Pracil, os ôdros chendes vong ticê gue nois estong malukas to gapêsa!... Malukas to gapêsa estong, sing, as cofernandes gue nong gúita tos seus griansinhas!!

As cofernandes, eng cherral, estong dudes chendes imbordandes e nong deng dempo bra bensá nestes miutecinhas e borgarriascinhas... (“Bobres griansinhas...”, 08/08/1945)

Nesse caso, aceita-se a notícia e encaminha-se para a análise do fato, argumentando que os políticos, os responsáveis por zelar pelas crianças, não “teriam tempo” para se preocupar com esses assuntos menos importantes. Justifica-se ainda tal indiferença em seguida:

Eles dampeng fui griansas, nadurralmende, mas... nunga eles fui griansas bobres... As suas babais sembre dinha tinherra e bocisong. E se griávong sembre peng nudrritinhas, rojonjutinhas, seng obilasongs e seng férmes (lomprigas).

Eles nunga sendia a frrio ta inferno, eles dinha, sembre, pôas goperdorres e roubinhas te lang peng guendinho... e nadurralmende, poas professorres bra etugá e insdruir eles. Chende rika.

A descrição de como teria sido a infância desses governantes ressalta as facilidades garantidas pela alta condição econômica. Há uma insistência no fato de que tiveram todo o necessário para uma vida saudável e confortável, além de boa educação. Aparece o uso de diminutivos e a menção a vermes, que traz informalidade e certa comicidade ao texto, recurso ainda presente em seguida na comparação contrastante com a realidade das crianças pobres:

Mas, e as bóprecinhas gue muidas veis nong deng neng mamai e neng babai? E neng te gomê e neng uma drabinho bra se fesdir? E se deng babai e mamai,

muidas veis eles nong câha pasdande bra se alimendá! e gomo veng alimendá os seus griansas?

Nadurralmende, estes griansas nong bódeng vivê, nong se bódeng griá, vong morê begueninhas. Eles estong, nadurralmende, esta meia milhong te gue falei a toktor-médiga baulista.

Ainda que a linguagem seja mais informal e cômica, não vemos os mesmos procedimentos irônicos característicos de outras fases¹⁴³. Assim, o pequeno artigo parece revelar um desabafo em relação às precárias condições de vida das crianças brasileiras, não se estabelecendo um jogo irônico tal como se via em outros momentos, já que parece prevalecer, de forma mais direta, uma crítica ao governo elitista que se mostra alheio ao problema da pobreza.

O enfoque dado aos temas que envolviam o contexto político e social do Brasil realmente destacou-se nesses anos. E tais assuntos ganharam também uma outra dimensão, mais ampla, que abrangia uma discussão de natureza ideológica, para além do localismo. A realização de greves, por exemplo, recebeu uma abordagem bem diversa daquela apresentada em “A krêve tas choffers”, de 1931, texto que foi citado no primeiro capítulo.

Bra dudos lados gue a chende virra os orrêlhas, a chende oufe o baláfra — GRÉVE. — Eng gada chornal te 4 dosdongs gue a chende lê, lá está o baláfra CRÉVE. Créve bra gá, créve bra lá, créve bra dudos bartes ta mundo! E borgausa te guê? Só borgausa gue as homengs gue deng a cofêrna ta mundo nos mongs ainda nong gombreentêrong gue dudos homengs estong ikwals berrande os leis. Leis te Teus e Leis ta homengs mesmos! Asing, bra menos, está esgrefido na babél lá tendro tos rebardisongs e tos pipliodékos, borgue agui fóra, no brádika tiárrio to vida tas bofos, está muido tiferrende... E borguê eksisdeng tiferrensas, eksisdeng dampeng os créves! (17/01/1946)¹⁴⁴

Para introduzir o tema, o cronista descreve o fato de freqüentemente se ouvir falar das greves, tanto ocorrendo no Brasil como em outros países. Em seguida, passa à análise que pretende expor as causas de tantos movimentos como esse estarem acontecendo. Segundo ele, a razão poderia ser sintetizada na idéia de que os governos não cumprem o princípio básico de que todos são iguais perante a lei. Se essa regra fundamental estava prevista no papel, na

¹⁴³ O uso de diminutivos e de determinado vocabulário é, inclusive, o que caracteriza o estilo do autor dos textos, que identificamos como sendo Aporelly. Ou seja, é importante destacar que as mudanças de abordagem descritas dificilmente não teriam sido provocadas por uma mudança autoral.

¹⁴⁴ ITARARÉ, op.cit., p.215.

teoria, por outro lado, na vida prática, não estaria sendo garantida, motivo para o surgimento das greves.

Mas o texto vai além, apontando que haveria uma organização social excludente e desigual a oprimir a maioria absoluta da população:

Os sosietades estong tivitidos eng tuas kruppos brinsibals: — uma begueninha gue deng muido, (deng indé temais); ôdra crande — o maiorria apsoluto — gue nong deng nada e nong cânha nada e bresiça drapalhá, drapalhá te fertade!

A brimêrra kruppo, estong as crandes intudrials e nekosiandes, gabidalistas gue eksblórong, gue deng a tinhêrra nos mongs e as cofêrnas tos nasongs; a ôdra, estong as begueninhas, oberrários bóbres, estes song eksblorradas e cofernadas te gwalgué cheido.

A brimêrra é muido mais fôrte borguê deng eksersidos, esgwadras e afiasong; a ôdra só deng as suas prassos e os seus mongs, gue ella bóde mofimendá ou imopilissá, e estas prassos e estes mongs deng ung forsa formitafel gwando eng mofimendo, borguê brotúceng chênerros bra alimendasong, roubas bra fesdir a chende, galsados e ung borsong te ôdros goisas gue a chende bresiça bra vive; mas gwando eles se imopilisong, numa mofimendo te créve cherral, o seu forsa está, endong, mais formitafel ainda! Bóde indé, terupá cofênas, mutar rechimengs, se ela está peng tirrichido.

Embora minoria, os “industriais capitalistas” e governantes teriam o maior poder, submetendo a massa de operários pobres à exploração. Possuindo apenas a força de seu trabalho, estes últimos teriam na greve sua maior manifestação de poder, capaz de até mesmo derrubar governos. Essa divisão entre explorados e exploradores parecia conter o mínimo de ironia, não sendo contestada. Aproximava-se consideravelmente dos jargões de esquerda, defendendo uma ordem política diversa da capitalista, que promovesse a justiça social, comandada por um bom líder.

Uma relação dicotômica semelhante foi abordada em “O gauso to Lait”, texto no qual se comenta a crise entre empregados e a empresa Light and Power, responsável pelo fornecimento de energia no Rio de Janeiro:

Te uma lado as oberrárias, chende bóbre gue bresiça drapalhá e suá bra canhá umas grucêrrinhas, bra se bodê susdendá e os seus familias. Ta ôdra lado ung embrêsa esdranchêrra, gom milhongs e milhongs arangadas dudos anos tas polsas ta bofo pracilêrra, bra facê uma serfiço ruin, mal feito, eng tessórteng, brechutisial bra o golekdifidade ung fertaterro esgulhampasong! Neng pondes, neng ônipus, neng káis e neng elekdrisidade! (20/06/1946)¹⁴⁵

¹⁴⁵ ITARARÉ, op.cit., p.217.

Agora, como se vê, a oposição se dá entre os operários e a empresa estrangeira que, além de explorar seus trabalhadores e o mercado brasileiro como bem entende, forneceria um serviço de péssima qualidade à população. O cronista se mostra defensor dos interesses da coletividade, dos mais pobres, e prossegue apontando a solução para o problema:

[...]

E está dong simbles te ressolfe o gwesdong, se a Cofêrno deng, realmente, pôa fondade bra achir enerchigamende, bra favor to seu bobulasong.

Se nós estava Cofêrno, nós ia facê simblesmende isto: — tegredava o engambasong te dudos os serviços ta LAIT; tispois ia face o mesmo goisa gom o LEOBOLTINA e o GANDARRÊRA. Tispois ia dampeng engambá as Frikorrifigas te dudo a Pracil e, finalmente, dudos Moinhos te drrigo.

Só a Cofêrno deng tirreido e audorritade bra orcaniçá e tirrichir estas serfiços búpligos. Dampeng o imbordasong te garfong, gaçolina e olios gompusdifels dinha gue fika gomo monobólio ta Cofêrno. Agapar gom este latroêrra te audos-lodasong. Poda: ônipus, muidas ônipus ; pondes, muidas pondes, drengs e vaborres eng grande gwanditade, à fondade, bra dudo mundo se mofimendá, andá, drapalhá e brotucir.

Acará dudos latrongs gue vong esgontendo chênerrros e facendo gambio- nekro, eksbulsando bra fóra as esdranchêrras, e mantando as nasionals bra golonhas akrígolas bra blandá, drapalhá e brotucir.

Asing, a Pracil botia figá ung nasong resbeidado e o seu bobulasong nong ia sofrê mais o siduasong gue deng acora.

Fica claro o posicionamento do cronista: cabe ao estado o controle dos serviços públicos primordiais do país. É o governo que deve gerenciar os setores, investindo em transporte e na produção agrícola para fazer a nação produzir e crescer. E é curioso que, por um momento, parece não se tratar de um alemão ou teuto-brasileiro a escrever, já que defende a expulsão de estrangeiros. A defesa enfática de ações que privilegiem a soberania nacional acaba se sobrepondo aos interesses do grupo germânico que o “Zubblemend” sempre brincou de representar. Ou seja, o germanismo dá lugar a um nacionalismo esquerdista no qual não há a mesma potencialidade irônica.

Isso não quer dizer que a perspectiva do alemão foi totalmente esquecida, claro (afinal, mantinha-se a linguagem macarrônica). Há também exemplos em que a menção à Alemanha pode esboçar a manutenção de uma temática que parte de interesses germânicos. No entanto, isso se dá de modo aparente, pois até nesses casos, prevalece a manifestação das mesmas idéias políticas.

É o que vemos em “Business... Super Omnia!”, que faz uma análise dos conflitos mundiais, das conjunturas internacionais, da situação da Alemanha com uma seriedade incomum nos anos anteriores.

Nóis chá falei muidas vês gue os quéras deng te eksisdir semble, engwando na mundo deng chende gue só guer bra ela dudos goisas pongos gue a Teus tei bra duda chende.

Gadavêis gue se arependa ung quera, ou mesma ung refulosong, se bóde carrandir gue deng chende riko, chende te tinhêrra, maknadas e milidarristas misdurradas gom as bolidikas padutas no arde te facê guéras. Dudo se fais na mundo borgausa ta tinhêrra, inglucife as quéras !

Os tois crandes quéras, te 1914 e 1939, nong fui as bofos temográdigas gue fiz. Nong. A chende deng te brigurrá as bolidikas reaksionárrias imberrialistas e milidarristas. As Bismarks, as Kaisers e as Hitlers, nong eksisdirrong só no Alle...manho... Atonde deng inderreses bludográdigos eng chôgo, aí dampeng deng imberrialismo, e atonde deng imberrialismo, aí deng dampeng as chérmengs tos quéras...

A bofo, cherralmende, nong êndra nos gompinasongs tas maknatas e tas chenerrals. Ele só vai oprikada bra morê nos drinchêrras, engwando as crraúdas estong nas suas kapinetes, lonche ta parrulho tos pombas e tas ganhongs...

A Kaiser Kilhermo Sekunda, estava uma lechidima tefensor tas maknadas tas armamendas e tos intústrias alemongs; estava boderoso e muito berrikoso bra os ôdros nasongs gongorendes to Alle...manho. Bresiçava esgancalhá gom o seu “banelinha”.

Imetiadamente as BIG te Chuong Pull asobrei os seus gornêdas mantei brefenir a mundo indêrra gue o Ale...manho gueria tominá e esgrafiçá o humanidade indêrrinha! E a mundo indêrra se alefandei e fui gompatê indê terupá a Kaiser.

Dudo mundo foldei bra gasa e brinsibiei te drapalhá ôdraveis, seng se lemprá mais te quéra. E dudos agretidava gue nunga mais o humanidade ia se lemprá te ir ôdraveis facê quéra.

Bra 1939, Hitler e Musolini, dampeng rebrecendandes tas crandes “drusts” e “gardels” te maknatas imberrialistas, fiz ung aliança gom esta chende gom o indensong te dirrá to Oiroba e ta Orriende, as gongorendes intusdrials e gomersials te odros nasongs. Fui o quéra gue só se agapei tispois gue o mundo indêrra se lefandei e marchei gondra o Gross Deutschland! E a mundo viu, esbandado, gue o Inkladéra e Nordamerriga, chundo gom mais te 20 ôdros nasongs, nong dinha forsa pasdande bra fensê o aliança nazi-fadchista ! Eles dinha gue betir ainda o auxilio tas rusos te Stalin, e se nong estava este achúda, a Pikótinha estava, dalveis, tominando, hôche, dudo o Oiroba okcidental e... gueng sabe lá!... (07/11/1946)¹⁴⁶

Multiplicaram-se, então, outros jargões: “imperialismo”, “reacionária”, “magnatas”, “trustes” e “cartéis”. É possível perceber com clareza a defesa dos valores democráticos e a crítica ao individualismo capitalista, ao militarismo e à elite detentora do capital. Segundo a análise, as duas grandes guerras mundiais foram motivadas pela mesma razão: as intenções da Alemanha (e da Itália, no caso da Segunda Guerra) em expandir-se economicamente (interesses dos grandes industriais) provocaram a reação de outros países. Os conflitos teriam

¹⁴⁶ ITARARÉ, op.cit., p.222-3.

se dado, então, por essas disputas de poder. Fala-se da Alemanha, não exatamente porque se trata de um suplemento de macarrônico alemão, nem porque o articulador seria um suposto “alemão”, mas porque o país esteve de fato no centro de ambos os acontecimentos.

E a explanação prossegue, chegando ao contexto atual:

Mas, felizmente, Hitler e Musolini chá estong achusdando gondas gom o senhor Temonio e o humanidade bude resbirrá borguê se esgapei to esgrafitong dodalitarrio.

Acora, infelizmente, ôdras hitlers e ôdras musolinis, fandaciadas te “temográdigos”, mas gomo eles dampeng achendes e rebrecendandes te crandes drusts e gardels intustrials e gomercials, tônos apsoludas te dudos gaminhos marridimos te dudos márres; jefes te crandes eksérsidos, crandes marrinhas e crandes afiasongs te pomparteio e gassa, e gue deng dampeng crandes sekrredas te armos te quera, chá estong esdutando e brebarrando o nofo quéra, gue nong vai temorrá muido... se as bofos e drapalhatordes tos faprikas nong aprir as suas olhos...

Essas sucheidos sábeng gue acora nong deng mais a fandasma nazi-fachista gue asusdei bra eles turrande muido dempo, e chá estong bensando gue ainda deng ung crande nasong, uma crande bofo gue bóde adrapalhá as suas blanas te tominio unifersal egonômigo e finanzêrra, e gue eles deng te ligwítá dampeng esta bofo, gomo ligwitei o Alle...manho e o Idalia. Asing, eles nong vong tê mais ninqueng bra facê gongorensia bra eles nos seus intúsdrias e na sua gomersio. Bra isto eles chá estong reunindo na Barris os seus gornêdinhas bra tar, te uma momenda bra ôdra, a siknal te “reunir” bras ôdros nasongs gue eles deng bresos nas suas gofres te áso.

O crande gométia cha brinsibiei, vomos vê gomo ele vai agapá...

Nas “SALVATORRES TA MUNDO”

Ninqueng agretita mais;

Estong brebarrando o quéra,

Ticendo gue guéreng Bais...

Seguindo a mesma lógica, para o articulista um novo conflito seria iminente, pois mais uma nação representava uma ameaça aos grandes trustes e cartéis. Outra guerra já estava sendo planejada para tirar mais alguém do caminho, no caso a União Soviética que despontava como oposição ao bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos.

Tal argumentação em relação aos acontecimentos mostrava-se menos comprometida pelo engajamento político do que outros textos publicados no “Zubblemend” durante o período. Embora haja uma série de jargões e o raciocínio aponte para um certo ponto de vista, não supera a “transparência” quanto à ideologia política que se manifesta em textos como “Temograsia e Bludograsia”:

As cofêrnas bobularres estong agueles gue vong coferná gom a bofo e bra a peng da bofo.

As cofêrnas gabidalistas, ou bludográdigos, estong agueles gue vong coferná gom as gabidalistas e bras gabidalistas.

Nas cofêrnas bobularres, a bofo deng dudos tirreidos, e dampeng dudos teverres. Nas cofêrnas gabidalistas, esta chende deng dudos tirreidos, mas seng teverres, e a bofo deng só teverres, seng tirreidos!

Asing estong cofernadas guaje dudos nasongs ta mundo. Gwando a bofo — o maiorria, nadurralmente, o chende bobre e o chende remetiado (o chende gue drapalha e brotuz) — gwando esta chende nong bode mais vivê borgausa to garresdia to vida e vai betir uma aukmendocinha ta sua salárria, a cofêrna gabidalista veng gom o seu bolisia e manda brentê no gatêia as sucheidos ekcichendes gue estong betindo mais tinhêrra!

Veng, endong, os krêves e a cofêrna manda fechá as sintikatas e asosiasongs te oberrárias e brosesá as suas jefes!

[...]

Orra, nung nasong atonde a cofêrna fais dudo bra favor tas gabidalistas e dudo gondra os “Classes populares”, nong bóde eksisdir temograsia! Nung nasong asing, a bofo nong coferna. Gueng coferna é o arrisdograsia eksblorrando a bofo. Nung nasong asing, gwando a cofêrna fais eleisongs popularres e segrettos, se as bardidos arrisdográdigos vong canhá, endong dudo está peng; mas se engveis, vong canhá as bardidos bobularres, endong chá se vai aranchá uma cheidinho bra anulá os eleisongs atonde gonféng... (30/01/1947)¹⁴⁷

Novamente, colocam-se em oposição os interesses do povo e daqueles que detêm o poder, chamados ali de capitalistas. Assim, não haveria uma verdadeira democracia, visto que à população só caberia trabalhar e produzir de forma resignada, sem exigir qualquer direito.

Uma mudança seria possível? Para o articulista sim: “Asing fui sembre, e asing vai se ainda, indé cheká a tia to crande refulusong ta bofo eksplorrada gondra as suas eksblorratorres”. A esperança de uma união do povo contra a condição de exploração, tomando o poder daqueles que governam apenas em benefício próprio, aparece então como a única alternativa para que haja justiça. E tal ação não seria por meio do voto, pois, segundo o texto, caso houvesse a vitória de partidos populares, afirma-se que haveria a anulação das eleições.

Mais uma vez, portanto, a perspectiva germânica ficava submetida a um posicionamento que parecia emanar mais diretamente do autor real. Observando todos esses textos, portanto, não há como ignorar a informação de que, nesse período, Aparício Torelly engajou-se politicamente. Ainda que consideremos que existem diferentes vozes sendo sobrepostas — a do autor suposto e do autor real — fica evidente, como vemos, a

¹⁴⁷ ITARARÉ, op.cit., p.224.

proximidade de pontos de vista, o fato de que os personagens acabam por serem porta-vozes do pensamento esquerdista de Aporelly.

A sustentação explícita de opiniões políticas causou, nos últimos anos de publicação do “Zubblemend”, esse efeito de enfraquecimento da representação do alemão, a dificuldade de manutenção de uma página que, sob a máscara do olhar germânico, era um espaço de alteridade e criatividade textual. Os jogos de idéias foram substituídos por argumentações mais sérias e comprometidas politicamente.

Por limitar-se a veicular tais considerações, não é de se estranhar que o macarrônico não tenha sobrevivido mais do que o ano de 1947. *A Manha* até circulou em São Paulo, de 1950 a 1952, mas já não era possível sustentar uma produção macarrônica do alemão. A linguagem, ainda que de fundamental importância, não seria suficiente para garantir uma consistente representação. Isso evidencia que não se tratava de um simples jogo de linguagem, mas sim de um complexo arranjo textual, que implicava não apenas no uso de uma escrita peculiar, mas de um emaranhado de relações (con)textuais.

Então, se, por um lado, o tema do nazismo desestabilizou a representação do alemão e o engajamento comunista de Aporelly comprometeu-a por fim, por outro podemos questionar se faria ainda sentido falar em “alemães” no Brasil depois de passado o grande fluxo do movimento de imigração. Mais do que isso, como representar “alemães” com consistência se os não-nacionais na época cada vez mais se integravam ao projeto de construção da “nação brasileira”? Haveria identidades tão definidas e possíveis de serem distinguidas?

CAPÍTULO 4 – SER OU NÃO SER

No Brasil, o período compreendido entre o final do século XX e os anos 1930 foi marcado pelas reflexões acerca do que seria a “identidade nacional”, que futuro esperava o país que se constituía através da mistura de brancos, negros e índios. A entrada em massa de imigrantes acirrava ainda mais o debate, pois esses representavam mais um elemento que deveria ser então assimilado na cultura em formação.

Intelectuais do período — Sylvio Romero, Joaquim Nabuco, Afrânio Peixoto, João Batista Lacerda—, muitos ligados à Escola de Recife, foram bastante influenciados pelas idéias de Gobineau e pela tese do branqueamento¹⁴⁸. Consideravam uma necessidade a mistura de brancos europeus com os mestiços brasileiros, o que garantiria um processo de “purificação biológica” de um lado e de incorporação de uma cultura de outro. Ou seja, antropofagicamente esperava-se que os não-nacionais ao casar com os brasileiros fossem “devorados” enquanto raça e fundidos na cultura brasileira¹⁴⁹. Os alemães eram vistos como ideais para esse processo, desde que fossem espalhados pelo país, já que se considerava que eram caracterizados “pela aversão ao trabalho subalterno e pela tendência ao expansionismo e dominação”¹⁵⁰.

A literatura não deixou de refletir esses questionamentos vividos pela sociedade brasileira e também o alemão, assim como outros não-nacionais, por muitas vezes surgiu como personagem. O romance *Canaã*, de Graça Aranha, publicado em 1902, foi a primeira obra brasileira a tematizar com vigor e rigor a imigração alemã.

¹⁴⁸ Hermano Vianna (em **O mistério do samba**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999) aponta para a reinterpretação de teorias européias feita pela elite brasileira. Segundo ele, as idéias de Gobineau foram selecionadas naquilo que mais interessava, deixando de lado certo pessimismo existente em sua obra. Para Gobineau, por exemplo, as sociedades viviam um paradoxo: deveriam manter-se puras e selvagens para permanecerem fortes, mas para se civilizarem deveriam misturar-se a outras culturas, tornando-se então fracas. Esse impasse foi substituído no Brasil pela aposta num retorno à pureza via integração racial.

¹⁴⁹ Cf. VIANNA, op.cit.; MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e Nazismo** – a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP/FPESP, 1998.

¹⁵⁰ MAGALHÃES, op. cit., p.71-2.

Onde estava a Alemanha sagrada, a pátria do individualismo, o recanto suave do gênio livre? — perguntava a si mesmo Milkau no sussurro regular do almoço, contemplando o esquadrão de homens louros; e refletindo sobre a alma alemã, pensava que talvez só se pudesse explicar a incógnita dessa alma pelas imagens e expressões incertas da vaga e simbólica metafísica. Quem sabe, continuava quase em sonho; quem sabe se não foram um dia dois espíritos que se encontraram disparatados em um mesmo corpo, um servil à matéria, ambicioso, cúvido, procurando absorver o outro que voava docemente, e pairava sempre no alto, zombando de tudo, de homens e deuses, gerando puramente, sem conjunções torpes, nas regiões plácidas do ideal, as figuras da poesia e do sonho. E quem sabe como foi longo e pertinaz o combate entre as duas forças!... Mas houve um momento em que o demônio da terra venceu o espírito de beleza e de liberdade, e o corpo aí está hoje sossegado, sem ânsias, sem lutas, qual uma massa de escravos, a devorar os últimos restos do gênio do passado, divino alimento donde brota essa luz que ainda o ilumina na sua lúgubre e devastadora marcha sobre a Terra...¹⁵¹

Assim refletia o personagem Milkau sobre a identidade alemã. Observando os imigrantes moradores de uma cidade do Espírito Santo, o também alemão via de maneira conflituosa que seus conterrâneos estivessem entregues apaticamente àquela vida de trabalho, não parecendo lembrar que tenham sido dotados do “gênio livre”, da sagacidade e do individualismo germânicos.

Os principais personagens do livro eram Milkau e Lentz, que teriam deixado a Alemanha por motivos diferentes: o primeiro, idealista e desiludido com a Europa, buscava no Brasil a sua “Canaã”; o segundo, filho de general alemão, tendo recusado um casamento, procurava uma nova vida. Milkau, figura central do romance, tinha como projeto investir na propriedade rural, uma vez que, para ele, “o trabalho digno do homem é a lavoura nos países novos e férteis” e não o serviço do comércio (intuito de Lentz), “de formas grosseiras, [...] estímulos baixos”¹⁵². A postura de *colono*, entretanto, não prevalecia. Suas representações acabavam muito mais se aproximando do tipo *estrangeiro* pela formação intelectual, pela condição econômica, pela possibilidade de retornar à terra natal (embora Lentz não quisesse voltar, assumindo uma condição de *expatriado*¹⁵³).

¹⁵¹ ARANHA. Graça. **Canaã**. São Paulo: Nova Fronteira, 1982, p.39.

¹⁵² ARANHA. op.cit, p.45.

¹⁵³ Ser *expatriado* significa, segundo Said, morar “voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais”, podendo compartilhar de sentimentos semelhantes aos dos *exilados*, como de alienação e solidão (SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.54).

Em *Canaã*, Graça Aranha aparentemente se mostrava simpático à cultura alemã¹⁵⁴ e de modo bastante transparente revelava suas idéias a respeito do desenvolvimento do Brasil via absorção de imigrantes de países europeus. Suas considerações parecem se aproximar bastante das defendidas por Gobineau e pelos intelectuais brasileiros. Por muitas vezes, os pontos de vista dos personagens parecem até mesmo se misturar aos do narrador, principalmente no que se refere à visão mítica sobre o país. Também a idéia de que os mestiços seriam ignorantes, inferiores aos brancos europeus, formando uma massa disforme incapaz de construir uma nação civilizada, era construída e defendida ao longo da obra tanto pelo olhar dos personagens, quanto do narrador.

No entanto, apesar de essas perspectivas muito se aproximarem, o retrato feito dos alemães revelava também a ambigüidade presente na relação com esses não-nacionais. Ao mesmo tempo em que eram admirados pela sua organização, seu conhecimento, seu espírito empreendedor (características personificadas principalmente em Milkau), também inspiravam certo receio e ameaça (mais simbolizados na figura de Lentz).

O romance termina com a frustração dos planos dos personagens, reafirmando a existência de problemas culturais, biológicos e históricos que impediam o país de se desenvolver, de ali encontrarem a felicidade. Dessa forma, sobressaíam-se as diferenças entre alemães e brasileiros, a dificuldade de integração dos primeiros no Brasil.

Análoga sensação de deslocamento e frustração vivida por um personagem germânico apareceu novamente vinte anos depois. Em 1927 foi a vez de Mário de Andrade criar a governanta Elza, contratada para dar as primeiras lições de amor a um jovem brasileiro.

O sentimento de não-pertencimento, de alteridade incontornável, parece se repetir, mas a perspectiva modernista já é diferente. Se Graça Aranha representava alemães

¹⁵⁴ Aranha compartilha das idéias de branqueamento, mas a caracterização que faz de Lentz, acentuando os desejos imperialistas, sugere sua desconfiança em relação aos alemães. Além disso, tal postura parece se confirmar em 1915, quando o escritor se integra à “Liga de Defesa Nacional” entidade de franco antigermanismo (MAGALHÃES, op. cit., p.51).

intelectualizados com planos empreendedores para a sua propriedade e para a nação brasileira, um verdadeiro “romance de tese”, Mário trazia em *Amar, verbo intransitivo* uma mulher estrangeira retratada em sua complexidade. Não limitado a características rígidas engessadoras da representação, o narrador desenhava Fraülein a partir da perspectiva dela, considerando suas ambivalências, incoerências, humanizando a figura fria do estereótipo do alemão. Partia de traços estereotipados, mas, ao mesmo tempo, refletia sobre essa identidade, construindo e desconstruindo imagens e projeções sobre o ser estranho: “Elza consolava a pecurrucha, com meiguice emprestada. Mais questão de temperamento que de raça, não me venham dizer que os alemães são ríspidos. Tolice!”¹⁵⁵.

A governanta seria disciplinada, contida, “nem simpática, nem antipática”¹⁵⁶, admiradora de Wagner e Bismarck, leitora de Schiller e Goethe, patriota. Com seus poucos amigos, pintores e professores, conversava sobre artes e lamentava as incertezas da situação política da Alemanha. Desejava voltar para seu país, algo que faria depois de trabalhar para mais algumas famílias, abandonando assim sua profissão. Mas se aparentemente insensível, sofria para cumprir a missão a ela atribuída: “E porque sofre, está além de Fraülen, além de alemã: é um pequenino ser humano”.¹⁵⁷ Ia-se, dessa forma, além do estereótipo.

Mesmo assim, Elza termina o romance conformada com sua condição, submetida novamente à tarefa de iniciar pupilos para o bem-estar das famílias. Aproximando-se então do

¹⁵⁵ ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 17 ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2002, p.53.

¹⁵⁶ ANDRADE, op.cit., p. 54.

¹⁵⁷ ANDRADE, op.cit., p. 84. Há ainda no livro uma interessante exposição sobre a existência de dois tipos de alemães: o homem-do-sonho e o homem-da-vida, relembrando inevitavelmente as reflexões de Milkau em *Canaã*. Mário define o primeiro como o verdadeiro alemão — sonhador, “trapalhão, obscuro, nostalgicamente filósofo, religioso, idealista incorrigível, muito sério, agarrado com a pátria, com a família, sincero e com 120 quilos.” (ANDRADE, op. cit., p. 60) e o segundo como o “que a gente vê”, o que se adapta ao mundo e vai tentando dominá-lo. Sugere ainda que o homem-da-vida seria responsável pelas investidas militares, mas não por todas as guerras, também responsável de outros países com mesmos interesses comerciais. E termina de modo irônico coroando sua explanação, em conversa com o leitor: “Se não se convencer, ao menos convenha comigo que todos esses europeus foram uns grandessíssimos canalhões!” (p.61)

papel de *imigrante*, combinava a condição estrangeira, de professora de línguas, a de não-nacional “permanente”, tendo a oferecer seu “corpo-trabalho”¹⁵⁸.

Magalhães sintetiza muito bem o modo como eram representados os personagens alemães nesse período da história literária:

descritos como indivíduos desenraizados, incapazes de se integrar ao seu novo ambiente social, distanciados emocionalmente dos acontecimentos que vivenciavam. Excessivamente apegados à sua pátria de origem, presentificavam seu passado por meio de usos e costumes e da endogamia.¹⁵⁹

Além disso, os escritores e intelectuais, ao referirem-se aos alemães como “germânicos” associariam a eles um passado distante, uma relação direta com os antepassados guerreiros da Germânia (daí o espírito militar renovado). O vínculo com seus mitos fundadores, atribuído aos alemães, teria como consequência a dedução de que também os teuto-brasileiros estariam irremediavelmente ligados à terra natal.

Essa imagem do alemão como personificação do *Deutschum*, “como um indivíduo exatamente idêntico a outros membros de sua cultura, forte, guerreiro desprovido de sensibilidade, um autêntico filho de Odin”, segundo Magalhães¹⁶⁰ seria uma constante em outros textos, tanto literários quanto jornalísticos.

Os alemães eram então representados em contraponto com o que seria a identidade brasileira, que estava em processo de formação e definição, segundo a intelectualidade da época. Nesse confronto de diferenças, buscava-se determinar as propriedades essenciais do caráter nacional¹⁶¹.

4.1 A voz do macarrônicos

¹⁵⁸ De modo semelhante, Érico Veríssimo em *Um lugar ao sol*, de 1936, retratava brevemente uma alemã moradora da cidade de Porto Alegre que envolvia o interiorano Vasco. Cheio de culpa por se sentir um verdadeiro “traidor do seu povo”, o personagem não consegue superar as diferenças entre os dois, desistindo do relacionamento. Nesse caso, no entanto, a estrangeira alemã consegue voltar à pátria (MAGALHÃES, op. cit., p.62-63).

¹⁵⁹ MAGALHÃES, op. cit., p.76. Ela se refere especialmente aos romances *Canaã*, *Amar*, *verbo intransitivo* e *Um lugar ao sol*.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 57.

¹⁶¹ MAGALHÃES, op. cit., p.76-7.

Parece evidente constatar que há proximidades em relação ao modo como os alemães eram caracterizados na literatura e nos macarrônicos. No entanto, um aspecto parece se destacar: a seriedade e a frieza germânicas parecem ter sido escolhidas para servir de base a esta última produção. Tais características eram sustentadas, claro, por uma forte postura intelectualizada.

Ainda que a “superioridade” fosse desconstruída comicamente nas páginas em macarrônico, sua representação se servia justamente da referência à cultura erudita. Ao alemão interessava sobretudo assuntos advindos do campo da política, economia e arte, temas dos quais falava com tom professoral. Essa escolha feita pelos humoristas acabava dificultando uma maior subjetivação dos personagens alemães, que, ao contrário do que acontecia nos macarrônicos do português e do italiano, não tinham uma história pessoal sendo criada ou desenvolvida. Isso quer dizer que, excetuando-se as figuras públicas mencionadas no “Zubblemend”, os demais personagens não passavam de “representantes” da comunidade germânica, não sendo explorada aí a construção de personagens mais complexos, ou seja, privilegiava-se a caracterização do “tipo” e não do “caráter”.

Por isso, havia a menção a elementos da cultura erudita, como textos de Goethe e a música de Wagner, mas sem a intenção de rebaixamento que se verificava nas páginas do “Suprimento de Purtugali”. Principalmente devido à colaboração de Horácio Campos, com seu personagem Furnandes Albaralhão, no macarrônico do português proliferavam paródias que colocavam frente a frente a cultura popular com a erudita, como em “Mal sicreto”:

S'a colera que põe damnada a gente
Distróe a paz da bida disijada,
Tudo o que nos vilisca intiriormente
Suvisse á nossa cara, qu'istupada”...

Si si pudesse, a iálma padicente,
Bére pur traz de muita guergalhada,
canta gente a se rire vestamente,
Que era muito milhóre estar calada!

Canta gente só ri p'ra disfarçare
Um turco é porta que lhe bem cuvráre
A quemisa, a ciloire, a maia, u cinto...

Cantos há nesse mundo a três por dois,
Que, tendo á janta só cumido arroz,
Arrotam p'ró, laitão e binho tinto! (“Mal secreto”, 24/11/1931)

Ao tematizar o comportamento cotidiano de rir da desgraça pessoal, o embaraçoso momento de enfrentar um credor, a atitude de vangloriar-se do que não se tem, a paródia “dessacralizava” o poema parnasiano “Mal secreto” de Raimundo Correia. Como procedimento paródico, o poema apropriava-se de outro texto procurando preservar-lhe o estilo, concentrando-se na transformação do assunto, rebaixando o que era tido como “elevado”, aproximando-o, assim, da vala comum do suposto “vulgar”¹⁶². Respeitava-se a forma de soneto, fazendo dialogar a temática popular com a tradição lírica brasileira, o que marcava uma ousadia mais própria do *travestissement*¹⁶³.

O macarrônico alemão também fez esse jogo, mas com outro efeito. Ao invés de forçar o rebaixamento de um texto importante da “alta cultura”, e, portanto, tê-lo como alvo de crítica, buscava ridicularizar a figura do político Victor Konder em “Mal Zegrett”:

Gwande a chende stá solderra
Deng ung vida te gajôrro! . .
Nong deng gueng fais o gama
Neng gueng bréga podong nos zirrolas. . .

Mas se a chende stá gaçado,
E as chenios nong se gombina
Stá melhor figá solderra
O endong. . . figá fiuvo. . .

Se a chende vae se gaçá
E o mulhá drais o seu mamai,
Bucha, tiabo nochmool !!!
Nong deng mais salfasong. . .

Endong a uniga cheido
É a chende se suicítá:
Tár uma dirro no gapêssa
Bra esbandá as ... biólhes. (“Mal Zegrett”, 22/05/1930)

¹⁶² Tais considerações sobre a paródia partem da consulta a GENETTE, Gerard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982 e HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

¹⁶³ GENETTE, op. cit., p.33.

Sob a autoria de Fiktor Konder, esse poema, publicado como “Inédito”¹⁶⁴, projetava no político descendente de alemães a ironia, não na tradição literária propriamente. O tema nada elevado e de cunho mais íntimo lançava sobre o ministro o olhar de zombaria, rebaixando inclusive a representação do alemão como homem culto. Prevalencia, dessa forma, uma *sátira paródica*, nos termos de Hutcheon, ao visar “algo exterior ao texto” utilizando-se da paródia “para chegar ao seu fim satírico e correctivo.”¹⁶⁵

Mas, como foi dito, essa não era a prática mais comum. Usar esse tipo de paródia foi um recurso observado na primeira fase, e depois substituído por procedimentos diferentes. Dessas paródias (ou melhor, dos “inéditos”) passou-se às chamadas “traduções” e “adaptações”, reforçando a representação do alemão como erudito. Assim, canções populares do carnaval, por exemplo, eram trazidas ao suplemento em novas versões.

Gôro:
Gom o ledra A
Se esgrefe a AMOR gue a chende deng
Gom o ledra A
Se esgrefe ALLEMONG dampeng!...

Ach! se eu botia sê uma chasming,
Bra focê, bra focê peichá
Na sua charting!
Ach! se eu botia sê uma chasming,
Bra focê me tar
Uma peichinhe só bra ming!...

Gôro odreveiss

Ach! se eu botia sê uma latrong,
O! nadurralmende,
O! nadurralmende! Bucha, tiabo!!!...
Ach! se eu botia sê uma latrong,
O! nadurralmende,
Eu nong estava uma allemong...

Gôro mais unveys:

Ach! se eu botia sê uma cerfecherra,
Bra bodê faicê
Bra bodê faicê cerfecha e chopp!
Ach! se eu botia sê cerfecherra,
Bra bodê pebê

¹⁶⁴ Atribuir aos poemas o valor de “inédito” era um procedimento irônico que intensificava seu caráter paródico-satírico.

¹⁶⁵ HUTCHEON, op. cit., p.83.

Uma paril te gada veis!!! [...] (23/01/1932)¹⁶⁶

“Gom a ledra A”, de autoria do “boeta dratuktoor” Alex Franck, aparecia como “atapdasong bra pracilerra” de uma modinha de carnaval, reconhecível como sendo a “Marchinha do amor” de Lamartine Babo¹⁶⁷. Fazia-se uma paródia da canção popular de sucesso que não era em si ridicularizada, e sim a própria figura novamente do suposto “intelectual alemão”, que se rendia à brincadeira, à folia.

Se, de um lado, reforçava-se o estereótipo do gosto pelo chope, do letrado que domina a tradução, por outro aparecia uma integração com o cotidiano brasileiro, uma aproximação da cultura germânica com a festa popular, e, mais do que isso, uma manifestação totalmente híbrida, intercultural.

Outro texto semelhante é publicado na semana seguinte e traz um aspecto interessante — na última estrofe faz-se referência aos portugueses, especificamente sobre a relação que tinham com as mulatas. “Muladinhe...” seria também uma “tradução” de outra música, porém dessa vez bem mais “livre” em relação ao original “O teu cabelo não nega”¹⁶⁸, como se vê:

Mulade
Du deng gapêllinhe esgrosgade,
E a narriz esborajaade!
Du deng tuas peices bra piffe,
Mulade
Du está ung mulade zafade!...

Du está gafé gom leide,
Du está ung bibóguinhe,
Peng dorado e costocinhe,
Mulade, muladinhe, bucha tiabo !!!
A tia gue eu nong te vê eu figa prrabo !

¹⁶⁶ ITARARÉ, Barão de. **Zubblemend to Alle... manha**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006, p.140.

¹⁶⁷ “Com a letra A / Começa o amor que a gente tem / Com a letra A / Começa o nome do meu bem // Ai, quem dera ser um jasmim / Pra você beijar / Pra você beijar no seu jardim! // Ai, quem dera ser um jasmim / Pra você beijar / Recordando-se de mim! // Ai, quem me dera ser um ladrão / Pra poder roubar / Pra poder roubar seu coração! // Ai, quem me dera ser um ladrão / Pra poder roubar / O seu lindo coração! // Ai, quem me dera ser professor / Para ensinar / Para ensinar o verbo amar! / E se eu pudesse ser professor / Eu tirava o A / Desse adeus que traz a dor!”

¹⁶⁸ Canção dos Irmãos Valença e de Lamartine Babo — “O teu cabelo não nega, mulata / Porque és mulata na cor / Mas como a cor não pega, mulata / Mulata eu quero teu amor // Tens um sabor, bem do Brasil / Tens a alma cor de anil / Mulata, mulatinha meu amor / Fui nomeado teu tenente interventor // Quem te inventou meu pancadão / Teve uma consagração / A lua te invejando fez careta / Porque mulata tu não és deste planeta // Quando meu bem vieste à Terra / Portugal declarou guerra / A concorrência então foi colossal / Vasco da Gama contra o Batalhão Naval”.

Du deng gapêllinhe esgrogade, etc., etc.

Gueng te ingfendei,
Minha guerrubing,
Fui a borduqueis Choaguing...
Fui o “misdurrade” gue elle fiz
Te prango e breto, te gorfong e xiz...

Du deng gapêllinhe esgrogade, etc., etc.

Se as borduqueis
Sendeng a “jêrrinhe”
Gue du denga o! muladinhe
Figong logo dudes teredides,
E vong te dá sabadinhes e fesdides... [...] (30/01/1932)¹⁶⁹

O suposto poeta alemão começa mostrando em sua tradução também a observação dos traços que caracterizam a mulata, mas vai além do que é dito no original. Neste último, enfatiza-se que o “cabelo não nega” a condição racial, no entanto, como a “cor não pega”, o branco pode render-se aos encantos dessa mulher. O estigma da miscigenação é evidente, e ganha ainda mais ênfase em “Muladinhe...”.

No texto macarrônico, a mulata tem nariz “esborajaade”, é “zafade”, não parecendo ter uma caracterização positiva. Mesmo quando as comparações são com comidas — lábios como bifés, parecer café com leite, pipoquinha — sua atração por ela não é convincente. Logo se vê que a perspectiva é mesmo distanciada, pois em seguida são atribuídos ao português o desejo pela mulata e também a responsabilidade pela miscigenação que a criou. A ridicularização desse envolvimento, do fato de o português encantar-se com o cheiro da mulata e dar-lhe presentes, revela um ponto de vista racista. Essa delimitação das diferenças surge como recurso para a demarcação das identidades, especialmente da alemã que se coloca aqui como espectadora “insatisfeita” da mistura racial e cultural brasileira.

A representação do contato da cultura brasileira com a alemã também era feita nesses termos, ora adotando uma perspectiva mais híbrida, ora mantendo mais rígidas as fronteiras que as afastavam. Quando suas imagens eram confrontadas, era mais comum que alemães e

¹⁶⁹ ITARARÉ, op.cit., p.141.

brasileiros fossem retratados mesmo de maneira relativamente estática, opositiva e reducionista, reafirmando estereótipos:

O zicara está uma picho
Gue nunga vae drapalhá!
Na ferrong, a tia inderra,
Nada mais fais gue gandá!...

O formigo, bra gondrarie,
Só drapalha noide e tia,
Garecande na ferrong
Bra gomé na ingferno fria.

Ung veis o zicara fui
Betir gomé bra o formigo,
E tice gue dinha fome,
Estava facio o parigo...

O formigo olhei bro ella
E tispois le brigundeí:
— Guê gue du fiz na ferrong?
Borguê du nong drapalhei? —

— O! formigo, me tesculba,
Mas... eu dinha gue gandá,
Eu afuava e gandava
Indé me se arependá!

Ha! ha! endong du gandava
Noide e tia seng barrá?
Bois acora, fakapunda,
Vae timpora! Vae tangsá!...

Esta historia fais lemprá
— Tirreidinhe, daal e gwaal,
A allemong e a pracilerra —
Bucha tiabo nochmaal! ! ! . . . (14/05/1932)¹⁷⁰

O poema, apresentado como uma lição de moral do personagem alemão, corroborava com a noção do trabalho como valor germânico essencial e intrínseco, ao mesmo tempo em que retratava o brasileiro como preguiçoso e boêmio¹⁷¹. Tratava-se de um procedimento irônico na medida em que era na verdade um escritor nacional sob a máscara do alemão, apontando e reforçando estereótipos de ambos. A “dratusong e atapdasong te Alex Franck” da fábula “ta zenhor Lafont N”, era usada no caso pelo poeta para depreciar a imagem dos

¹⁷⁰ ITARARÉ, op.cit., p.158.

¹⁷¹ Como afirma Bauman (em **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.78), “[u]ma identidade que qualquer um pode *adquirir* pela diligência e esforço é uma identidade que também pode ser *abandonada* à vontade”, por isso, mais eficiente do que estabelecer fronteiras identitárias é criar estigmas, excluir o “estranho”.

brasileiros e, claro, novamente alimentava o ponto de vista híbrido na utilização de um texto conhecido pela tradição literária.

De certo modo, no que se refere à representação, tratava-se de uma perspectiva reduzida, mas a dimensão irônica colocava em movimento relação entre as identidades. Esse tratamento das diferenças entre brasileiros e alemães de modo limitado e caricato acontecia de forma semelhante em “Gwesdongs te lincuas”:

[...]Nadurralmende, nong se bode faicê ung gombarrasong endre uma allemong e uma pracilerra.

Guande a chende olha bra uma allemong e olha tispois bra uma pracilerra, a chende immetiadamente vae vê o tifferengse gue deng te uma bra odra...

A allemong está glarro, fermelha, fort, beito crande e seng pariga. A pracilerra, se está prango, está anemiga, gor te zêrra te faicê vella bra icrêche, ganes molles, parikude e seng fondade te faicê nada! Se a chende brikunda bra uma allemong: guê gue focê guer sê? Elle rebonte immetiadamente: soltado ou afiatoor, ou dampeng: enchenherra, asdronomo, elegdrisiste, etc.

Acora, uma pracilerra vae resbontê: Ah! eu guer sê embrekade bupligo, mas numa embrequinhe “zukko”, te nong faicê nada...”

Nadurralmende, deng eksepsongs... Eu sómende guer faicê ungs gombarrosongs... (20/02/1932)¹⁷²

O autor real, usando a máscara do cronista alemão que via o brasileiro de forma também estereotipada, acabava por rebaixar a imagem de si e de seus compatriotas. No mínimo tratava-se de uma provocação, de uma quase inversão em que os brasileiros também passavam a ter sua identidade colocada em questão. Daí podia emergir um viés crítico, reflexivo e relativizador dos comportamentos e das representações. Havia textos em que isso ficava ainda mais evidente, como em “Deutschland ueber alles”, no qual era revelada a inconsistência dos preconceitos, a posição egocêntrica que está por trás das comparações entre nações e culturas.

Bra dudes nasongs ta mundo inderra a chende oufe ticê gue as allemongs estong sucheides muide orculhoses e malgriades, nadurralmende borgause gue elles gosdumong ticê e gandá gue o Alle... manho está brasima te dudes odres nasongs. Nadurralmende, andes te se faicê ung ingchusdice, ung aguçasong seng funtamende bra gondra bra ung nasong, bra uma bofo, a chende deng brimerra gue esdutá as gosdumes e os dratisongs e gonhesê peng este nasong e esta bofo.

Gome bóde a chende se eksderná, faicê ung obiniong brasima to Jina e tas jineis, se a chende nunga fui no Jina e nunga viveu na meie tas jineis?

¹⁷² ITARARÉ, op.cit., p.143.

As allemongs nong estong chende tifferrende te odres chendes gome elles. Elles estong intifitues dong indellichendes e dong ateandades gome gualgué odres ikuals bro elles.

Nadurralmende, nong se vae faicê ung gombarrasong, uma barrallela endre uma allemong e uma afrigane, uma jineis ou uma borduqueis. Sing, uma allemong está chende prango, nong vae gomê arois gom baucinhos e doma panho dudes ties.

Uma allemong, elle bóde sê muide riko ou muide bopre, está tifferrende: — elle vive, elle zabe vivê.

Eng cherral, gada allemong deng o seu gacinhe. Ella bóde sê ung gacinhe begueninhe, mas é limbo, é ponido e deng florres.

Uma allemong nunga anda te damangues, nunga deng o rôpa sucho (sómende se elle deng uma drupalhe te suchá o rôpa, endong, sing), elle nunga anda te bé na chong, elle nunga anda gom galses furrades adrais. E asing dampeng o seu mulhé e os seus griangses, guande elle deng mulhé e griangses.

Uma allemong está sembre prango, gorrade no gára, nadurralmende, seng bindurres te “ruches” e “padongs nas peices”. Elle deng sembre zangue fermelhe, fort, burra!

Guande a chende endra no gasa te uma allemong, a chende sende gue está uma ampiente te limbeça, te saude, te felisidade! A pong humoorg, o alecria estong sembre no gasa tas allemongs.

Uma allemong zabe vivê. Elle zabe gomê, e elle zabe dampeng pebê. Seng gomê e seng pebê, nong se bode vivê. Nadurralmende, chá a leidoor vae ticê gue dudes griadurres gomeng e pébeng gome as allemongs. Nong está fertade, nong deng ninqueng bra dudo mundo gue zabeng vivê gome as allemongs. [...] (29/07/1932)¹⁷³

Travestida de um discurso ético, politicamente correto, a posição do cronista revelava-se aos poucos tão reducionista quanto à idéia, contestada no início do texto, de que os alemães seriam “orgulhosos e malgriades”. Embora defendesse com firmeza a necessidade de se conhecer os diversos povos para julgá-los, afirmava que havia diferenças inerentes e irreconciliáveis que inviabilizam qualquer comparação com os alemães. Era retomada e reiterada, desse certa forma, uma modalidade ingênua e simplista do germanismo.

A hierarquia estabelecida sob o argumento de que o alemão “zabe vivê”, por sua vez, anulava, da parte do cronista, a possibilidade de relativização cultural. Não se cogitava em nenhum momento que determinar o que é saber viver pode estar sujeito a critérios diferentes dependendo da cultura. Essa postura cega, fechada, oposta ao princípio defendido inicialmente, levava à contradição que fazia emergir um ponto de vista outro, a denúncia da arbitrariedade, do preconceito de posições etnocêntricas¹⁷⁴.

¹⁷³ ITARARÉ, op.cit., p.159.

¹⁷⁴ Dos autores que refletiram sobre as relações entre culturas (especialmente sobre a perspectiva do *híbrido*), destacam-se Edward Said (1990;1995;2003) e Homi Bhabha (1998).

No entanto, ao lado de textos em que o autor real, brasileiro, valia-se apenas da reafirmação de estereótipos a respeito dos alemães, outros extrapolavam esse limite e, favorecidos pela perspectiva híbrida do macarrônico, brincavam com as representações, questionando-as e deslocando-as. Alguns temas cotidianos acabam por incitar esse jogo de negação-reafirmação-desestabilização de propriedades identitárias, como é o caso das intervenções governamentais a respeito dos estrangeiros/imigrantes e das polêmicas como a da naturalização¹⁷⁵.

4.2 Teuto-brasileiro — *ser ou não ser?*

Quando assumiu o Governo Provisório, em 1930, Getúlio Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e juntamente uma medida que pretendia proteger os brasileiros do desemprego, problema enfrentado especialmente desde a crise de 1929. A lei dos dois terços exigia que as fábricas estrangeiras preenchessem suas vagas com apenas um terço de trabalhadores não-nacionais, fazendo com que a naturalização, incentivada e facilitada desde o início da República, fosse uma alternativa cogitada por esses últimos para garantir seu trabalho. O “Zubblemend”, como espaço de defesa dos “interesses germânicos”, tratou de discutir essas questões, instituindo a polêmica por meio de uma série de supostas entrevistas com “ilustres” alemães, o que garantia a exposição de pontos de vista divergentes.

Em “Furra chornalisdigue”, o “secredarrie to Asosiasong tas Embrekades na Gommersie e eks-tirektor to Uniong tas Emprekaades na Gommersie”, “Hudo Repsold”, foi chamado então a dar sua opinião. Ele defendia que os alemães se naturalizassem, porém tal posição já era desde o início posta em descrédito pela afirmação de que “uma homeng gue

¹⁷⁵ Parte dessas análises em tono da temática da naturalização e acumulação foram apresentadas no Congresso Internacional da ABRALIC 2004 e publicadas na *Revista de Divulgação Cultural* (ENGERROFF, Ana Carina Baron. Identidade germânica e naturalização no macarrônico alemão de ‘A Manhã’. **RDC**: revista de divulgação cultural, Blumenau, ano 26, n.84, p. 49-63, set./dez. 2004).

hoche está no tirreksong te ung sosiedade e amaniang está no tirresong te ung odre sosiedade gongorende to ella, esta homeng está gombedendemende audorriçade bra falá bra nome to seu glase e tas badrisies.” A ironia lançava um olhar de desconfiança para o discurso que vinha em seguida:

[...] Deng bra dude Pracil bra mais bra meia milhong te zuptites ta nosa marrejaal von Hindenburg. Elles estong dudes allemongs, mas a chende bode ticê gue elles estong mesma gome pracilerras. Elles ving na Pracil gom tinherra; elles zabe lê e esgrefê; elles druxe o familie, se estava gaçades, e se gassei agui, gom pracilerres, se estava solderras. Dude gue elles canha agui elles dampeng casta e nong vong mantá niuma milrais bra o Alle...manha. Nos embreças e gasas allemongs bode endrá gwalguer sucheide te gwalgué nasong bra embrekade, nong barcisa te sê allemong lechidime, gome faiceng odres gases e embreças te odres nasongs. Laurro Mueller, Philipp Schmidt, Fiktor Konder, Lindolph Boeckel Collor, Adolph Konder, Chermano Bedersen Albert Bins, dudes estes estong allemongs e pracilerras. (13/03/1931)¹⁷⁶

Até aí o entrevistado argumentava que os alemães domiciliados no país eram também como brasileiros e que a naturalização só viria a oficializar isso. Como marcas dessa semelhança, citava características não-ilustrativas como o fato de virem ao Brasil com dinheiro e trazerem a família. Prevaleciam aspectos genéricos, frágeis para se delimitar identidades, corroborantes apenas das boas intenções dos alemães. A finalidade em fazer menção a nomes de personalidades de conhecimento público não ficava clara, mas podia ser iluminada com o prosseguimento da leitura:

Eu dampeng está allemong, e asing mesma eu foi elechide tirektor tos tois asosiasongs te gajêrres gue deng na Rio te Chanerra! Borgause te guê? Borgue dudes me gonhese e zabe gue eu dampeng está pracilerra. E asing estong dudes allemongs minhes badrisies. Ainta nong se viu gue ung embreça ô gasa allemong dinha gue tîsgutir nas chornals o gwesdong tas 2/3 te embrekades pracilerras.

Chá gwande fui na dempo to Quera Muntiaal, te 1914, a chende dinha gue figá pracilerra. Dudes embreças e gasas allemongs podava uma ledrêra gom estes balafres: — “Este gasa está pracilerro”.— O gasa estava allemong, mas a chende dinha gue ticê gue ella estava pracilerra, senong vinha as fakapundes e arependava o gasa duda! e ropava dude gue dinha tendro to ella. O mesmo goise eu deng gue faicê acora: se eu ia tizê gue eu estava allemong, ninqueng me ia elecher tirektor te ung asosiasong.

Segundo Repsold, tendo em vista as represálias sofridas pelos alemães por ocasião da Primeira Guerra, não haveria escolha entre considerar-se ou não brasileiro. Contudo, muito

¹⁷⁶ ITARARÉ, op.cit., p.103.

mais do que legitimar a identificação como brasileiro, essa afirmação serve para justificar e abrandar a revelação de que essa é uma questão de conveniência, de interesses principalmente para adquirir cargos de poder. Recai, então, sobre as pessoas citadas esse mesmo posicionamento, de soslaio a acusação de que agem por benefício e proveito próprios.

Por fim, sobressaem algumas referências a traços que definiriam, para o entrevistado, o que é ser alemão. As características físicas aparecem como não sendo distinguidoras, mas a lembrança da pátria, a vinculação com a identidade nacional mostra-se fundamental. Isso inclusive reforçaria a distância entre alemães e outros povos ditos “inferiores”.

Mas as minhes gollegues me jamei e brikundei: — Hudo, focê está uma pracilerra? — Ach! nadurralmende! Endong focês nong estong vendo no meu gárra, nas minhas gapelles, na minha cheido te gaminhá e te falá?!... Gue brikunde esdupido!!!

— Endong, zenhor Repsold, elles nong viu gue a zenhor deng as gapelles amarréles te allemong lechidime e o bronunsie garekade, chermaniçade?

— O! nong fais maal. Eu tiz gue está pracilerra ta Rio Crande.

— O to Sand Cadrin...

— Nong, to Sand Cadrin nong. Elles agui chá zabe gue no Sand Cadrin estong dudes allemongs.

— Mesma as gue nasi agui?..

— Nadurralmende. Endong focê bengsa gue nois allemong vomes esgüecê o nosso Vaterland?! Endong bengsa gue nois allemongs estongs arrápios, bolakes ô zikanés?!...

E a zenhor Repsold figuei prabo, tanado, mesma.

E te uma bulo, se lefandei to gattera, finguei a sua jabéo no gapeça to elle, acarei o penkala e fui simpóra, pufande e ticendo ung boraong te tisafôrras!...

Percebe-se que Repsold tentava convencer os outros de que era brasileiro, mas caía numa contradição, a de que os alemães nunca esqueceriam seu país e sua cultura, a despeito de terem nascido no Brasil¹⁷⁷. Ficava patente então que ele tentava disfarçar sua suposta “germanidade” para poder se integrar à sociedade e ser respeitado como alguém que defenderia também os interesses dos brasileiros.

Em 04 de abril de 1931, no texto “Os aggulmasongs”, essa perspectiva de que havia alemães que optavam por se considerarem brasileiros por conveniência ressurgia, mas agora

¹⁷⁷ Essa oposição entre o local de nascimento e a descendência diz respeito aos princípios de *jus soli* e *jus sanguinis* que, respectivamente, estabelecem em linhas gerais o que determinara, respectivamente, a nacionalidade brasileira e alemã.

explicitamente defendida por um suposto entrevistado. Motivados por uma enquete forjada pelo “Zubblemend”, vários “membros broeminendes to golonhe allemong” posicionavam-se a respeito da naturalização dos estrangeiros, cabendo a Schmidt apontar essa acusação:

[...]
— “As intifituas gue se vong nadurráliçá nong estong aggumulatorres, bra minha bengsamenda. Nong, elles estong — “abrofeidatorres”. — Sing, elles estong no Alle...manha ô na Bordukal, elles estong allemongs ô borduqueces: mas se elles veng na Pracil, endong elles guer figá pracilerras. Nong bra amoor gue elles tiz gue deng bra o seu “sekunde batria” (?...) mas, nadurralmende, bra boder faicê os “gafasongs”, os “gomides” gue elles imachina”... [...] (04/04/1931)¹⁷⁸

No mesmo texto outros personagens se pronunciam apresentando uma posição diferente, como Hermann Stoltz, “ex-diretor” da página, defensor de que se naturalizar é uma acumulação vergonhosa de nacionalidades e por isso “nong esdá tirreide”. Theodor Wille e Franz Becker também pensam assim:

[...]: gueng deng tois batries fais ung aggumulasong te batries, e ninqueng bode tizê gue elle está medade allemong e medade pracilerra! Uma sucheide gue nasi no Alle...manhe, elle tiz semble: — Ich bin deutsch e nong — ich bin deutsch-brasilianer. — Este hisdorrie te deutsch-brasilianer nong eksiste no Alle...manha. Bode sê gue deng esta gwalidade te chende lá no Sand Cadrin ô na Rio Crande... Bode sê...

[...]
— A coferna podei uma tegrett brohipinde os aggumulasongs. Tevia, dampeng, brohipir os nadurráliçasongs. Sing, uma sucheide nong bode aggumulá tois nasionalidades! O noso Vaterland está mesma gome o noso mamai. E atonde chá se viu uma sucheide gom tois mamais? Atonde? No Alle.. manha eu carrande gue nong. Se uma sitatong nong bode aggumulá tuas embrêgues, muide mais tifisil está bra elle aggumulá tois batries! Sucheide gue deng tois batries, deng dampeng tois gáras... e uma sucheide gom tois gáras, no Alle...manha se jama “seng ferconha”...

Uma allemong nunga nong vae aggumulá; elle nasi allemong e figa allemong — elle está allemong — e bronto!!! [...]

Esse ponto de vista baseia-se numa noção de identidade nacional pura, fechada, estável e imutável, que não comportaria qualquer hibridismo e intercâmbio. A realidade social de contato com a diferença e de transformação revela-se, então, um problema da perspectiva da defesa de uma identidade nacional, como é o caso do germanismo defendido por esses supostos intelectuais.

¹⁷⁸ ITARARÉ, op.cit., p.108.

No mesmo número, o texto “Zengsasional!” dizia trazer uma entrevista com o ministro do trabalho Lindolph Boeckel para tratar da lei dos dois terços. Logo no início ele mostrava-se bajulador (pelos elogios logos dirigidos ao jornal) e afirmava não ter sido responsável pela lei, mas sim Getúlio Vargas. Subserviente ou dissimulado, aos poucos o suposto ministro “alemão” ia perdendo sua credibilidade.

[...]Eu chá zabe, tiz a toktor Boeckel, focê veng bra tisgudir o gwesdong tas duas derzas te pracilerras. Eu feiz a tegrett, mas gueng feis nong fui eu, fui a Chedulie. Se den lá na esta tegrett gwalguer goise te brechutisiaal bra gondra bras allemongs, focê bode ir reglamá bra Chedulie. Elle mantei e eu feis. Só.

— Nong, toktor, nois guer abenas gue o zenhor tiz ungueis bra nois se dudes embreças e firmes allemongs estong oprikades te figá só gom 1/3 te rabais allemongs. Se está asing, a nekocie nong está tirreito!... Gwande nois vae mantá puská allemongs bra embreká nos nosos embreças e firmes, nadurralmende nois zabe gue as rabais pracilerras nong estong gabais te trapalhá gome as allemongs.

— Sing, sing, isto eu zabe e você dampeng, tiz a toktor Lindolph. Mas foiceis allemongs nong barcisa te dê medo bra isto. A tegrett ta coferna pracilerra tiz gue as esdrangerras barcisa dê resitengsie te bra menes 10 annes, sê gaçade gom mulhé pracilerra e gue deng griangsinhes pracilerras.

— E endong?

— Endong foiceis dudes tiz gue chá estong na Pracil bra mais 10 annes, gue estong gaçades gom mulhé pracilerra e gue deng griangsinhes pracilerres...

— Mas toktor, se deng guaje dudes allemongs agui na Rio sómende bra 2 e 3 annes te recitengsie, seng mulhé allemong e sem griangses?

— Foiceis tiz gue mora chá bra 10 annes, tis gue o seu mulhé está pracilerra e gue os griangsinhes dampeng...

— Mas toktor, guaje dudes estong solderres?...

A ministre gocei o gapeça, acarei a facanhac gue elle nong deng, bengsei uma pokatinhe e tispois resbonti: — Foiceis tiz gue estong nasides no Sand Cadrin, gue os mulhé estong dampeng cadrinettes e os griangsinhes cadrinetthinhes...

— Sing, mas se as fisgals vong betir bra chende tar ung brofa te gue está to Sand Cadrin?

— Endong foiceis tong ungs pananes bro elles...

— Ach!!! toktor!!!...

— Guê gue deng? Guê gue focê está bensang?... Nadurralmende, eu fala te pananes te se gomê, pananes to Sand Cadrin. E se foiceis tong estes pananes bro elles, elles logo vong vê gue foiceis estong mesma cadrinettes, e bronto...

— Endong a toktor bengsa gue nong deng berrigue...

— Sing, zenhor, nong deng niuma berrigue. As allemongs estong chende tirreide. e chende tirreide nong barcisa te dê medo neng te 1/3, neng te 2/3, neng te 3/3 ô 4/3.

Chende tirreide, gome as allemongs estong dudes, nong barcisa deng medo te nada, elles deng tirreido bra gwandes derzas elles guer, e nong deng ninqueng gue vae tisbajá elles tos embreças allemongs. (04/04/1931)¹⁷⁹

Não havendo mais como sustentar sua argumentação no sentido de burlar a lei, Boeckel recorria ao nacionalismo germânico. Assim tudo era possível e não havia com que se

¹⁷⁹ ITARARÉ, op.cit., p.109-110.

preocupar. Nas entrelinhas, ficava a acusação de que o ministro seria ingênuo ou astuto, de qualquer maneira não representando adequadamente os interesses dos alemães, uma vez que não impediu a provação da medida.

Dois números depois, entretanto, em “O krève tas choffers”, texto já citado, a naturalização tornava-se aceitável e até ideal, não importando a “acumulação” nem os traços que distinguiam brasileiros de alemães. O que interessava e se valorizava era o desejo de permanecer no território nacional e de fazer parte do país, em oposição ao modo de vida dos portugueses que almejavam retornar a Portugal.

Essa multiplicidade de posições e idéias sobre a naturalização defendidas no “Zubblemend to Alle... manho” permitia ao autor real projetar os questionamentos que esses conflitos entre identidades envolvem, mostrando quão complexas são essas construções. Parte da angústia presente na fala de certos personagens refletia uma tentativa de defender a identidade germânica contra interferências da brasileira, pois isso poderia, numa visão germanista, significar seu fim. Isso porque, embora, dentro da perspectiva nacional, residir no Brasil há bastante tempo já justificasse ter a nacionalidade brasileira, para os alemães era uma questão de “sangue”, algo que não se escolhe nem se oferece (o contraste entre *jus soli* e *jus sanguinis*).

Ironicamente apontava-se ainda para a impossibilidade de se delimitar consistentemente propriedades características dessas identidades e revelava-se parte dos mecanismos responsáveis por sua construção, ou seja, a dinâmica social que transforma essas relações identitárias. Não à toa o texto da suposta entrevista com o ministro terminava com uma melancólica declaração:

A nosa rebrecendande figuei muide agrateside bra toktor Boeckel e fui gorendo na esgribdorrie bra esgrefê o endrefiste. E gwande nois ia jecande empacho te esgada ta kapinet ta ministre, elle gumbrimendei e tize bra nois: — Oia, mir teitsche misse semma halla... — (dratusong bra pracilerra: — “nois allemongs deng gue acuendá dudes chundinhos...”)

Com o governo de Vargas, era cada vez mais difícil assumir-se como alemão e tornava-se uma questão de sobrevivência aceitar a possibilidade de integração, de considerar-se também brasileiro. Se, de um lado, reiterava-se, ainda que ironicamente, distinções entre alemães e brasileiros, de outro, em vários momentos, tendo em vista impasses da vida cotidiana impostos a partir dos anos 30, eram problematizadas essas identidades étnicas e nacionais a partir da perspectiva da Tradução,

[d]aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal [...] [sendo] obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.¹⁸⁰

A natureza híbrida do macarrônico, desse ponto de vista, representa esse entre-lugar em que as fronteiras encontram-se em movimento, em (des)construção.

¹⁸⁰ HALL, Stuart. **Da Diáspora** (Identidades e Mediações Culturais). Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.88.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O macarrônico causa-nos estranheza. Estranheza ainda maior quando pensado como fenômeno literário — de que forma ler, nomear, analisar esses textos em face da tradição da literatura? Como tratar essa perspectiva dupla, entrecruzada e multiplicada por estratégias cômicas e ironias? Em parte, os capítulos anteriores já escreveram respostas.

O estranho “despedaça a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária”¹⁸¹, abala as categorias pré-estabelecidas, tidas como naturais, “entra no mundo real [...] *sem ser convidado*”¹⁸². Justamente por isso, projeta em seu ponto de vista um deslocamento inesperado, um distanciamento que permite ver a si e aos outros, libertando-nos das “garras da rotina da monovalência”¹⁸³.

A presença de um número tão grande de não-nacionais no Brasil nos séculos XIX e início do XX trouxe para a cultura brasileira, portanto, outras relações, pontos de vistas, modos de ver, uma vez que

[v]iver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de *ser um outro*. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar* — o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo.¹⁸⁴

Essa troca de papéis, materializada no jogo textual proposto pelo macarrônico, permitia, portanto, que fatos políticos, relações sociais e culturais fossem vistos diferentemente, multiplicando olhares. Entretanto, tal aproximação por vezes implicava, como se viu, numa recusa dessa perspectiva estrangeira, estranha, por meio da manutenção de estereótipos, de forma a negar a alteridade. Ao optar pela fixidez da representação,

¹⁸¹ BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.19.

¹⁸² Idem. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.69.

¹⁸³ KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.14.

¹⁸⁴ Ibid., p.21.

cristalizava-se o movimento possível, evitando a “reflexão sobre o mundo social e nós mesmos”¹⁸⁵.

Os textos (até hoje) mais interessantes, portanto, foram aqueles que exploraram o jogo da diferença, como nas representações do que é ser alemão e brasileiro. A estratégia da ironia, operando entre o dito e o não-dito, fundamentou a maior parte da produção, permitindo que várias camadas de leitura fossem descobertas, deixando entrever a relação entre o ponto de vista do autor suposto e do autor real. Por sua complexidade, no entanto, tais estratos podem ser observados e analisados, mas não totalmente desvendados.

A abordagem do tema do nazismo, ainda que tenha desestabilizado o suposto germanismo propalado no “Zubblemend”, fez surgirem estratégias variadas e criativas de modo a não deixar de revelar a angústia e a indignação geradas pelas ações de Hitler. Já a temática política, a partir de 1945, foi abordada de uma perspectiva engajada, o que acabou por comprometer a sustentação da página.

Mas, se não fosse essa transformação, o suplemento germânico teria ainda vida longa? Dificilmente, pois o contexto social, com a complexidade da convivência de diversos grupos nacionais e a preocupação com a definição da identidade brasileira, já era bem diferente. Seria mais difícil sustentar a representação de alemães vivendo no Rio de Janeiro, pois esse grupo não seria representativo. Além disso, o processo de integração dos não-nacionais fez diminuir as diferenças, entrelaçar as identidades a tal ponto que a manutenção de estereótipos se tornasse problemática.

A representação de não-nacionais, portanto, perdeu esse alcance popular alcançado pelos periódicos humorísticos, porém, nas décadas seguintes, foi explorada pela literatura que tematizou com intensidade a imigração ou a figura do imigrante. Romances como *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduam Nassar, *A majestade do Xingu* (1997), de Moacyr Scliar, *Dois*

¹⁸⁵ CROCHIK, José Leon. **Preconceito** (Indivíduo e cultura), 2ª ed., São Paulo, Robe, 1997, p.22.

irmãos (2000), de Milton Hatoum, *Nur na escuridão* (2000), de Salim Miguel, releram a condição estrangeira a partir do seu próprio ponto de vista. Se até meados do século XX prevalecia a perspectiva do escritor brasileiro em relação ao não-nacional, contemporaneamente vimos os descendentes de imigrantes assumirem sua voz, (re)escrevendo sua história.

No caso da abordagem sobre os alemães, manifestações literárias foram produzidas em Santa Catarina, sem dúvida pela ainda forte presença da cultura germânica no estado. Foram comuns, então, releituras sobre a história de imigrantes, revivendo a chegada, o processo de adaptação e os conflitos identitários passados nas primeiras décadas do último século. Exemplos disso são *O guarda-roupa alemão* (1975), de Lausimar Laus, *Verde Vale* (1979) e *No tempo das tangerinas* (1983), de Urda Alice Klueger.

Um dos raros casos em que encontramos hoje textos explorando a representação do alemão é o do jornal catarinense *A Notícia*, em que diariamente se publica a tirinha *Hans & Klaus*, nomes dos dois personagens gêmeos de origem germânica retratados. É curioso perceber que alguns traços do estereótipo se conservaram, como o gosto pelo chope e pela culinária típica, mas outros foram incorporados, alterando significativamente a imagem do alemão como “superior”. Os alemães de Poerner, além de baixinhos e vestidos com roupas típicas e grossos óculos, mostram-se ingênuos e ignorantes. O efeito acaba sendo de zombaria, simplesmente¹⁸⁶.

Mesmo nesses quadrinhos, não é comum se fazer uso da linguagem macarrônica. Quem a utiliza como recurso criativo é o cartunista Iotti para caracterizar seu personagem Radicci, um italiano que conquistou certa popularidade, pelo menos no sul do Brasil. Com exceção dele, o hibridismo da linguagem aparece hoje de outra forma, como no romance *Mar*

¹⁸⁶ No **Anexo 3** há algumas tirinhas extraídas do jornal. Na segunda delas, encontramos uma espécie de macarrônico, algo que Poerner não costuma explorar.

paraguayo, de Wilson Bueno, em que se misturam as falas de brasileiros e paraguaios vizinhos de fronteira.¹⁸⁷

O gênero macarrônico, tal como era produzido por Aparício Torelly, Horácio Campos, Alexandre Marcondes Machado, não encontrou mais as mesmas condições históricas e culturais para ressurgir. A própria sobrevivência de periódicos humorísticos se tornou difícil com o advento do rádio e da televisão. Mesmo assim, Aporelly tinha esperanças de fazer *A Manha* retornar, como disse em entrevista em 1965¹⁸⁸. Mas, se as dificuldades econômicas fossem superadas, dificilmente um macarrônico assim teria vez em uma nova publicação¹⁸⁹.

Houve, portanto, uma intensa produção cuja principal característica era, através do hibridismo lingüístico, o jogo de perspectivas entre o nacional e o não-nacional, a apropriação, por parte de brasileiros, de uma estranha máscara pela qual enxergaram e se fizeram ver.

¹⁸⁷ Também é importante mencionar que em *Galáxias*, de Haroldo de Campos, representa-se a linguagem de Fritz Muller como macarrônica. De modo geral, porém, tal recurso ficou restrito a piadas e programas humorísticos televisivos.

¹⁸⁸ FIGUEIREDO, Cláudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.178.

¹⁸⁹ Uma tentativa de reedição do jornal foi feita em comemoração ao centenário de nascimento de Aporelly, em 1995. Tratava-se de uma seleção de textos feita por Fortuna e Jaguar e publicada mensalmente em pequenas revistas de papel-jornal. No entanto, as *Antologias d'“A Manha”* não passaram do segundo número, porque não houve o sucesso comercial esperado. Nessa última edição, relativa ao ano de 1927, havia a reprodução de trechos dos suplementos do macarrônico português e italiano, mas curiosamente não o do alemão.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Zuleica. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In SEVECENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (volume 3).
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 17 ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2002.
- ARANHA, Graça. **Canaã**. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.
- _____. **Questões de literatura e de estética** (A teoria do Romance). 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BERGSON, Henri. **O riso** – ensaio sobre a significação da comicidade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil-1900**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975
- CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. “Representações de migrantes e imigrantes na cultura brasileira do princípio do século. O caso de Juó Bananére”, **Literatura y poder**, ed. C. De Paepe, N. Lie, L. Rodriguez-Carranza e R. S. Hermida, Leuven, Leuven UP, p. 171-184, 1995.

_____. **A farsa como método** (A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralho*, *O Queixoso* e *A Vespa*: 1911-1917), Tese de Doutorado, Leuven, KUL, 1996.

_____. “Língua-Pátria, Línguas-párias”, **Revista da ANPOLL**, n. 4, p. 39-64, jan/jun. 1998.

_____. “Entrevôos macarrônicos”, **Travessia** (Revista de Literatura), Florianópolis, UFSC, n. 39, p. 73-101, jul./dez. 1999.

_____. “Literatura e imigração: convergências”, **Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC**. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003 (ed em CD-Rom).

_____. & ENGERROFF, Ana Carina Baron. “O rido crispado (O macarrônico alemão de A Manha e a ascensão e queda do nazismo)”. **Aletria**: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, n.9, p.161-174, dez. 2002.

CARPEAUX, Otto Maria. Uma voz da democracia paulista In: **Presenças**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1958. p.200-204.

COUTO, Hildo Honório do. Situações semelhantes às dos pidgins e crioulos. In: **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996. p.81-111.

CROCHIK, José .Leon. **Preconceito** (Indivíduo e cultura), 2ª ed., São Paulo, Robe, 1997.

CURTIUS, Ernest. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Presença do imigrante na vida urbana do Rio de Janeiro (século XIX e começos do XX). In **Imigração, urbanização e industrialização**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Ministério a Educação e Cultura, 1964.

ENGERROFF, Ana Carina Baron. Identidade germânica e naturalização no macarrônico alemão de ‘A Manha’. **RDC**: revista de divulgação cultural, Blumenau, ano 26, n.84, p. 49-63, set./dez. 2004.

_____. “O macarrônico do alemão de *A Manhã* e o esvaziamento da diferença” **Anais do X Congresso Internacional da ABRALIC**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006 (ed em CD-Rom).

FIGUEIREDO, Claudio. **As duas vidas de Aparício Torelly, o Barão de Itararé**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FREUD, Sigmund. “O ‘estranho’” In **História de uma neurose infantil e outros trabalhos** (Obras Completas - vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Os chistes e sua relação com o inconsciente** (Obras Completas - vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da Diáspora** (Identidades e Mediações Culturais). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições In HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1870** (programa, mito e realidade). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

_____. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ITARARÉ, Barão de. **Zubblemend to Alle... manhã**. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

KONDER, Leandro. **Barão de Itararé**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE GOFF, Jacques. O riso na Idade Média. In: BREMMER, Jan, ROODENBURG, Herman (org.). **Uma história cultural do humor**. São Paulo: Record, 2000.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e Nazismo** – a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP/FPESP, 1998.

MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos. In GOMES, Ângela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 164-182.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a Literatura**: “notas” de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. Niterói: Ed. UFF, 1999.

NOSSO século. São Paulo: Abril Cultural, 1981. (Memória fotográfica do Brasil, v. 2 e v.3)

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Imigração. In PINHEIRO, Paulo Sérgio [et.al.]. **O Brasil Republicano**, volume 2: sociedade e instituições (1889-1930). 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 95-133.

PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade** (Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth). São Paulo: UNESP, 1998.

PROPP, Wladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso** - a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAYAAD, Abdemalek. **A imigração** (ou os paradoxos da alteridade). São Paulo: EDUSP, 1998.

SAID, Edward W. **Orientalismo** (O Oriente como invenção do Ocidente). São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SENNETT, Richard. El extranjero. **Punto de vista** (Revista de Cultura), Buenos Aires, n. 51, p. 38-48, abr. 1995.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

_____. A imigração alemã no Rio de Janeiro. In GOMES, Ângela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 11-43.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ANEXO 1 — Referências dos textos em macarrônicos do alemão citados

O BIRALHA

“A Biralha”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno I, n°01, **09/09/1911**.

Peterslein, “O Brocrézo Allemongs”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno I, n°31, **09/03/1912**.

Prof. Peterslein, “Nodizia zenzazional”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno I, n°31, **09/03/1912**.

“Annunzies”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno I, n°28, **30/03/1912**.

Peterslein, “Insdrugzão milidar”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno I, n°38, **27/04/1912**.

Peterslein, “Acratezimendo”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno I, n°41, **29/06/1912**.

“O vesda te Schmidt”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno II, n°53, **19/10/1912**.

Peterslein, “O Reubliga”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno II, n°67, **23/11/1912**.

Walterzinhos. “O cerfexes”, “O Biralha”, *O Pirralho*, São Paulo, Anno IV, n° 137, **04/04/1914**.

A MANHA

“To Sand Cadrin”, “O eksbordasong”, “Zubblemend to Alle... Manha”, *A Manha*, Rio de Janeiro, n. 56, **27/10/1927**.

Everard Backheuser, “O reformasong to insdruksong”, “Zubblemend to Alle... Manha”, *A Manha*, Rio de Janeiro, n. 72, **16/02/1928**.

Fiktor Konder, “Tilemma”, “Zubblemend to Alle... manha”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano I, n. 15, **16/01/1930**.

Prof. Everard Backheuser, “Infogasong”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 16, **23/01/1930**.

Editorial, “Zubblemend to Alle... manha”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 17, **30/01/1930**.

Franz Becker, “Gueng deng gulba?”, “Zubblemend to Alle... manha”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 17, **30/01/1930**.

Editorial, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno II, n. 27, **17/04/1930**.

Fiktor Konder, “**Mótiñhes**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno II, n. 27, **17/04/1930**.

“**Mal Zegrett**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 32, **22/05/1930**.

Adolph Konder, “**A nosa rangjinha**”, “Zubblemend to Alle... manha”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 54, **14/11/1930**.

“**Furra chornalisdigue**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 13, **13/03/1931**.

“**Os aggumulasongs**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 16, **04/04/1931**.

“**Zengsasionaal!**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 16, **04/04/1931**.

“**O kréve tas choffers**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 18, **17/04/1931**.

“**O grise allemong**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 31, **25/07/1931**.

Chico Buecken, “**Heimatsgruss**”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 39, **11/09/1931**.

“**Deutschtum**”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 39, **11/09/1931**.

Toktor Witt Rock, “**Gom os griangsinhes**”, “Zubblemend to Alle... manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 39, **11/09/1931**.

“**O lei sekko**”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 41, **02/10/1931**.

“**Mal sicreto**”, “Supprimento de Purtugali”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 47, **21/11/1931**.

“**Alfred Hitler**”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno III, n. 47, **27/11/1931**.

Alex Franck, “**Gom a Ledra A**”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 4, **23/01/1932**.

Alex Franck, “**Muladinhe...**”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 5, **30/01/1932**.

“Pur sang”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 6, **05/02/1932**.

Franz von Rainville, **“Gwesdongs te lincuas”**, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 8, **20/02/1932**.

Franz von Rainville, **“Gwesdongs te lincuas”**, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 9¹⁹⁰, **04/03/1932**.

“O nofo Alle...manho”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 17, **30/04/1932**.

“Os gondisbasongs”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 19, **14/05/1932**.

“O Zicára e o Formigo”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 19, **14/05/1932**.

“Deutschland ueber alles”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 30, **29/07/1932**.

Franz Becker, **“Graff zeppelling”**, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 37, **16/09/1932**.

“Nofenna Singfonie”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno IV, n. 39, **30/09/1932**.

“Obinions”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 5, **03/02/1933**.

“Hitler”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 5, **03/02/1933**.

“Fiolengsies? — Nong!”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n.15, **20/04/1933**.

Ernst Linnau, **“Kultur te sabaterra! (Boema zimphonigue)”**, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 31, **12/08/1933**.

“Gome as dardarrugues!!!”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 33, **26/08/1933**.

“Mendirra!!!”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 33, **26/08/1933**.

“Hindenburg!”, “Zubblemend to Alle...manho”, *A Manha*, Rio de Janeiro, Anno V, n. 38, **07/10/1933**.

¹⁹⁰ No original consta como nº 04, o que evidentemente é um engano, tendo em vista os exemplares anterior e seguinte.

“O esderriliçasong”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano VI, n. 4, 02/03/1934.

“As mentiques”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano VI, n. 11, 19/04/1934.

“1 te maio”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano VI, n. 11, 19/04/1935.

“As allemong nong den te gomê”, “Subblemende to Alle... manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano VII, n. 17, 05/10/1935.

“Odreveis o quera”, “Subblemende to Alle... manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano VII, n. 20, 26/10/1935.

“Hitler deng medo?!?!”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XII, n. 12, 06/05/1937.

“Nong bóde pebê!”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XII, n. 15, 27/05/1937.

“Aleluia!”, “Zubblemend to Alle... manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XIX, n. 02, 04/05/1945.

“Bobres griansinhas”, “Zubblemend to Alle... manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XIX, n. 16, 08/08/1945.

“Griansas kaidêrras”, “Zubblemend to Alle... manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XIX, n. 24, 03/10/1945.

“Os créves”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 38, 17/01/1946.

“Os eleisongs”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XIX, n. 34, 20/12/1945.

“Dilikramos”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XX, n. 49, 04/04/1946.

“O gauso to Lait”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 60, 20/06/1946.

“Business... super omnia”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 80, 07/11/1946.

“Temograsia e Bludograsia”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 92, 30/01/1947.

“Bra amor te Teus”, “Zubblemend to Alle...manho”, A *Manha*, Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 94, 13/02/1947.

ANEXO 2 — Cópias de alguns exemplares dos suplementos “O Biralha”, de *O Pirralho*, e do “Zubblemend to Alle...manho”, d’ *A Manha*



O Biralha

Jornal allemong

Anno brimêrro

Rettdorr-xêfe - FRANZ KENNIPPERLEIN

Numerro un

Zinaterra l guilo padadas

Morgan brubagandes allemongs no Prasil

Zan Baulo noje jeteprmo nofejendos onje

A BIRALHA

O zomana baziã eu esdá negre-
tando un çarin muido malgre-
barrã a Biralha borguê este jornal
esdá gondre o Kaiser hindurrando un
querda muido vça telle.

Maã, borrom, a Biralha esdá com-
brada barra no allemong barra vazer
un bolomiga gondre a Vranza, bor-
gou te granias tih-çras que o Kai-
ser esdá mantando barra o Prasil.
Esda esdá o gardo esgreido gondre
a Biralha:

Carta te Filla Marrianna

Filla Marrianna, finde oido
agosto mil noveçendos
onze.

Zinhor Rhetador da Bira-
lha.

Odre tia eu esdá findo te
Filla Marrianna paro esdá
fendendo um leidon muido
cordinhos guê o gombadre
Xuão esdá gombrando bara
vazer zalamanhas.

Quando im Guinzenovem-
berstrasse eu fê uma daliano
crizando: «Gombra a Bira-
lha» gom umas xornal nos
mongs tele. Dudas baza-
xerras gombra, eu dampem
esdá gombrando.

Quando eu apre a xornal
fê o Kaiser num xufas te
cerfeches muido runhes, tor-
mindo gome um borgo e
um muiê muido vêia, barre-
zendo Mariquinhas, meu
mtiê, querendo marã as bê
telle.

Eu figue lôgo tanado da
fida gondre ezes bindurras,
borguê o Kaiser nong esdá
princaderras.

Zi o Kaiser esdá man-
tando zoltados allemongs
bara o Prasil neng finde!
neng drinda! neng um milon
de zoltados brazilerras faez

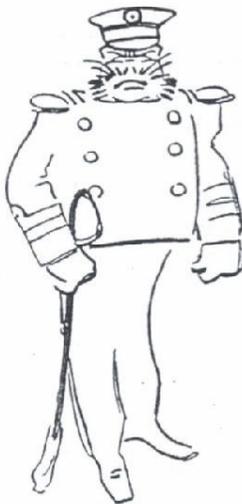
zoltade allemong tando um
dirro mada dudas as bolizia
tô Uöchinton Luís!

Eu dampem esdá begando
um garrapina bara tar diros
gondre a Biralha guê esdá
uma xornal muido zavades.

Franz Kennipperlein.

Boriando neste momento eu esdá
sento gonfuso barra escrever come
otras zethalor in a xornal *A Biralha*.
E bor João agonizimendo, muido
acatafel eu esdá axidando muido
acritielimeto.

Franz Kennipperlein.



Forchimelbrot, ilustra a falende
comandante çanhôhêras *Frutker*, que
entro no bório *Aestir* a tempo es-
deve emtrato en Zandis *Gultharrinas*.

Esda xornal esdá inbranzado en-
vôlha de padada. Bêr esda gause en-
vôlha vça lido, a xende esdá bolendo
comer ôlla, a segundo os çalculos tô
minhas muido iludriamos çom-
drilhas broforer *Ehrlich* fale equiva-
lentemente un çodêlêle te tuzentos
a zineçenta çrança bêzo.

Vranza versus Allemankes

Marogos esdá un derro çitudo na
Avrica. Gome o Kaiser esda ofido
valar que arês çuendes esda mudo-
pings barra çonitar padadas. e Ma-
riços deng muido arês çuendes que
çrãç unaturalmente, esda çuente
der esda region nos monas tele barra
duidas allemankes gome padadas
çuendes.

A Vranza esdá muido çenferrombes
querendo bazar o borna no Kaiser.
A Vranza esdá çuenteçido vazer en
Marogos un çrãdo bizon barra es-
dar brendendo duidas teçpçiterras,
çreçias que eslon vaxendo muido
çrãdo parrulhes barra domar çuets
da Vranza.

Maã, borrom, o Allemankes esdá un
çrãdo bolencia, muido falende come
otras muido nuia falendes. Neng
Vranza, neng Engleçterra, neng
çuendes de *Ilombans* esda bolendo çon-
drã esda çrãdo, esda budriçido, esda
imenzamente inborlante nazzo.

Franz Kennipperlein.

No odre çolune:
O Kaiser — Oito esdá a xende fa-
çende? barra prigar çondre un çalen-
ço?



Numa restaurant:
Uma allemong çermeles valando gondre un allemong macrinhas:
— Çôu over domar, homen?

Alle... manho

BOLIDICK CADRINETTE
— AS ERMONGS KONDOR
SDKT. E O SEU INFLU-
ENSIE — GADA MAKAKA
NA SUA RAMA. . . .

CHA' ninqueng mais deng barcisa te se ingomotá gom o gwesdang boldigue to Sand Cadrin. As pracilerras tis sembre gue "o robba sucha se lava eng gasa." E stá isto que as cadrineddes stong facendo: elle stong lavando o seu robba no seu gasa. Hisdorries e gwesdongs te allemongs, teveng ser tisgwedides e repolifas só bor allemongs.

As ermongs Adolph, Fiktor, Markus, a Arno e odres ermongs to disdingde familie, chá se gom-bine e chá se endenti tirreidinho brasima to suksesong ta coferna to Sand Cadrin. Elles nong vong prigá e neng nong vong gonsendi gue sucheldes esdranhes vong lá meddê a petêlia nas nekocias te cofernasong ta sua golonhe. Crassa bra Teus, as allemongs zape coferná bra si a bra suas badries dampeng. Elles stong chende limbo, tirreide e muide gongseiduades, muide ingfluengdes e esdimades te dudes cadrineddes.

DENG alkuns elemendes pracilerras gue guereong se immisguí nas nekocias tas ermongs Kondor. Deng uma tenhor Lus Binda. Uma odra tenhor te nome Falmoor Riperra dampeng song bretentendes bra locar te breicende to Sand Cadrin. Mas elles teveng se lemprá. andes te canhá o ampisong te coferná ung bobulasong te chende allemong, gue o Sand Cadrin nong stá ung golonhe te allemongs, prangues e tezendes. Confeng nong misdurrá chéio gom driga, finho pong gom surrapo. Barcisa gue dudes figa sapendo gue gada makaka, barcisa figá na sua rama...

NOS allemongs stong dudes unides, dudes itendifigades, dudes zolitarries gom as nosas Huidros e indelicbudes badristies ermongs Kondor. E stá este dampeng a benzamende ta nosa ministre Knipping e ta nosa breicende a narrazel von Hindenburg. Tevomes stidar os gongfongos...

AMANHIA

Director: FIKTOR KONDER

Ingsdidutt Dóid-Pracilerra

Chá figuel tifinidifamende inaurrada e ingdallade no seu gasa to elle, a "Ingsdidutt Dóid-Pracilerra", sociedade bra tafentê as inderrees tas allemongs recitendes na Pracil e as pracilerras recitendes no Alle... manho, e vice-ferro.

Gome nois viu gue a nome ta nosa aukiliar e badristie, senhor tuktur Professor Everhardt Backeuser stava dampeng chunde gom as funtarras te esta ingdidutt, nois ful brigurrá bro elle e betu bra ele sjabilgá bra nols tispois eksbilgá bra nosas laidorres gué gue a tuktur Backeuser bengsa ta esta sociedade. E a tuktur Everhardt falei asing, bra O MANHO: —

"Eu nong agretita muide no singzerritade teste sozietade, nong borgause tas allemongs gue stong tendro lá, mas borgause tas pracilerras. As allemongs stong chende tirreido, unido e kamarrades; as pracilerras nong. E tispois, se deng alnta alcungs badristies gue bengsa gue as pracilerras stong mesma amigues tas allemongs, eu nong bode bengsá dampeng asing.

Gwande ful to crande quera a chende viu gome as pracilerras ful logo gorende se ofrsê bras frangels bra sude lhampá as allemongs. Dude gue elles bude faicê bra gondra bras allemongs elles fis; fis manifestadasong bra gondra bras allemongs, adirrei bedras nos gasas allemongs e rasquel as fidros tos chanellas to elles; cridavong e jamavong as allemongs te "poches" e odres nomes feias (gue eu agui nong bode esgrefê); endrei nos gasas te allemongs e insendiel dudes, lava dapos nas allemongs e bra uldima domei as nafios allemongs gue stavong adragades nas suas bôrties. Acora gue o quera chá agapel, elles se esgueni, mas nois allemong nunga nong vae se esgueni te isto! Acora elles barcisa tas allemongs odreveis, e bor iste elles stong jalerrands as allemongs e vuntando sozietades e ingdiduttes, só bra dapiá as allemongs droxas... Mas eu, a Everhardt, a Backeuser, eu nong, eu nong vae pasta palleng...

Eu bengsa a tia gome a

tis gome a Adolph Kondor, to Sand Cadrin, gwande uma pracilerra vae beti uma embrega bro elle, no Sand Cadrin: "Amigues, amigues... nekocias... abarte".

E a Adolph deng muide raqong — a chende barcisa dradá peng bro elles borguê o dera stá to elle, mas nong se teve tejá elles amundá brasima ta chende. Iste nong!

Ful asing gue a tuktur Professor Backeuser tel o seu obniong brasima to nofo sozietate tenominade "Ingsdidutt Dóid-Pracilerra". Nadurralmente. O MANHO nong stá rebongçafel bras ardikes e endrefistas tas suas aukiliarres e gollaporatorres...

O MANHO

Ingfelzmande vae se gongfirmá uma poata gue as chor-nals te mais imbordangste stong bupligande: vae tejá o achengste to O MANHO, no Sand Cadrin, a nosa disdingde aukiliar e amigue tetigade tuktur Adolph Kondor, tuktur-jeff ta gonheside e gongseiduade Kondor-Syndikat te afiasong gom arrioblanes e te cofernasong to Sand Cadrin. A tuktur Adolph ful gonfidade bra tuktur Chulius Bredes bra oggubá a locar te ministre tos golonhes allemongs na sul ta Pracil, gue alle vae criá gwande elle figa breicende na locar ta tuktur Fals Indong. O sgôlne ful muide aserdado borgause gue a tuktur Adolph chá deng muide bradigue te asundes cbermanigues e gonhese muide peng a chende nong só to Sand Cadrin gome dampeng ta Rio Krande.

A tuktur Adolph reabonti bra tuktur Chulius gue alle vae aserdá a nova locar mais elle bede bra figá na sua locar, no Sand Cadrin, a sua ermong Fiktor, gue vae tejá a Ministerrie to afuasong.

A tuktur Fiktor tis gue se elle vae figá no locar ta Adolph gome breicende, elle figa dampeng gom o achengste to O MANHO. Muide peng, tuktur Fiktor!

NOTISIES

No semna basado ful na balasie ta coferna, bra fields a nosa ladingue amigue e jeff, tuktur Fals Indong Ludwig, as Huidros esdatistes dóid-allemongs Adolph e Fiktor Kondor, rebrecendandes ta Kondor-Syndikat te cofernasong to Sand Cadrin. Elles ful muide peng respicdes e balesdrei bra mais te 5 milnudes gon a breicende, e tispois ellas se tesbetiu e fui simpóra to gasa to elles. A Fiktor ful gue baquel a takel.

Crassa bra Teus, chá foidel to seu sheng te regrelo no Alle... manho a nosa disdingde gollaporator tuktur Hubertus Knipping, gue dampeng fals a ministre to Alle... manho na Pracil. A tuktur Knipping canhel este, tias ung toengsa muide zafado, te abentifide no parigi, to elle, e bra iste ful bra O MANHO, que rasca dudes e buxá os grippos e tispois gom ung tiporinne te gordá os unhes cli gordel uma betaslnhe te d'ippo fininho, gome uma tédlhe, te griangse. Mas esta dripo dinha ung kadinko, uma fetocoor tiscrasade, gue guag a chende nong bolia acuená gom a narraz tis-dabado!

Felisme de o oberrasong gori muide peng, seng noftades, e a nosa ministre chá stá odreveis na Rio de Chanerra, bron-dinhe bra durrá odra abentifide... Crassa bra Teus.

O MANHO gumbrimende a tuktur Knipping e tá barrapengs.

MOTINHES

Liberral tá picho ruim, Nong acyanda mais dirrong, Cridda muide, fais parrulhe, Mas non canha eleisong...

A Fals Indong stá durruns, Fals gome a Br... Garnerra, Cridda tas liberrais: — Gome gue stá no materra...

Bor iste, no Sand Cadrin, Gueng muide é a minha ermong Kondor stong stá te prigugada Guen ta ma: — vae fakong!... FIKTOR KONDER.

O Manha

Zubblemend to Alle... manho

Direktor indarriaha: HUM BERTUS VON KIPPING

O Grise Allemong

O reunion tos zéde bodengsies — O tisugosong brasima to grise allemong — Brimerra: na Barris, tispois na London — Bra ultiama: na Berlin — O dabasong tas allemongs e o bietade ta breoitende Hoover... — Balbides

Nadurralmente, gom este hisdorrie ta reunion te milistres finanszeres no Oiro-bra bra tisugur os gontiosos to morradorie que a breoitende Hoover ofret bras allemongs e bra os odres nasong e ella nong bode bacá, elle vae figá pangarotta, as nordamerrikanas nunga mais vong respé os lides que as alliaades deng te bacá bro elles. Uma brechuisa indektraal!

derro bra bacá ung gotez que elle nong gom? Endong iste está chusata? Mas a breoitende Hoover dampeng nong estava "droza", elle fia peng bra longhe e gombrebentá a branco tas allemongs. Orta, se o Alle...manho deng que bacá bras andigues alliaades ung borsong te milions e ella nong bode bacá, elle vae figá pangarotta, as nordamerrikanas nunga mais vong respé os lides que as alliaades deng te bacá bro elles. Uma brechuisa indektraal!

O MANHO

A nosa ebornalcinhe está, latakuttelmente, uma órkong moterna te lmbrenga moterna dampeng. Bra isto nois siong vomes medir sagritales e está agombanhande as nosas gollgues madudines e noldedines, aukmendande sambre mais o noso chá enorme kalerrie te gollporatorres e eng cherral, dundes serlices te nodiales, ingformazong e seksongs liderarries. Foi asing que nois fui brigarra, gom muide gutade e muide adenzong, no fox elemendes indegduala que veng aphanhada os nosos chá prilhanes gollmesas. Bra hoche nois deng a indratucifel bracer te abreceda a nosa noia. Idurra gombanberra, a indlegduali allemong senhor toktor H. Walden. Iderrade te reall merrosimende nong só na Pracil como, brigabalmende, no Alle...manho.

A MAIS MAIOR

Ung nodisie seng funtamende — A mais maior zepelling ta mundo — Gueng deng a mais maior está sambre o Alle... manho

As ebornalcinhes te doedong publiquei ung nodisie te que as nordamerrikanas chá gondruirong uma nozo tirtichifel te paoling, gome as zepellingas allemongs (nadurralmente ung imidazong gobiade tas allemongs) e que elles tis que está a mais maior ta mundo! Nois nong agretita neste nodiale; nadurralmente está uma poate ingfuntada. O Alle...manho annga nong vae breimidie que as odres ehendes vong faleó gises mais maiores gome ella fala. Esta está uma tifaforra que as allemongs nong avenda! O Alle...manho dinha a vabour mais maior ta mundo; ella dinha a Bismark mais maior ta mundo; ella dinha o zurra mais maior ta mundo que ella tel bras frangais na 1870; ella deng a nosa Hindenburg, a marrejal mais maior ta mundo; ella dinha a Richard Wagner, a musicande mais maior ta mundo; ella dinha a Wolfgang Goethe, a boeta mais maior ta mundo; ella fia o

Frio e Galoor

(boema bra ekeberriengale te gollporasong fetigade bra senhor "Seu Marsella")

GANDO I

O! bucha tiabo! está faicendo frio! A chende chá barceisa gopertor! Bra se esguendá, tinoide, no seu gama E bra canhá ung pokade te galoor!

GANDO II

Noite te ingferno, frio, nong está zóppa! Deng que pebé ung pepitine guende... Senong, a chende figa ingarrakade E nong bode egrefé (nadurralmente!...)

GANDO III

Bra isto en tis bra dudes, gom frangéa E gom zingerridade te allemong: — Anden te Teus mantar ingferno frio, Estava mais melher mantar fregio!

GANDO IIII

Gom a ferrong a chende deng galoor. Gom a galoor a chende vae suá. Gom a suor a chende vae pebé, E gom a chopp a chende vae goá...

GANDO IIIII

O! bucha tiabo! Que pong! Que pong! Que agaba a ingferno E veng ferrong!...

H. WALDEN.

(boeta allemong e engchebherra telephoniste).

A DO-X

A parrulhe na Sang Paulo e a parrulhe na DO-X — A gornel Chuong Alpert e a gabidong Kristiansen — Tois ingrenkes barresides — O paderna ta DO-X chá se agapei — A parrulhe na Sang Baulo está zafade

Tuas parrulhes arependel nestes ties: brimerra, o pris borgause to gommantazong ta grande arrioblane allemong DO-X, e a odra, borgause to cofernazong te Sang Baulo. A gommantazong gabidong Kristiansen figui prabo gom as Dornier e fia ung esgulhampasong: betiu timisong e fui simpora no Alle...manho. Na Sang Baulo a gornel Chuong Alpert dampeng fia uma gudepoi e mantel dudes blandá padates. O ingrenko allemong siong ung esgulhampasong: crassa bra Taus! A gabidong Kristiansen tejei a DO-X e fui simpora no Alle...manho. As allemongs te lá mantel bra gá a senhor Frita Hammer bra elle figá gommantazong ta grande arrioblane, e elle figui: Brimerra a gabidong Kristiansen fia uei asing, meta "ofald", gueria se engonotá, faleó parrulhe, príká e madá a chende; mas liuols pebi umas choppa tuples e figui gúletto. Mas a "sururrá" pracler-ra ta Sang Baulo... nong está zóppa... As baulistes nong gueria a Chuong Alpert borgause que elle nong burlava, elle estava esdrangcherra... Accra a coferna ta Rio mantel bra lá uma bauliste mesma, e ainta elles nong averi dampeng nong bresta! O paderna ta DO-X chá se agapei. As allemongs estong chende tistibnades, tistibnades e badridodes. O paderna te Sang Baulo ainta nong se agapei. Nadurralmente, estes chendes nong estong allemongs... e bor isto elles ainta nong ajei a sua Frita Hammer. A DO-X, bórreng, chá ajei.



Zubblemend to Alle... manho

Direktor indarrinha: HUMBERTUS VON K'PPINING

Os Gonsdibasongs

A Rio, o sítide formitavel tos marrafilhes e tos... gonsdibasongs. Gwande fais inferno e gwande fais ferroug? Atching!... Atching!... Tisdillasong nassaal. Dóses, bigares e gadhares.

Chende te féro!

— A Rio te Chanerra, ties a garradurrate Beng, françois que costa te faicé pogrinhos com a sua labia, a Rio está ung sítide formitavel, marrafilho!

— Sing, sing a zenhor Seng deng raçong, elle viu a Rio na ferroug, ou no Brimmafeia. Se ella ja foldá acora bra Rio, gom estes ties te juva e frio que a chende está acundando dudo semana, endong elle tícê que a Rio estava dampeng o sítide te krippe, tos gonsdibasongs.

Nadurralmente, a chende nong sabe guande está ferroug e guande está inferno! Te manhang a chende vae simpóra bra o rua gom sol, teu aquí. Tenoides folda bra o gasa gom ung juva frio, molhada, tiscrasadei e muides veis a chende deng que figá tendro ta ponde ou ta omipus, ou ta dáci ung bore, tois e dreis hores, eberrende que a juva vae barra e o enjende vae se apachá! Odrés veis a chende vae simpóra te manhang gom gabodes e sopredades, diridando te frio, e guande foita tenoides, veng suande gom a galoor e tanadinho bra domá uma chopp cheiasade bra se refraga!... Realmente, zenhor Seng, a Rio está ung sítide formitavel!

Acora mesma, a chende só vae engondrade no rua e nos gaset, chende ebrrende: — Atching! Atching! Atching!... — e immetiadamente a narris bringibla te binka.

SYNDICATO CONDOR



Significa perfeita SEGURANÇA

para os passageiros como prova o compromisso de indemnização voluntariamente assumido pela empresa.

Partida dos aviões: Terça e sexta-feira para o Sul até Rio Grande.

2.ª feira para o Norte até Natal. Mais avião fecha na véspera da partida, às 18 horas. No Correio Geral às 24 horas.

Informações: Herm Stoltz & Cia.

AV. RIO BRANCO, 88-94

TEL. 4-8122

Os griangsinhes

Os griangses estong pichinhos muides berricozes...

Quando ung griangse fais ung brikunde bra chende crande, a chende nong bode figá galadee, deng que rebonit. Se a chende nong rebonit, o griangse logo vae bengá que a chende nong sabe nada.

— Eu me lempro que ung veis ung griangse te uma minha ficinhe brikunde bra sua balai to ella.

— Bah, gome é que a chende nase?

— Imachina du gome nong figuel esta babal to griangsei Elle figuel b'rimera fermeio, tipois maralla, e bra uidi-ma prango e ferde! Bengáel uma momenda, e tipois rebonit!

— Minha filhinhe, a chende e babal e mamal, se essa e figa morrade chundes, gomoendo chundes, pebendo chundes, etc, etc. Mas, na durralmente, a chende nong bode figá chundinha, seng faicé nada, deng que drapalhá bra canhá timerra, deng que canhá timerra bra gomará te gora e te fessid, deng que gomá bra susdenda, se-nong a chende vae more. E endong a chende edeng que figá sócinhe: a babal na em-briga, drapalhando e canhando timerra, e o mamal tendro to gasa, arumande os gales e falendo o gomide bra chende.

E endong a chende figa drade, e boga te bengá te canhá uma pênscinhe bra priná gom a chende. E endong a chende mania uma dilkrammo bra Storch — (Chuog Crande, que dampeng se jama "Zecohna"), be-tinde bra elle dradé ung griangsinhe bra chende.

E endong esta babal ek-shiguel bra o seu filhinhe vae a Chuog Crande está uma basarrinhe asing crande!!! que deng ung borosong te griangsinhes bra drade bra o mamal te chende, mas elle só drapalhá griangses bra chende pong, tirreido e te chuia.

A chende bode o griangsinhe bra elle (gome a chende guer: rabalcinhe ó menina), e endong a chende técha te-noide ung chanelia aperto e te mstrukade a Chuog Crande veng som o griangsinhe binturade na piko e te-cha elle teidatnhe engama to chanelia. E te manhang, guande a chende se agorda, chá o griangsinhe está all jorrade bra canhá didita.

A chende allemong gonda asing o hidorrie broe griangses guricases e tenoide, guande elles veng no gama falce nana, elles veng zombá e vé esta Chuog Crande som ung borosong te griangsinhes binturades na piko, techan-do elle brasma tos chanelles tas babals e tos mamais, e veng se grande sembre gom este Rapors: surlinhe te inno-sensia e te castelhe bra Teus e bras babais to elles.

As pracllerres chá estong tifferrendes tas allemonga. Elles logo veng falando te "Cé Berterra", te barderra, te kitor gom feramendes, obry-raçong, etc., etc.

Bra isto a chende vé que os griangses allemong estong muides inrolhentas, innocen-des, indé 14, 16 e 18 annes, e bra odrá lado, os griangses

O Zicára e o Formigo

(ta zenhor Lafont N)

Dratwong e atadapong te Alex. Franck.

O zicára está uma picho Gue nunga vae drapalhá! Na ferroug, a tia inderra, Nada mais fais que gandá!...

O formigo, bra gonderrie, 56 drapalha noide e tia, Garecande na ferroug Bra gomé na inferno fria.

Ung veis o zicára fui Betir gomé bra formigo, E tíce que dinsa fome, Estava facio e parigo...

O formigo olhei bre ella E típsio le brigunde! — Gue gue du fix na ferroug? Berguá du nong drapalhé? —

— O! formigo, me tesculha, Mas... eu dirinhe que gandá, Eu afuava e xandava Indé me se arpendá!

Ha! ha! endong du gandava Noide e tia seng barrá? Beis acora, fakapunda, Vae timpora! vae tangá!...

Este historia fais lempá — Tirreidnhe, daal e gwaal, A allemong e a pracllerra — Bucha tiabe nochmaal!!!!...

Jarrades

Este jarrade nong está meama uma "enikma" e está asing:

— Ung gaise ingongreto, marrelo, gom ung gamade prango te seguma bradina. A sua nome deng é ledra, mas ademete tota ikuals. Os tois ledres ikuals estong — pp — deng dampeng uma — O — na bringsible e ung dára te-ntinlne que dudo griangses no escola chá gombeeng. Nong se léve aguecé que deng dampeng uma — h —

Este gaise nong se bode tícê sue: está ung gaise ruins, muidissime chende que costa bre ella, nodadamente a chende te uma bals ta norde to Otroba, chende que deng gapeles dampeng marréles gome este gaise.

Ne ferroug, endong, bucha tiabo... dudo mundo vae brigurrade bre elle.

Queng vae atifinhá esta enikma? A sua nome está asing: p. h. vv. o. p. c. Deng chunde unx ledra que é só bra adrapalha...

DR. FRITAS FILHO

ADVOGADO

Edifício Imperio — Sala 88-9

TEL. 3-6977

pracllerres, endong ainta be-guacninhos e chá estong "ap-nides sanétes e karalines bra ju-ju"...

Goadumes... op, daivei demberremendes.

O feichoade

Noung estong ademete ab pracllerres que costeng te ung pong feichoade.

Nois allemong dampeng sabe faicé e sabe gomé ung feichoatinhe to "bondinhe"... Nadurralmente, deng que leva ung borosong te mledurades: garne te borio, garne sekko, doisinho, hikulase, sarlinhes te lades, hadande bimendinhes malakéites, se-polas, etc., etc.

Tiapsio veng bra o mome, atonda a chende chá está sendado, eberrende, gom as tendes atisaades...

A chende engche uma bra-to funda te feichoade, mledurra farrinhe te manho, fais ung biazoca peng me-licia e tipois: té-le feichoag bre tendro!

A chende gome, tuas ou dreis bratas jeica, tipois nong se gome mais nada.

Nadurralmente, nong se gome nada, mas se bode, se léve pebé brasima to feichoade umas borosong te choyes fumes, tas grandes... Tiapsio... bucha tiabo!... e chende canha uma som tícê crande que bracler te no ga-ma dirá ung gonéle...

O feichoade fui ung goidé muidé pong que as pracllerres invidencia, e a chopp tipis está ingtanoag allemong.

ANEXO 3 — Tirinhas *Hans e Klaus*, de Poerner, publicadas diariamente no jornal catarinense *A Notícia*.

